UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

GIOVANA MARTINS DE CASTRO MARQUEZE

**Proposta de um vocabulário bilíngue de festas populares brasileiras
baseada em um estudo de *corpus***

(Versão corrigida)

São Paulo

2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

**Proposta de um vocabulário bilíngue de festas populares brasileiras
baseada em um estudo de *corpus***

Giovana Martins de Castro Marqueze

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Tradução do Departamento de Letras
Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção
do título de Mestre em Letras.

(versão corrigida)

De acordo,

Prof. Dra. Stella Esther Ortweiler Tagnin
(orientadora)

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

MM357p Marqueze , Giovana Martins de Castro
Proposta de um vocabulário bilíngue de festas
populares brasileiras baseada em um estudo de corpus
/ Giovana Martins de Castro Marqueze ; orientadora
Stella Esther Ortweiler Tagnin. - São Paulo, 2018.
202 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Estudos da Tradução.

1. Linguística de Corpus. 2. Referentes Culturais.
3. Textos Turísticos. 4. Vocabulário. 5. Tradução. I.
Tagnin, Stella Esther Ortweiler, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Giovana Martins De Castro Marqueze

Proposta de um vocabulário bilíngue de festas populares brasileiras baseada em um estudo de *corpus*

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, Área de Estudos de Tradução, da Universidade de São Paulo, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras.

Aprovada em: _____ / _____ / _____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sérgio e Inez, e meu irmão, Yuri, que sempre acreditaram, me apoiaram e me incentivaram em cada etapa da vida.

Ao meu marido, Gustavo, pelo apoio, paciência, carinho e atenção durante todo esse processo e pelas pequenas comemorações ao longo do caminho.

À minha orientadora, Stella, por ter acreditado em meu projeto e por todos os inúmeros ensinamentos nesses últimos anos.

Às minhas queridas amigas Flávia e Cris, por tudo. Vocês sabem exatamente o que esse “tudo” significa.

Às queridas amigas Vera e Isabela, pelo ombro e pelas palavras de incentivo.

À minha cunhada, Taíssa, pela paciência e sensatez que me inspiram, às amigas Renata, Beatriz e Marcela pelos abraços e pelas risadas, à querida Ju Hass, pelos conselhos, à Jaqueline, pelas contribuições com relação às festas do Norte e ao Regis, pelo apoio nessa etapa final.

Aos meus estimados alunos, pela paciência e pelo apoio.

Aos professores John Milton, João Azenha Jr., Heloísa P. Cintrão e Ângela M. T. Zucchi pelas contribuições valiosas.

E aos meus colegas do projeto Comet e do Great, cujos comentários preciosos sobre minha pesquisa converteram-se em vários parágrafos desta dissertação.

RESUMO

MARQUEZE, G. M. C. **Proposta de um vocabulário bilíngue de festas populares brasileiras baseada em um estudo de *corpus***. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. 202p.

O objetivo desta pesquisa é propor um vocabulário bilíngue na direção português/inglês sobre festas populares brasileiras, tendo como público-alvo profissionais que lidam com guias turísticos em inglês sobre o Brasil, sejam eles traduções ou produções nesse idioma. A pesquisa tem a Linguística de *Corpus* como aporte metodológico e faz uso de um *corpus* paralelo composto por textos turísticos sobre o Brasil escritos originalmente em português e suas respectivas traduções para o inglês; e de um *corpus* comparável composto por um *subcorpus* com textos turísticos sobre o Brasil escritos originalmente em português, e outro *subcorpus* contendo textos turísticos escritos originalmente em inglês. Com o *corpus* paralelo objetivamos identificar os desafios encontrados pelos tradutores ao depararem com os referentes culturais relativos a festas populares brasileiras para que pudéssemos pensar uma obra terminográfica que vá ao encontro de suas necessidades. A análise desse *corpus* está pautada na Teoria Funcionalista da Tradução e as soluções encontradas pelos tradutores foram descritas segundo a lista de estratégias de tradução para referentes culturais de Marco (2002). Com relação ao *corpus* comparável, este nos ajudou nas escolhas lexicais para a redação das definições das entradas na obra além de nos ter auxiliado a determinar quais informações os verbetes deveriam conter. O vocabulário proposto tem como base a Teoria Comunicativa da Terminologia de Maria Teresa Cabré (1999).

Palavras-chave: Textos turísticos. Linguística de *Corpus*. Referentes culturais. Vocabulário. Tradução.

ABSTRACT

MARQUEZE, G. M. C. **A bilingual vocabulary of Brazilian festivals: a model based on a *corpus* study**. 2018. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. 202p.

The aim of this research is to propose a bilingual vocabulary (Portuguese/English) of Brazilian festivities, which has as its target audience professionals who produce tourist texts in English about Brazil, being them translations or texts written originally in this language. The research has *Corpus* Linguistics as its methodology and uses a parallel *corpus* composed of tourist texts about Brazil written originally in Portuguese and their translations into English; and a comparable *corpus* composed of a *subcorpus* with tourist texts about Brazil written originally in Portuguese and by a *subcorpus* with tourist texts written originally in English. With the parallel *corpus*, we identified the challenges encountered by translators when coming across cultural words related to Brazilian festivities in order to propose a reference work that can meet their needs. The analysis of this *corpus* draws on the functionalist view of translation and the solutions found by the translators were described according to a list of strategies for the translation of cultural words developed by Marco (2002). As regards the comparable *corpus*, it helped us with the lexical choices for the definitions of each entry. It also revealed the information each entry should contain. The proposed vocabulary is based on Maria Teresa Cabré's Communicative Theory of Terminology (1999).

Keywords: Tourist texts. *Corpus* Linguistics. Cultural words. Vocabulary. Translation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Festas populares e turismo	12
Necessidade de uma obra terminográfica na área.....	13
Descrição da pesquisa.....	14
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
1.1 Textos turísticos	16
1.1.1 Textos turísticos na tipologia textual de Reiss (1971).....	17
1.2 Funcionalismo	18
1.2.1 A tradução de referentes culturais nos textos turísticos sob a ótica do Funcionalismo	22
1.3 Estratégias de tradução para referentes culturais de Marco (2002)	24
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA.....	27
2.1 A Linguística de <i>Corpus</i> como aporte metodológico na proposta de uma obra terminográfica.....	27
2.1.1 Tipos de corpora	28
2.1.2 Ferramentas computacionais utilizadas	30
2.1.3 Os <i>corpora</i> de estudo e de referência	35
2.2 A Proposta de uma obra terminográfica dentro da Teoria Comunicativa da Terminologia	47
CAPÍTULO 3: ANÁLISES	52
3.1 Análise de “bumba meu boi”	53
3.1.1 “Bumba meu boi” nos guias estrangeiros.....	55
3.1.2 Exemplo de verbete	57
3.2 Análise de “boi(s)-bumbá(s)”	59
3.2.1 “Boi(s)-bumbá(s)” nos guias estrangeiros.....	61
3.2.2 Exemplo de verbete	62
3.3 Análise de “Festival Folclórico de Parintins”	64
3.3.1 “Festival Folclórico de Parintins” nos guias estrangeiros	65
3.3.2 Exemplo de verbete	66
3.4 Análise de “Boi Caprichoso” e “Boi Garantido”.....	68
3.4.1 “(Boi) Caprichoso” e “(Boi) Garantido” nos guias estrangeiros.....	69
3.4.2 Exemplo de verbete	70
3.5 Análise de “Bumbódromo”.....	73
3.5.1 “Bumbódromo” nos guias estrangeiros	74
3.5.2 Exemplo de verbete	75
3.6 Análise de “carnaval”.....	77
3.6.1 “Carnaval” nos guias estrangeiros.....	77
3.6.2 Exemplo de verbete	79
3.7 Análise de “escola(s) de samba”	81
3.7.1 “Escola(s) de samba” nos guias estrangeiros	81
3.7.2 Exemplo de verbete	82

3.8 Análise de “marchinha”	84
3.8.1 “Marchinha(s)” nos guias estrangeiros	84
3.8.2 Exemplo de verbete	85
3.9 Análise de “samba”	87
3.9.1 “Samba” nos guias estrangeiros	87
3.9.2 Exemplo de verbete	88
3.10 Análise de “samba-enredo”	90
3.10.1 “Samba-enredo” nos guias estrangeiros	90
3.10.2 Exemplo de verbete	91
3.11 Análise de “sambódromo”	93
3.11.1 “Sambódromo” nos guias estrangeiros	93
3.11.2 Exemplo de verbete	94
3.12 Análise de “abadá”	97
3.12.1 “Abadá” nos guias estrangeiros	98
3.12.2 Exemplo de verbete	98
3.13 Análise de “axé (music)”	101
3.13.1 “Axé (music)” nos guias estrangeiros	102
3.13.2 Exemplo de verbete	102
3.14 Análise de “bloco(s)”	105
3.14.1 “Bloco(s)” nos guias estrangeiros	107
3.14.2 Exemplo de verbete	109
3.15 Análise de “trio(s) elétrico(s)”	111
3.15.1 Trio(s) Elétrico(s) nos guias estrangeiros	112
3.15.2 Exemplo de verbete	113
3.16 Análise de “frevo”	116
3.16.1 “Frevo” nos guias estrangeiros	117
3.16.2 Exemplo de verbete	118
3.17 Análise de “Bonecos Gigantes”/“Bonecos de Olinda”	120
3.17.1 Bonecos Gigantes/Bonecos de Olinda nos guias estrangeiros	122
3.17.2 Exemplo de verbete	123
3.18 Análise de “Círio de Nazaré”	125
3.18.1 “Círio de Nazaré” nos guias estrangeiros	126
3.18.2 Exemplo de verbete	127
3.19 Análise de “Festa do Divino (Espírito Santo)”	129
3.19.1 “Festa do Divino (Espírito Santo)” nos guias estrangeiros	131
3.19.2 Exemplo de verbete	133
3.20 Análise de “Cavalhada(s)”	135
3.20.1 “Cavalhada(s)” nos guias estrangeiros	137
3.20.2 Exemplo de verbete	138
3.21 Análise de “Festa(s) Junina(s)”	140
3.21.1 “Festa(s) Junina(s)” nos guias estrangeiros	143
3.21.2 Exemplo de verbete	144
3.22 Análise de (Festa de) São João	146
3.22.1 “Festa(s) de São João” nos guias estrangeiros	150
3.22.2 Exemplo de verbete	151
3.23 Análise de “arraial”	153
3.23.1 “Arraial/arraiais” nos guias estrangeiros	156
3.23.2 Exemplo de verbete	156
3.24 Análise de “forró”	158
3.24.1 “Forró” nos guias estrangeiros	161

3.24.2 Exemplo de verbete	163
3.25 Análise de “quadrilha”	165
3.25.1 “Quadrilha(s)” nos guias estrangeiros	168
3.25.2 Exemplo de verbete	169
3.26 Análise de “xote”	171
3.26.1 “Xote” nos guias estrangeiros	172
3.26.2 Exemplo de verbete	172
3.27 Análise de “xaxado”	174
3.27.1 “Xaxado” nos guias estrangeiros	174
3.27.2 Exemplo de verbete	175
3.28 Análise de “Quentão”	177
3.28.1 “Quentão” nos guias estrangeiros	178
3.28.2 Exemplo de verbete	178
3.29 Análise de “pé de moleque”	181
3.29.1 “Pé de moleque” nos guias estrangeiros	181
3.29.2 Exemplo de verbete	182
3.30 Análise de “Procissão do Fogaréu”	184
3.30.1 “Procissão do Fogaréu” nos guias estrangeiros	185
3.30.2 Exemplo de verbete	187
3.31 Análise de “Tambor de Crioula”	189
3.31.1 “Tambor de Crioula” nos guias estrangeiros	190
3.31.2 Exemplo de verbete	190
CONSIDERAÇÕES FINAIS	193
Análises das estratégias de tradução e Funcionalismo	193
Análises e proposta do Vocabulário Bilingue de Festas Populares Brasileiras	196
Textos turísticos nos cursos de formação de tradutores	197
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	199

INTRODUÇÃO

O turismo é uma indústria em constante expansão que impacta positivamente a economia de diversos países. Segundo um estudo conduzido pela *Oxford Economic* para o *Conselho Mundial de Viagens e Turismo (World Travel & Tourism Council - WTTC)*, um em cada dez empregos está relacionado ao setor turístico, o qual responde por 10,4% do Produto Interno Bruto (PIB) global. Esse mesmo estudo apontou que o setor foi responsável pela injeção de US\$ 163 bilhões no Brasil em 2017, representando 7,9% do PIB brasileiro no ano¹. Nesse ano, o país registrou a entrada de 6.588.770 turistas internacionais, um número recorde que representa um aumento de 42 mil visitantes em relação a 2016, ano de Olimpíadas no Brasil².

A fim de que esse grande fluxo de turistas tenha acesso a informações sobre os vários serviços oferecidos pelo setor turístico, como hospedagens, restaurantes, passeios e eventos populares, por exemplo, textos turísticos em forma de panfletos, brochuras, revistas de bordo, pôsteres, *websites*, guias de viagem, dentre outros, são produzidos em larga escala e em diversos idiomas (MARQUEZE, 2018). Merkaj (2013) explica que as imagens dos locais divulgados constituem um importante elemento de atração para os turistas, mas de nada adiantarão se esses materiais falharem em apresentar uma linguagem inteligível ao público ao qual se destinam. Afinal, é comum que os viajantes tenham suas primeiras impressões sobre o lugar que pretendem visitar por meio desses textos. Não raro, esse primeiro contato com a cultura estrangeira se dá pela tradução de um texto turístico (KELLY, 1997; MERKAJ, 2013). Recai sobre o tradutor, portanto, a responsabilidade de ser o mediador nessa operação que tem o objetivo de apresentar uma cultura a alguém que, possivelmente, nunca tenha ouvido falar dela, fazendo-o de tal maneira que o convença a deixar sua rotina temporariamente para se aventurar em terras desconhecidas, dispendendo dinheiro e, conseqüentemente, contribuindo para a economia local.

Essa não é uma tarefa fácil. Por terem um vasto conteúdo cultural, referentes culturais³ abundam nos textos turísticos, sendo um problema de tradução constante com o qual os tradutores devem lidar. Alguns exemplos de referentes culturais encontrados nos textos turísticos são os biomas, nomes de pratos típicos, nomes de instituições, meios de transporte,

¹ BRASÍLIA. Agência de Notícias do Turismo. Ministério do Turismo. **Turismo injetou US\$ 163 bilhões no Brasil em 2017**. 2018. Disponível em: <www.turismo.gov.br>. Acesso em: 24 jun. 2018.

² BRASÍLIA. Darse Júnior. Ministério do Turismo. **Brasil recebeu mais estrangeiros em 2017 que nos anos da Olimpíada e da Copa do Mundo**. 2018. Disponível em: <www.turismo.gov.br>. Acesso em: 24 jun. 2018.

³ Vide definição de *referentes culturais* em 1.2.1

ritmos, danças e festas populares, sendo estes o foco do presente estudo, sobre os quais discorreremos na próxima seção. Segundo Lucas (2012), os referentes culturais representam um verdadeiro desafio para os tradutores, que, além de compreenderem a carga cultural desses termos em seu próprio idioma, precisarão eleger, dentre as diferentes soluções de tradução encontradas, a mais adequada e pertinente ao trabalho sendo realizado. Ainda assim, Kelly (1997) e Muñoz (2012) lembram que o setor turístico tem o hábito de contratar tradutores amadores e despreparados, o que resulta em traduções de baixa qualidade, transmitindo, conseqüentemente, uma imagem negativa do local divulgado. Isso se deve, segundo Merkaj (2013), ao fato de que os textos turísticos são “ilusoriamente” fáceis para aqueles que encomendam a tradução devido à presença de uma linguagem mais geral. Na verdade, esses textos, além da dificuldade de tradução apresentada pelo seu abundante conteúdo cultural, ainda trazem termos de várias áreas do saber, como arquitetura e história, por exemplo. A má qualidade das traduções do setor já foi alvo de críticas de autores como Duff (1981), Snell-Hornby (1999a) e Costa (2006). Evidenciando características de textos publicitários nos textos turísticos, Snell-Hornby (1999a) afirma que a publicidade eficaz é essencial a países que dependem do turismo, como o Brasil e a Espanha, de modo que as traduções desses textos devem ser pensadas com cuidado.

Festas populares e turismo

Representando momentos de grande importância social, as festas populares são, segundo Caponero e Leite (2010), elementos característicos do modo de vida de um povo e são preparadas e custeadas de acordo com as regras de cada comunidade que as organiza. Essas regras correspondem a um conjunto de atividades ritualísticas, relativamente tradicionais, que carregam uma ideologia cheia de símbolos, valores e crenças, que são reforçados pela festa em si (CAPONERO; LEITE, 2010).

Caponero e Leite (2010) lembram que as festas populares brasileiras não tiveram origem no Brasil, mas foram trazidas pelos colonizadores portugueses e invasores do período colonial, que as consolidaram. Com o tempo, os rituais dessas festas foram incorporando tradições africanas e indígenas, além de serem influenciados pelos povos que imigraram para o Brasil no século XIX, ganhando nova roupagem de acordo com o local onde são celebrados, tornando-se, portanto, tipicamente brasileiros. Dessa forma, as festas populares brasileiras foram se

diversificando e, constituindo-se como patrimônios culturais privilegiados, atraindo cada vez mais o interesse dos turistas que buscam na sua especificidade cultural os elementos para seu lazer (CAPONERO; LEITE, 2010; FERREIRA, 2005).

As festas passam, então, a crescer e a ocupar espaços que são disputados tanto pelas cidades pequenas como pelas metrópoles, as quais fazem uso de meios de comunicação eficazes para atrair um número considerável de turistas. Estes podem significar, nas palavras de Caponero e Leite (2010, p. 108), “a possibilidade de salvação econômica e desenvolvimento social”. Os autores acrescentam que essas festas são, assim, transformadas em um recurso cultural de grande poder político e econômico, tornando-se mercadoria para a expansão do turismo. Um exemplo é o *Festival Folclórico de Parintins*, no estado do Amazonas. A disputa entre as duas grandes associações folclóricas locais, denominadas “bois” – o *Boi Caprichoso* (de cor azul) e o *Boi Garantido* (de cor vermelha) –, ganhou tamanha notoriedade que faz com que grandes marcas adaptem a cor de suas logomarcas para atenderem aos torcedores dos dois grupos. É o caso da Coca-Cola, caracterizada pela forte cor vermelha dos seus rótulos, coincidentemente, a cor do *Boi Garantido*. Para agradar também à torcida do *Boi Caprichoso*, a famosa marca de refrigerantes produz, durante o festival, rótulos nas duas cores, vermelho e azul, único momento em que utiliza esta cor, de sua principal concorrente, a Pepsi.

Necessidade de uma obra terminográfica na área

Conforme visto acima, é inegável a importância das festas populares no desenvolvimento do turismo local, assim como é evidente a importância de textos turísticos bem escritos e bem traduzidos para que viajantes sejam atraídos para essas festas. Porém, os parágrafos anteriores mostraram que a tarefa de traduzir esses textos está longe de ser um processo descomplicado, já que o tratamento a ser dado aos referentes culturais impactará em quanto bem-sucedidos esses textos serão quando alcançarem seus leitores-meta. Kelly (1997) explica que esse abundante conteúdo cultural dos textos turísticos exige dos tradutores a habilidade de conduzir uma pesquisa minuciosa sobre o termo a ser traduzido para que as informações possam ser transmitidas da maneira mais clara possível, garantindo uma comunicação bem-sucedida entre a cultura local e a estrangeira. Para tanto, é imprescindível que existam obras de qualidade nas quais os tradutores desses textos possam se apoiar. Não existe, porém, que seja de nosso conhecimento, uma obra terminográfica bilíngue publicada no

par de línguas português/inglês que traga especificamente termos relacionados a festas populares brasileiras, nem à cultura brasileira em geral. Mencionamos o inglês em especial por se tratar de um idioma para o qual grande quantidade de textos turísticos são traduzidos, alcançando, assim, um público universal.

Aliando a importância das festas populares na angariação de turistas aos desafios de tradução relacionados a referentes culturais em textos turísticos e à falta de uma obra terminográfica bilíngue na área de festas populares brasileiras, propomos, nesta pesquisa, uma obra terminográfica bilíngue (com entradas em português e definições em língua inglesa), enciclopédica (para trazer todo o tipo de informação útil ao consulente), *online* (para que *links* de vídeos do *YouTube* pudessem ser adicionados para uma melhor contextualização do termo buscado), de termos do campo temático de festas populares brasileiras que tenha como público-alvo profissionais que produzem textos turísticos em inglês sobre o Brasil, sejam eles traduções ou produções nesse idioma.

Descrição da pesquisa

Esta pesquisa tem a Linguística de *Corpus* (doravante LC) como aporte metodológico e foi conduzida a partir do estudo de dois *corpora*: um *corpus* paralelo com textos turísticos escritos originalmente em português e suas traduções para o inglês e um *corpus* comparável com textos turísticos escritos originalmente em português e textos escritos originalmente em inglês.

Primeiramente, do *subcorpus* de textos escritos originalmente em português extraímos os referentes culturais para análise, os quais, por sua vez, vieram a ser as entradas dos verbetes da obra terminográfica.

Em seguida, com o *corpus* paralelo, analisamos a forma como os tradutores dos textos turísticos selecionados verteram esses referentes culturais para o texto-meta (doravante TM) a fim de, primeiramente, identificarmos de quais estratégias os tradutores lançaram mão para o cumprimento dessa tarefa e verificarmos se havia alguma padronização em sua escolha. Para tanto, tivemos como base a lista de estratégias de tradução de referentes culturais proposta por Marco (2002). Em seguida, analisamos as estratégias utilizadas para investigarmos se as soluções encontradas pelos tradutores contribuíram para que o TM cumprisse seu propósito na

cultura-meta. Aqui, nos alicerçamos na teoria funcionalista da tradução, que tem como foco a função do TM na cultura-meta, função essa que deve nortear a tomada de decisões durante o processo tradutório. Esses dois passos de análise do *corpus* paralelo nos auxiliaram na identificação dos desafios encontrados pelos tradutores ao depararem com os referentes culturais relativos a festas populares brasileiras para que pudéssemos pensar uma obra terminográfica que fosse ao encontro de suas necessidades.

Já com o *corpus* comparável, tivemos o propósito de estudar como esses referentes culturais são tratados nos textos turísticos escritos originalmente em inglês, o que nos auxiliou nas escolhas lexicais para a redação das definições das entradas na obra terminográfica, as quais foram redigidas nesse idioma. Porém, nosso estudo revelou que discorrer sobre as festas populares brasileiras é um desafio para os autores estrangeiros dos textos turísticos que utilizamos para compor nosso *corpus* comparável. Informações inconsistentes trazidas pelos três guias utilizados nos direcionaram no sentido de definir as informações que os verbetes deveriam trazer. Dessa forma, esperamos ter sido possível propor uma obra terminográfica que auxilie também autores estrangeiros que devem se aventurar a escrever sobre as nossas complexas festas populares.

Esta dissertação está dividida em três capítulos: no *capítulo 1*, são descritos os pressupostos teóricos no qual este estudo se baseia, como a tipologia textual de Reiss (1971), a teoria funcionalista e as estratégias de tradução de Marco (2002) para referentes culturais. No *capítulo 2*, discorreremos sobre a metodologia empregada para a análise dos termos e elaboração da obra terminográfica, e sobre os pressupostos da Terminologia nos quais a fundamentamos. No *capítulo 3*, expomos as análises de cada termo seguidas de seus modelos de verbete. Encerramos este trabalho com as *Considerações Finais* e as *Referências Bibliográficas*.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Textos turísticos

A implantação do turismo como atividade profissional no século XIX⁴ favoreceu o surgimento de um novo gênero textual⁵: o guia de viagem. Em 1853, o autor e editor inglês John Murray publicava a nona edição revisada de seu guia de viagem sobre o Norte europeu⁶. Em seu prefácio, o autor condena os guias que haviam sido publicados até então por trazerem descrições generalizadas escritas por pessoas que nunca haviam estado nos lugares sobre os quais discorriam. Sendo o precursor dos guias de viagem como os conhecemos (KOSHAR, 1998), o referido guia de Murray continha uma linguagem direta e concisa, apontava, com adição de algumas curiosidades, os lugares e monumentos mais interessantes de serem visitados, apresentava tabelas de conversão monetária e de medidas e trazia sugestões de roteiros completos acrescidos de dicas sobre como os leitores deveriam se preparar para uma viagem.

Com a expansão da indústria do turismo, novas produções textuais dedicadas à descrição e à promoção de destinos turísticos, como panfletos, brochuras de agências de viagens e revistas especializadas na área, foram se desenvolvendo. Ademais, gêneros textuais provenientes de outros setores foram incorporados à indústria do turismo, sendo adaptados às suas necessidades, como é o caso de *vouchers*, contratos e faturas, oriundos das áreas financeira e comercial (CALVI, 2010).

Ao fazer um estudo sistemático desses textos, Calvi (2010) cobre a variedade de gêneros textuais utilizados pela indústria do turismo e os agrupa em três blocos principais, a saber:

- 1) Textos que trazem uma reflexão teórica sobre o fenômeno do turismo e suas características. De acordo com a autora, é nesses textos que surgem os neologismos próprios da indústria turística, como o “turismo de massa” e “turismo rural”.

⁴ Em 1841, Thomas Cook, empresário inglês considerado o pai do turismo moderno, promoveu uma excursão de trem para 500 pessoas entre as cidades inglesas de Leicester e Loughborough, o que deu início a uma série de viagens organizadas com destinos a vários países da Europa e à implantação da primeira grande agência de viagem, a *Thomas Cook & Son* (MARTINS, 2011).

⁵ Para “gênero textual” utilizamos a seguinte definição de Marcuschi (2003, p. 4): “Textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”.

⁶ MURRAY, John. **A handbook for travellers on the continent**: Being a guide to Holland, Belgium, Prussia, Northern Germany, and the Rhine from Holland to Switzerland. 09. ed. Londres: John Murray, 1853. Disponível em: <<https://archive.org/details/ahandbookfortra24firgoog>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

2) Textos ligados à gestão do turismo, que podem ser tanto escritos (reservas de hotéis, passagens, contratos, faturas), como orais (interações entre operadores de turismo e o público).

3) Textos que descrevem e promovem atrações e destinos turísticos, como os guias e revistas de turismo, brochuras de agências de viagens, folhetos, dentre outros. Esses textos são caracterizados pela interdisciplinaridade, uma vez que fazem uso de termos provenientes das áreas de geografia, arquitetura e história, por exemplo.

Desses três blocos, é o terceiro que nos interessa. Dessa forma, para esta pesquisa, adotamos a definição de Kelly (1997), que explica que um texto turístico é qualquer texto publicado por uma organização pública ou privada com o intuito de fornecer informação a um possível visitante e anunciar um destino como uma cidade, um hotel, um restaurante etc., encorajando o público a visitá-lo.

1.1.1 Textos turísticos na tipologia textual de Reiss (1971)

A tipologia textual de Reiss foi publicada primeiramente entre 1968 e 1969 e está alicerçada no modelo de função da linguagem do psicólogo e linguista alemão Karl Bühler, publicado em 1934 (NORD, 1997). Reiss (1971) explica que, ao elaborar um texto, cada autor deve determinar quais das três funções comunicativas básicas servirá como sua configuração. Se o autor deseja transmitir conteúdos a partir de uma oferta de informações, correspondendo à função representativa da linguagem, seu texto será *informativo*, como os manuais de instrução; se tenciona disseminar um conteúdo de forma artística, organizando seu texto de acordo com critérios estéticos, fazendo uso da função expressiva da linguagem, seu texto será *expressivo*, como os poemas; no caso de pretender persuadir e convencer o leitor a agir de determinada maneira, o texto terá uma função apelativa, logo, teremos um texto *operativo*, como os textos propagandísticos (REISS, 1971; REISS; VERMEER, 1996). De acordo com Reiss e Vermeer (1996), essas funções comunicativas transcendem as culturas individuais, tendo, assim, um caráter universal.

No entanto, segundo Reiss (1971), muitos textos não se enquadram apenas em uma tipologia, uma vez que não possuem somente uma função. É o caso dos textos turísticos. Sua função dominante, é, sem dúvida, convencer o leitor a visitar o local e/ou atração divulgados, tratando-se, primordialmente, de um texto *operativo*. Porém, esses textos também são

informativos, já que transmitem informações essenciais ao turista em potencial, como endereços, horários de funcionamento de atrações e tabela de conversão de medidas. Por último, os textos turísticos também são *expressivos*, pois as figuras de linguagem são comumente utilizadas pelos autores para gerar uma resposta emocional positiva no leitor, como a expressão metafórica em negrito na seguinte frase encontrada por Aldrigue e Espíndola (2011) em um folder turístico: “a **Paraíba** ainda **tem tempero e sabor** de dar água na boca”. Dessa forma, os textos turísticos são primeiramente *operativos*, tendo as funções *informativa* e *expressiva* como secundárias. Para fins desta pesquisa, nos concentraremos apenas nas funções *apelativa* e *informativa* desses textos.

A próxima seção discorrerá sobre o Funcionalismo, teoria na qual as tipologias textuais de Reiss se inserem em 1984. Mais adiante, comentaremos a importância de se conhecer as funções de linguagem presentes nos textos no momento de sua tradução.

1.2 Funcionalismo

Até meados dos anos 70, o princípio de fidelidade ao texto-fonte (doravante TF) e a busca por equivalentes um-para-um, ou equivalentes interlinguais, eram os principais norteadores do processo tradutório. As teorias funcionalistas da tradução surgiram nessa época na Alemanha com, principalmente, Katharina Reiss e Hans J. Vermeer, como uma resposta a essa abordagem puramente linguística à tradução, colocando a noção de equivalência dos moldes tradicionais como apenas uma das possibilidades de um encargo tradutório. Para os funcionalistas, o ato tradutório não consiste em uma transferência linguística em si, mas em uma ação comunicativa determinada pelo seu propósito. É empregado, portanto, o princípio da funcionalidade: a maneira como uma tradução será feita dependerá da função que ela terá na cultura-meta. Essa mudança de paradigma teve um grande impacto no conceito de tradução empregado atualmente (LEAL, 2006).

Em 1984, Reiss e Vermeer publicam o livro *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*⁷, no qual, em sua primeira seção, são explicados os fundamentos da teoria geral de tradução de Vermeer, chamada de *Skopostheorie*, sendo “skopos” a palavra grega para

⁷ Publicado em espanhol com o título *Fundamentos para una Teoría Funcional de la Traducción* em 1996 pela Ediciones Akal e em inglês com o título *Towards a General Theory of Translational Action: Skopos Theory Explained* em 2014, pela Routledge.

“propósito”. De acordo com a teoria de Vermeer, o propósito de uma tradução é o princípio norteador do processo tradutório. Segundo o teórico, traduzir é uma ação, e, como toda ação, tem uma intenção. Segundo Nord (1997), quando dizemos que uma ação é intencional, pressupomos a existência do livre-arbítrio e de uma escolha entre, pelo menos, duas formas de comportamento, das quais apenas uma será a mais apropriada de acordo com o propósito pretendido. O propósito pretendido em tradução, o qual é definido por seu iniciador, ou seja, quem a encomendou, é aquele que o TM terá na cultura receptora. Assim sendo, a principal *regra do skopos* dentro de uma teoria de tradução é a de que uma ação é determinada pela sua finalidade, ou seja, “o fim justifica os meios⁸” (REISS; VERMEER, 1996, p. 84). Como explicam Reiss e Vermeer (1996), isso significa que, no caso de se desejar traduzir a Bíblia com o propósito de que ela sirva como texto informativo, a sua função expressiva não terá prioridade durante o processo tradutório, mas se a finalidade é traduzi-la com ênfase em seu valor estético, alcançar esse objetivo será mais importante do que traduzir o texto literalmente. Assim, de acordo com o Funcionalismo, não existe uma única forma de se realizar uma tradução. O resultado final irá variar dependendo do objetivo a ser alcançado no TM, o que oferece ao tradutor argumentos para que possa justificar suas escolhas durante o processo tradutório.

Uma regra subordinada à *regra de skopos* é a *regra sociológica*, que afirma que a definição do propósito a ser alcançado no TM depende de seus receptores finais, propósito esse que pode, inclusive, ser diferente daquele que se quis alcançar no TF. Uma vez que esse propósito foi definido, determinadas mudanças ao longo do texto podem se fazer necessárias (REISS; VERMEER, 1996). Por exemplo, segundo os autores, os guias de viagem que foram escritos originalmente para um público específico deverão sofrer certas modificações ao serem traduzidos e dirigidos a outro público, já que as informações que esse último requer são distintas daquelas necessárias ao público original. Assim, a tradução deve obedecer ao propósito previamente estabelecido e atender as expectativas do leitor-meta, o que exige do tradutor não apenas o conhecimento do idioma para o qual traduz, mas também da cultura para a qual traduz (REISS; VERMEER, 1996). Aqui temos, portanto, a dessacralização do TF. De acordo com a teoria de Vermeer, o TM é uma oferta de informação criada pelo tradutor que tem como base uma oferta de informação criada por outra pessoa na cultura e língua-fonte (NORD, 1997). O TF exerce a função de *fonte de informação*, que será processada pelo tradutor de tal maneira que faça sentido para o leitor-meta, o qual pertence a um sistema cultural distinto do leitor do

⁸ “El fin justifica los medios”.

TF. É a *regra de coerência intratextual* da teoria de Vermeer (REISS; VERMEER, 1996, p. 96-97):

Uma interação tem êxito quando é interpretada pelo receptor como suficientemente coerente com a sua situação, sem haver nenhum tipo de queixa contra o seu modo de transmissão, contra a linguagem utilizada, nem contra seu sentido⁹¹⁰.

Como o TF é uma fonte de informação para a produção do TM, subordinada à *regra de coerência intratextual* está a *regra de coerência intertextual*, que trata da relação existente entre esses dois textos. Essa regra declara que “uma tradução procura realizar uma transferência coerente a partir de um texto-fonte” (REISS; VERMEER, 1996, p. 98)¹¹. Isso significa que deve haver coerência entre a informação contida no TF, a forma como o tradutor a interpreta e a informação codificada por ele especificamente para os receptores do TM (REISS; VERMEER, 1996).

A segunda seção de *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie* discorre sobre teorias específicas de tradução que são compatíveis com a teoria geral apresentada por Vermeer na primeira parte do livro. Aqui, temos a tipologia textual de Reiss (1971) apresentada nesta pesquisa em 1.1, a qual retomamos para relacioná-la à prática tradutória. De acordo com a autora, é importante que o tradutor conheça as funções comunicativas de um texto dentro de determinado propósito de tradução, uma vez que elas indicam o que deverá ser priorizado durante o processo tradutório (REISS; VERMEER, 1996). Nord (1997) fornece alguns exemplos: no caso de o TF e o TM terem uma função informativa, o tradutor deverá expor corretamente o conteúdo do TF, porém, seguindo as normas estilísticas da cultura-meta; no caso da tradução de um poema em que o TM deverá ter a mesma função expressiva do TF, o tradutor tentará manter um efeito estilístico similar ao do TF; e quando se tratar de um texto operativo a ser traduzido como tal, é importante que as escolhas feitas pelo tradutor sejam guiadas pela necessidade de chamar a atenção do leitor-meta, podendo exigir uma mudança na quantidade de informação veiculada pelo TM e no estilo utilizado, os quais devem adequar-se à cultura-meta. Segundo Nord (1997), mesmo nos casos em que uma mudança na função textual se faz necessária, o conhecimento das tipologias textuais é fundamental, já que apura o entendimento

⁹ “Una interacción tiene éxito cuando es interpretada por el receptor como suficientemente coerente com su situación y no se produce ninguna protesta, em ninguna de las formas posibles, contra la transmisión, su language ni su sentido”.

¹⁰ A menos que especificado diferentemente, as traduções de todas as citações são de nossa autoria.

¹¹ “Una traslación intenta realizar una transferencia coerente de un texto de partida”.

do tradutor a respeito de marcadores linguísticos presentes nas diferentes funções comunicativas.

No final dos anos 80, Nord introduz a noção de *lealdade* no Funcionalismo. Diferentemente do conceito de *fidelidade*, que se refere à semelhança linguística e estilística entre o TF e o TM, a *lealdade* está ligada às expectativas e intenções comunicativas dos envolvidos no processo tradutório (NORD, 2007). Segundo a autora, o tradutor não tem apenas um compromisso para com as situações comunicativas do TF e do TM, mas também para com o iniciador da tradução e seus leitores (NORD, 1991). Nord (1991) explica que nem o iniciador da tradução nem o receptor do TM poderão checar se seu conteúdo estará em conformidade com suas expectativas, cabendo a eles confiar que o tradutor faça o trabalho em concordância com o que lhe foi solicitado. Por exemplo, na tradução de um guia turístico no qual há uma passagem cuja intenção é a de atrair turistas estrangeiros para o *Arraial de Belô*, principal *Festa Junina* na cidade de Belo Horizonte (MG), é esperado que o nome da festa seja mantido em português a fim de que o turista possa encontrá-la com facilidade. Se o tradutor optar por traduzir o nome da festa por “Belô Fair”, como pode ser visto na análise do termo “arraial” nesta pesquisa (seção 3.23), tanto o iniciador da tradução quanto o seu leitor estarão sendo, nas palavras de Nord (1991, 1997, 2007), enganados¹². O primeiro, porque confiou que o TM manteria a função do TF de divulgar e atrair turistas para a festa em questão, o que pode não acontecer, já que não existe uma festa chamada “Belô Fair” em Belo Horizonte. E o segundo, porque confia que o texto que está lendo trará informações corretas e consistentes sobre o local divulgado e se frustrará caso não consiga chegar à festa desejada. Assim, uma vez que a ação comunicativa está baseada em uma premissa falsa, seria equivocado dizer que o TM em questão é funcional (NORD, 1991).

Nord (2005) também traz para o Funcionalismo um modelo de análise textual aplicada à tradução que tem o TF como ponto de partida. A autora explica que uma análise prévia do TF não apenas assegura uma melhor compreensão do texto, como fornece uma base confiável para as decisões que o tradutor deve tomar durante o processo tradutório. Dessa forma, seu modelo consiste em uma análise do TF que ajude o tradutor a determinar sua função na cultura-fonte, para, depois, compará-la à função que o TM terá na cultura-meta e, finalmente, decidir quais elementos do TF serão mantidos e quais serão adaptados durante o processo tradutório. Essa abordagem também permite que o tradutor identifique problemas de tradução antes de iniciar

¹² Nord usa o termo “deceived”.

seu trabalho, o que o levará a escolher as estratégias de tradução apropriadas para que o TM cumpra sua função na cultura de chegada (NORD, 1997).

Nord (1997) explica que *problemas de tradução* não devem ser confundidos com *dificuldades de tradução*. Para a autora, enquanto os últimos são as dificuldades subjetivas que um tradutor pode ter durante o processo tradutório devido a conhecimentos linguístico e/ou cultural limitados, os primeiros estão relacionados aos problemas que devem ser resolvidos de tal maneira que permita que o TM cumpra sua função na cultura-meta. Um exemplo de problema de tradução relevante para esta pesquisa são os referentes culturais.

Oferecemos acima, um panorama sobre a prática tradutória do ponto de vista do Funcionalismo. Alicerçadas nessa teoria, traremos na próxima subseção o conceito de referentes culturais e o seu tratamento quando da tradução de textos turísticos.

1.2.1 A tradução de referentes culturais nos textos turísticos sob a ótica do Funcionalismo

Referentes culturais, são, nas palavras de Snell-Hornby (1999b), “elementos da vida diária, história, cultura ou instituições de determinada comunidade que não existem da mesma forma em outras”¹³. Newmark (1988) os divide em cinco categorias, a saber:

- 1) **Ecologia:** flora, fauna, montanhas e fenômenos da natureza, como “pampas” e “sertão”.
- 2) **Cultura material:** culinária, vestuário, arquitetura e transporte, como “tacacá”, “sombbrero”, “dacha” e “tuk-tuk”, respectivamente.
- 3) **Cultura social:** esta categoria está relacionada às atividades de trabalho e lazer, como profissões, modos de trabalho, danças e festas, por exemplo, “amah”, “banco de horas”, “tango” e “Tomatina”, respectivamente.
- 4) **Organizações, instituições, procedimentos e conceitos de teor político e administrativo, religioso e artístico:** por exemplo, “parlamento”, “karma” e “origami” respectivamente.
- 5) **Gestos e hábitos:** esta categoria se refere a como as pessoas de diferentes culturas se comportam em determinadas situações, como por exemplo, as maneiras como se cumprimentam (aperto de mão, beijo no rosto, etc.).

¹³ “Elements from the daily life, history, culture or institutions of a given community which do not exist as such in other communities”.

Florin (1993)¹⁴ explica que, por serem típicos de uma cultura, os referentes culturais não possuem equivalentes exatos em outras línguas, o que exige do tradutor uma abordagem especial para lidar com esses elementos. Com uma visão funcional da tradução, a autora acrescenta que a maneira como o tradutor irá lidar com os referentes culturais dependerá, primeiramente, da função do TM na cultura de chegada. Aplicando essa regra aos textos turísticos, que, como explicado acima, são primordialmente operativos, ou seja, possuem uma característica apelativa, os referentes culturais presentes nesses textos deverão ser apresentados de tal maneira que se tornem atrativos aos turistas em potencial. Sua função secundária, que é a informativa, estará subordinada à apelativa. Isso significa que o tradutor precisará dosar a quantidade de informação do TF que será transferida para o TM, para que não haja nem sobrecarga, nem insuficiência das informações veiculadas ao leitor-meta, o que poderia causar uma quebra de comunicação (KELLY, 1997), prejudicando sua função apelativa. Dessa forma, também é importante que o tradutor tenha noção do grau de familiaridade que o leitor-meta tem com a cultura que está sendo divulgada, afinal, alguns países compartilham dos mesmos referentes culturais (FLORIN, 1993). É o caso de “pampas”¹⁵, referente cultural pertencente à categoria *ecologia* de Newmark (1988). Como se trata de um bioma existente tanto no Brasil como no Uruguai e na Argentina, o termo, quando presente em um texto turístico sobre o Brasil que deverá ser traduzido para leitores desses países, poderá ser transferido para o TM sem maiores explicações. Porém, se o mesmo termo estiver em um texto turístico sobre o Brasil que será traduzido para leitores espanhóis, a pura transferência desse termo para o TM pode não ser suficiente para o entendimento do leitor-meta. Florin (1993) ainda menciona que o tradutor deve estar atento à importância dos referentes culturais no contexto, ou seja, se fazem parte do centro de atenção do leitor-meta ou se constituem meros detalhes. Um exemplo é uma passagem em um guia de viagens sobre um mercado que vende peças de artesanato que informa que, nesse local, o turista pode comprar “miniaturas de *bumba meu boi*” (vide seção 3.1). O referente cultural em itálico é, nessa frase, apenas um detalhe fornecido pelo guia para exemplificar o tipo de artesanato que os visitantes poderão encontrar. Diferentemente de uma passagem específica sobre o bumba meu boi que explica, por exemplo, a data em que a festa acontece e os locais onde os turistas podem conferir o folgado. Nesse caso, o referente cultural faz parte do ponto de atenção do leitor. O último fator apontado pela autora diz respeito às características

¹⁴ Florin faz uso do termo “realia” para se referir a referentes culturais.

¹⁵ Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, “pampas” são as grandes planícies incultas da América do Sul, geralmente pastagens de gramíneas, com raros arbustos e árvores”.

próprias de cada idioma envolvido, por exemplo, se as regras de formação de palavras de determinado idioma permitem a naturalização¹⁶ de um referente cultural.

Acrescentamos um aspecto próprio dos textos turísticos determinante na escolha das estratégias de tradução de referentes culturais: as limitações impostas pelas imagens e pelas edições bilíngues que trazem o texto em determinado idioma na coluna à esquerda, e em outro idioma, à direita, restringindo o espaço disponível para o texto traduzido (KELLY, 1997; MUÑOZ, 2012; MERKAJ 2013).

Recapitulamos a seguir as condições que influenciam a maneira como o tradutor irá lidar com os referentes culturais em textos turísticos: a) as funções principais e secundárias do TM; b) o quanto o leitor-meta está familiarizado com esses referentes culturais (neste caso, como se trata de um público amplo, partimos do pressuposto de que o leitor dos textos turísticos nada sabe sobre a cultura divulgada); c) a importância dos referentes culturais no contexto; d) as características particulares dos idiomas envolvidos; e) as limitações impostas pelas imagens e pelo espaço, que, em edições bilíngues, devem coincidir.

1.3 Estratégias de tradução para referentes culturais de Marco (2002)

Elencamos acima os fatores principais a serem considerados no momento de verter referentes culturais para o TM quando da tradução de textos turísticos. Para que isso seja possível, podem ser empregadas diferentes estratégias de tradução. Nesta pesquisa, usamos a definição de Chesterman (1997) para estratégias de tradução, o qual as entende como formas explícitas de manipulação textual que podem ser observadas no TM quando em comparação ao TF, utilizadas no momento em que o tradutor deve solucionar um problema de tradução, a fim de alcançar uma versão do TM que seja coerente com seu propósito.

Em seu livro *El fil d'Ariadna: anàlisi estilística i traducció literària* (2002), Josep Marco elenca sete estratégias de tradução que utiliza para ilustrar o modo como três tradutores do inglês para o catalão do romance *Three men in a boat*, de J.K Jerome lidaram com os referentes culturais presentes no texto. Marco fundamenta sua lista nas estratégias de tradução de referentes culturais apresentadas por Newmark (1988, p.103), mas as reduz

¹⁶ A naturalização é uma transferência do referente cultural ao TM que se adapta à pronúncia da língua-meta, como por exemplo, transformar “sambódromo” em “sambadrome” no inglês (vide seção 1.2.1.1)

consideravelmente, alegando que muitas das estratégias descritas pelo autor poderiam ser agrupadas em uma só. Segue abaixo a lista de Marco (2002, p. 209-210):

- 1) **Transferência:** processo de transferir uma palavra da língua-fonte (doravante LF) para o TM como estratégia de tradução (NEWMARK, 1988). É o caso de transferir “Festa Junina” para a versão em inglês de um texto turístico, por exemplo: “The Festa Junina is one of the most traditional festivities of the Northeast¹⁷” (TOURIST GUIDE, 2012, p. 19). Também consideraremos como estratégia de transferência, a manutenção dos nomes de cidades em português no TM. Dessa forma, quando “Festival Folclórico de Parintins” for vertido para “Parintins Folklore Festival” (TOURIST GUIDE, 2012, p. 33), consideraremos tratar-se da combinação da estratégia de transferência (“Parintins”) com a de tradução literal (Folklore Festival”).
- 2) **Naturalização:** quando uma palavra da LF é adaptada à pronúncia, ortografia e morfologia da língua-meta (LM) (MARCO, 2002), como transformar “sambódromo” em “sambadrome”: “samba school parades take place in the sambadrome¹⁸” (TOURIST GUIDE, 2012, p. 177).
- 3) **Tradução literal:** tradução palavra por palavra. É o caso de verter “Bonecos Gigantes” para “Giant Puppets”, como na legenda de uma foto na versão em inglês do *Guia de Cidades*: “Meeting of the Giant Puppets at the Carnival of Olinda” (TOURIST GUIDE, 2012, p. 34)¹⁹.
- 4) **Neutralização:** emprego de um termo neutro, livre de carga cultural, que alude à função do referente cultural, como verter “blocos (carnavalescos)” para “groups”. Marco (2002) também considera “neutralização” o que Newmark (1988) classifica como “análise componencial”, que é a explicitação das características que definem o referente cultural. É o caso de verter “Festa de São João” para “a traditional feast in celebration of Saint John” (VISIT BRAZIL, 2015, p. 21)²⁰ Segundo Marco (2002), a análise componencial é uma forma mais elaborada de neutralização, portanto, não deve ser considerada uma estratégia de tradução distinta.
- 5) **Adição de informação:** qualquer adição de informação que ajude o leitor a compreender o significado do referente cultural mencionado, podendo tratar-se de uma nota de rodapé ou do uso de hiperônimos ou de tradução literal quando combinados à

¹⁷ “A Festa Junina é uma das mais tradicionais do Nordeste” (GUIA DE CIDADES, 2012, p. 19).

¹⁸ “O desfile das escolas de samba se realiza no Sambódromo” (GUIA DE CIDADES, 2012, p. 177).

¹⁹ “Encontro dos Bonecos Gigantes no carnaval de Olinda” (GUIA DE CIDADES, 2012, p. 34).

²⁰ “Uma festa tradicional em homenagem a São João”.

estratégia de transferência, por exemplo. É o caso de verter “frevo” para “frevo dance” (TOURIST GUIDE, 2012, p. 34). O termo “dance” é um hiperônimo que informa o leitor que *frevo* é uma dança, sendo considerado, portanto, adição de informação. Já no caso em que a tradução literal é utilizada como adição de informação, temos o exemplo na versão em inglês do *Guia de Cidades* que traz “escola de samba” como “escola de samba (samba school)” (TOURIST GUIDE, 2012, p. 34).

6) **Equivalente cultural:** uso de um conceito na cultura meta que seja aproximadamente equivalente ao da cultura fonte, como verter “quadrilha” para “square dance” (TOURIST GUIDE, 2012, p. 33), por exemplo.

7) **Omissão:** eliminação dos elementos considerados redundantes ou pouco importantes.

A ordem em que essas estratégias são apresentadas por Marco não se dá por mera arbitrariedade. Ela corresponde a uma gradação crescente no *continuum* de intervenção por parte do tradutor. Cada estratégia representa um grau a mais que a anterior na manipulação a que o tradutor submete o TF no momento de lidar com os desafios de cunho cultural. No entanto, sem explicar por quê, Marco exclui a “omissão” desse *continuum*. Mantivemos a omissão aqui e a posicionamos em último lugar na lista por acreditarmos ser o mais alto grau de interferência de um tradutor em um texto. Afinal, se omitirmos o azeite de dendê ao traduzirmos uma receita de vatapá, ou o camarão seco em uma receita de caruru, o resultado desses pratos tipicamente baianos será muito diferente.

No presente capítulo, foram apresentadas as teorias de Tradução que nortearam as análises dos termos escolhidos. O capítulo a seguir discorrerá sobre a metodologia empregada para a escolha e análise desses termos, bem como para a elaboração da nossa proposta da obra terminográfica.

Para facilitar a compreensão do desenvolvimento da construção da obra terminográfica, optamos por discorrer sobre a teoria da Terminologia na qual nos pautamos no próximo capítulo, após a apresentação da metodologia utilizada.

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

2.1 A Linguística de *Corpus* como aporte metodológico na proposta de uma obra terminográfica

Nascida na segunda metade do século XX, a LC é uma metodologia para os estudos da língua que se dedica à criação e análise de *corpora*²¹, os quais, na definição de TAGNIN (2015, p. 20), são “bancos de textos de linguagem autêntica, criteriosamente construídos, destinados à pesquisa e legíveis por computador”. A partir da observação dos dados do *corpus*, o pesquisador desenvolve uma interpretação do fenômeno da língua estudado.

Leech (1992) elenca cinco aspectos a serem observados pelo pesquisador ao trabalhar com a LC, a saber:

- 1) o *corpus* analisado é apenas uma amostragem da língua em uso, independentemente de seu tamanho;
- 2) os dados advindos do *corpus* devem ser considerados em sua totalidade, e não escolhidos para atender às preferências do pesquisador;
- 3) algumas teorias ou “modelos” podem ser desenvolvidos para explicar os dados obtidos, a partir, por exemplo, da experiência ou intuição do investigador, mas os valores quantitativos dos quais o modelo deriva devem ser obtidos dos dados do *corpus*;
- 4) a precisão desse modelo pode ser testada em outro *corpus*;
- 5) diferentes modelos e teorias concorrentes podem ser testados com o mesmo *corpus*, o que pode demonstrar a superioridade de um modelo/teoria em relação a outro(a).

Há uma grande quantidade de áreas que podem fazer uso da LC (BERBER SARDINHA, 2004), como a Análise do Discurso, Tradução e Ensino. Para efeitos desta pesquisa, focaremos na LC dentro da Terminologia.

Segundo Tagnin e Bevilacqua (2013), a aproximação entre a LC e a Terminologia teve início no final dos anos 80, quando novos paradigmas teóricos da Terminologia determinavam que os termos deveriam ser obtidos e descritos em seus contextos de uso.

Bevilacqua (2013) explica que essa mudança de paradigma veio acompanhada da necessidade de novos procedimentos metodológicos a serem aplicados no fazer terminográfico,

²¹ Palavra latina cujo singular é *corpus*.

principalmente no que se refere à identificação dos termos. Segundo a autora, passa a predominar o método *semasiológico*, ou seja, “começa-se a identificação dos termos pelo significante e, após a investigação de seu uso em contexto, se estabelece seu significado” (p.12-13). A autora ainda acrescenta que, além de estabelecer critérios para a compilação de um *corpus*, as ferramentas disponibilizadas pela LC auxiliam o terminógrafo na compilação do *corpus* em si, na extração dos candidatos a termo e na identificação dos elementos que contribuirão para a redação das definições.

O presente capítulo detalha a maneira como essas etapas foram conduzidas a fim de apresentarmos, no capítulo três, as análises dos termos e os modelos de verbete da obra terminográfica proposta. Antes, apresentaremos os tipos de *corpora* e a ferramenta computacional utilizada nesta pesquisa. O final deste capítulo oferece um panorama geral da teoria da Terminologia na qual nos apoiamos.

2.1.1 Tipos de corpora

Como explicado acima, as pesquisas linguísticas empíricas fundamentam-se no estudo de dados advindos de um *corpus*, o qual, por sua vez, é constituído por textos de linguagem autêntica cuja exploração é realizada por meio de ferramentas computacionais. Esses *corpora* podem estar disponíveis para consulta *on-line* e *off-line* e podem ser monolíngues e bi- ou multilíngues, paralelos e comparáveis (TAGNIN, 2015). A seguir, descrevemos cada um desses tipos.

2.1.1.1 *On-line* e *Off-line*

Os *corpora on-line* são aqueles disponíveis para consulta na Internet, como o *Corpus of Contemporary American English* (COCA)²² e o *Corpus do Português*²³. As ferramentas para a exploração desses *corpora* são disponibilizadas pelos próprios *sites* que os abrigam. Já os *corpora off-line* são aqueles personalizados, compilados pelos próprios pesquisadores para uma finalidade específica. Nesse caso, faz-se necessário o uso de ferramentas externas para a sua

²² Disponível em: <http://corpus.byu.edu/coca/>

²³ Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/>

exploração. Uma delas é o *AntConc*, ferramenta utilizada nesta pesquisa sobre a qual discorreremos mais adiante.

2.1.1.2 Monolíngues e bi- ou multilíngues

Como o nome indica, os *corpora* monolíngues são compostos por textos em apenas um idioma. Segundo Tagnin (2015), podem ser formados tanto por textos de linguagem geral como de linguagem de especialidade. Já os *corpora* bi- ou multilíngues são formados por textos em duas ou mais línguas e, por permitirem a comparação entre idiomas, são os mais utilizados em estudos referentes à Tradução (TAGNIN, 2015). Esse último tipo de *corpus* pode ser dividido entre *paralelo* e *comparável*.

2.1.1.3 *Corpora* paralelos

Os *corpora* paralelos são compostos por textos escritos originalmente em determinado idioma e suas respectivas traduções para um ou mais idiomas. De acordo com Tagnin (2015), esse tipo de *corpus* costuma ser usado para a verificação de como certas palavras ou expressões já foram traduzidas e para a investigação das estratégias empregadas para traduções de elementos mais complexos, como referentes culturais, por exemplo.

2.1.1.4 *Corpora* comparáveis

Corpora comparáveis são aqueles compostos por textos originais em uma ou mais línguas em determinado campo do saber. Tagnin (2015) comenta que esses *corpora* são úteis para evidenciar o uso autêntico de palavras e expressões nos idiomas que os compõem, sendo adequados para a busca por equivalentes.

2.1.1.5 *Corpus* de referência

Também conhecido como *corpus* de comparação ou de controle, o *corpus* de referência serve como um termo de comparação para o *corpus* de estudo. O pesquisador faz uso de um *corpus* de referência quando necessita levantar palavras-chave, que são, segundo Berber Sardinha (1999, p. 2) as “palavras cujas frequências são estatisticamente diferentes no *corpus* de estudo e no *corpus* de referência”. O autor explica que o levantamento das palavras-chave é útil para a investigação de particularidades dos textos que compõem o *corpus* de estudo, como, por exemplo, sua temática e estilo. Ainda de acordo com Berber Sardinha (1999), o *corpus* de referência deve ter de 3 a 5 vezes o tamanho do *corpus* de estudo para que o levantamento das palavras-chave apresente um resultado significativo.

2.1.2 Ferramentas computacionais utilizadas²⁴

2.1.2.1 *AntConc*

Utilizado por muitos departamentos de Linguística que visam a apresentar a seus alunos uma ferramenta gratuita e de fácil manipulação (ANTHONY, 2013), o *AntConc*, *software* empregado para o estudo e observação de padrões de uso da língua, foi desenvolvido em 2002 por Lawrence Anthony, professor na *Faculty of Science and Engineering* na *Universidade de Waseda*, Japão. O *AntConc* possui ferramentas que permitem a geração de lista de palavras, extração de palavras-chave, linhas de concordância e lista de colocados. A figura 1 mostra a tela inicial do *software*.

²⁴ Os detalhes sobre as ferramentas utilizadas e a descrição e exploração dos *corpora* de estudo também podem ser vistos em Marqueze (2018).

Figura 1 - Página inicial do AntConc

A seguir, detalharemos as ferramentas do *AntConc* utilizadas neste estudo.

- 1) *Word List* (lista de palavras): ferramenta que gera uma lista, ou por ordem alfabética ou por ordem de frequência, de todas as palavras do *corpus* em análise. A *Word List* disponibiliza o número total de *tokens* (número total de palavras) e de *types* (formas ou palavras distintas).
- 2) *Keyword List* (lista de palavras-chave): ferramenta que apresenta as palavras mais representativas do *corpus* de estudo após sua comparação com um *corpus* de referência. As palavras que tiverem uma frequência mais alta no *corpus* de estudo irão compor sua lista de palavras-chave.
- 3) *Concordance*: gera as linhas de concordância do termo pesquisado, exibindo o contexto no qual está inserido. O termo é apresentado no centro de uma linha, com o restante do texto à sua esquerda e à sua direita, como pode ser visto na Figura 2 com o termo “Festa Junina” em destaque.

Figura 2 – Tela do *Concordance* no *AntConc*

- 4) *File View*: essa ferramenta possibilita a observação de passagens maiores do texto. Ela permite o acesso ao texto integral de cada fonte (que deve ser explorada individualmente) onde o termo em análise está inserido, o que possibilita ao pesquisador a observação de aspectos que poderiam ficar fora da análise do *corpus* se somente as linhas de concordância fossem consideradas. A Figura 3 exibe a tela do *File View*, com o termo “carnaval” destacado.

Figura 3 – Tela do *File View* no *AntConc*

2.1.2.2 *AntPconc*

Lançado em 2014 também por Laurence Anthony, o *AntPconc* é um concordanceador de *corpora* paralelos. Para que o pesquisador possa explorar seu *corpus* nesse programa, cada linha do texto escrito no idioma original deverá coincidir com a linha de sua tradução. Isso significa que o alinhamento precisará ser feito manualmente pelo pesquisador caso as linhas de ambos os textos não coincidam.

A buscarmos determinado termo no programa, uma janela se abre e todas as suas ocorrências no idioma original são exibidas em sua parte superior e cada linha correspondente no texto traduzido é exibida na parte inferior, como ilustra a Figura 4.

KWIC	
Fortaleza oferece mais que uma festa junina, oferece uma cidade inteira preparada para uma grande celebração.	
Se você quer conhecer de perto uma grande festa junina, sua passagem por aqui é obrigatória.	
até mesmo as crianças, que contam com uma praça específica para curtir o melhor das festas juninas	
recebido e viver momentos inesquecíveis: é isso que encontra quem vai a Recife para as festas juninas.	
Assim, conheça um pouco melhor algumas das principais festas juninas brasileiras.	
As festas juninas de Salvador transformam a cidade num verdadeiro cenário de cidade	
a semana inteira de festejos e alegria para quem marcar presença em uma das maiores festas juninas do País.	
Amargosa tem uma das festas juninas mais animadas da Bahia.	
como acontece com as festas juninas, que são realizadas a meio do ano.	
As festas juninas têm como tema central a vida do campo.	
Reference	
Fortaleza offers more than a São João party, it offers a whole city prepared for a big party.	
you want to know a massive June festival, you must come here.	
There are large parties and also attractions for people of all ages, even children, which have a specific square to enjoy the best of the June Festivals.	
To be received and live unforgettable moments: this is what those who travel to Recife for the June Festivities find.	
Learn more about some of the major Brazilian June festivals.	
The June parties of Salvador turn the city into a real scenery representing the countryside.	
The capital of Paraíba has a whole week of celebrations and joy for those who come to one of the country's biggest June Festivals.	
Amargosa has one of the liveliest June festivals of Bahia.	
as it happens at the midyear with the June Festivities.	
the June festivals' theme is the country life.	

Figura 4 – Linhas de concordância para “Festa Junina” no *AntPconc*

2.1.2.3 *BootCaT*

O *BootCaT* 1.07²⁵ é um *software* gratuito que cria *corpora* simples rapidamente a partir da *web*, tendo como base palavras-chave inseridas pelos usuários. Nesta pesquisa, ele nos foi útil para a elaboração dos dois *corpora* de referência, detalhados adiante. A Figura 5 exibe a tela inicial do programa.

²⁵ Última versão, lançada em maio de 2018.

Figura 5 – Tela inicial do *BootCat*

Apresentamos acima, as ferramentas utilizadas nesta pesquisa. A seguir, discorreremos sobre nossos *corpora* de estudo e de referência, além de fornecermos os detalhes de sua exploração.

2.1.3 Os *corpora* de estudo e de referência

Para esta pesquisa, compilamos um *corpus* comparável e um *corpus* paralelo bilíngues como *corpora* de estudo, além de dois *corpora* de referência, um em português e um em inglês, necessários para a extração de palavras-chave. Abaixo descrevemos cada um desses *corpora*, bem como o passo a passo de sua exploração. A ordem da descrição desse passo a passo será exibida na mesma ordem em que foram sendo executadas.

2.1.3.1 O *corpus* comparável

O *corpus* comparável é composto por textos turísticos sobre o Brasil escritos originalmente em português (*subcorpus* em português) e em inglês (*subcorpus* em inglês). O Quadro 1 detalha a composição do *subcorpus* em português.

Quadro 1 – Composição do *subcorpus* em português

Título da obra	Guia Unicard Unibanco Brasil
Ano de publicação:	2005
Autor:	Unicard Unibanco
Editora:	Bei Comunicações
Conteúdo:	Informações de turismo de cada estado brasileiro, separadas por região. O guia traz seções com curiosidades sobre a história, a música, a culinária e as artes do país.
Número de palavras:	135.332
Título da obra:	Guia de Cidades
Ano de publicação:	2012
Autor:	EMBRATUR
Editora:	Empresa Brasileira de Com. e Produções
Conteúdo:	Informações de turismo de cada estado brasileiro, além de trazer informações gerais sobre nossa culinária, idioma, moeda e artistas famosos.
Número de palavras:	122.892
Título da obra	Livreto Junino
Ano de publicação:	2013
Autor:	EMBRATUR
Editora:	Não consta
Conteúdo:	Informações turísticas sobre as Festas Juninas nas principais cidades do país, com detalhes sobre como são celebradas, e informações úteis sobre

	como chegar a determinadas cidades a partir dos principais aeroportos do país.
Número de palavras:	3.009
Título da obra	Cores e Sabores do Brasil
Ano de publicação:	2014
Autor:	EMBRATUR
Editores:	Não consta
Conteúdo:	Revista para ser distribuída aos jornalistas e turistas que viriam à Copa do Mundo contendo informações gerais sobre a culinária e festas brasileiras.
Número de palavras:	7.356
Título da obra	Partiu Brasil
Ano de publicação:	2015
Autor:	EMBRATUR
Editores:	Não consta
Conteúdo:	Revista com informações turísticas de cada estado brasileiro, separadas por região.
Número de palavras:	16.569
Título da obra:	Blog EMBRATUR
Ano de publicação:	2016
Autor:	Visit Brazil - EMBRATUR
Editores:	Não de aplica
Conteúdo:	Artigos com informações turísticas dos estados brasileiros.
Número de palavras:	5.158
Total geral de palavras:	282.960

Das seis publicações que compõem esse *subcorpus*, cinco são materiais disponíveis no *site* da EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo) para divulgação do Brasil no exterior. Somente o *Guia Unicard Unibanco* é uma publicação de empresa privada.

O processo de coleta desse material nos revelou que há uma escassez de guias turísticos sobre o Brasil escritos originalmente em português. Aqueles que foram encontrados nesse idioma, à exceção do *Guia Unicard Unibanco*, tratavam-se de traduções para o português de publicações estrangeiras escritas originalmente em inglês.

Abaixo, o Quadro 2 detalha a composição do *subcorpus* em inglês.

Quadro 2 – Composição do *subcorpus* comparável em inglês

Título da obra	<i>The Rough Guide to Brazil</i>
Ano de publicação:	2014
Autores:	Kiki Deere, Daniel Jacobs, Stephen Keeling e Clemmy Manzo
Editora:	Rough Guides
Conteúdo:	Informações turísticas sobre os estados do Brasil, com seções sobre a culinária, festas, músicas e cinema brasileiros, além de uma seção sobre futebol e segurança pessoal.
Número de palavras:	105.352
Título da obra	Eyewitness Travel Brazil
Ano de publicação:	2016
Autor:	Dorling Kindersley
Editora:	Dorling Kindersley
Conteúdo:	Informações turísticas sobre os estados brasileiros separados por regiões, com uma seção geral sobre a história, economia, geografia, política, esportes, religião, músicas e artes do país.
Número de palavras:	35.750
Título da obra	Lonely Planet Brazil

Ano de publicação:	2016
Autor:	Lonely Planet
Editora:	Lonely Planet
Conteúdo:	Informações turísticas sobre os estados brasileiros com uma seção introdutória sobre os principais pontos turísticos do Brasil e uma seção dedicada especialmente ao <i>carnaval</i> .
Número de palavras:	65.371
Total geral de palavras:	206.473

Os três guias que compõem esse *subcorpus* são publicações estrangeiras de empresas privadas, sendo o *Lonely Planet* de empresa americana e o *Eyewitness Travel Guide* e o *Rough Guides* de empresas britânicas. Como os três guias juntos totalizavam 838.171 palavras, nos foi necessário extrair as passagens que mencionavam especificamente as festas populares para que pudéssemos ter os dois *subcorpora* balanceados.

Para que o *AntConc* possa ler os *corpora* a serem analisados, todos os arquivos que os compõem devem estar no formato .txt. Como nossos arquivos estavam em .pdf, foi necessária sua conversão para o formato compatível com o programa. Para isso, utilizamos o *ABBYY Fine Reader*²⁶, programa que faz o reconhecimento óptico de caracteres (do inglês *optical character recognition*, OCR), convertendo arquivos em .pdf e documentos digitalizados em dados editáveis.

2.1.3.1.1 Exploração do *subcorpus* em português

Após corrigirmos os erros decorrentes da conversão dos arquivos de .pdf para .txt, os textos do *subcorpus* em português foram submetidos à análise semiautomática com a *Keyword List* do *AntConc* para o levantamento da lista de palavras-chave, a partir da qual extraímos os termos relativos a eventos populares brasileiros. Como dito anteriormente, para levantarmos as palavras-chave de um *corpus* de estudo, precisamos contrastá-lo com um *corpus* de referência.

²⁶ O programa pode ser encontrado em <<https://www.abbyy.com/pt-br/>>.

Abaixo, detalhamos o processo de compilação do *corpus* de referência em português utilizado nesta pesquisa.

➤ O *corpus* de referência

Visando à otimização da busca nas palavras-chave pelo que era característico da culinária brasileira e constatando que um *corpus* de referência de generalidades revelava palavras recorrentes em qualquer receita culinária, Rebechi (2015), que, em sua tese de doutorado, elaborou um dicionário de culinária brasileira, utiliza como referência um *corpus* de culinária geral. A exemplo da autora, compilamos para esta pesquisa um *corpus* de referência para cada idioma do nosso *corpus* de estudo, compostos por textos de turismo geral, excluindo aqueles sobre o Brasil. Dessa forma, os termos comuns aos textos turísticos seriam anulados e termos relacionados à cultura brasileira sobressairiam. A título de ilustração, vejamos, na Figura 6, a posição do termo “carnaval” no nosso *subcorpus* de estudo em português quando comparado ao *subcorpus* de língua geral do Lácio-Ref e, na Figura 7, a posição do mesmo termo quando utilizamos o *corpus* de referência com textos de turismo geral.

Concordance	Concordance Plot	File View	Clusters/N-Grams	Collocates	Word List	Keyword List
Types Before Cut: 20804		Types After Cut: 17142		Search Hits: 0		
Rank	Freq	Keyness	Keyword			
148	88	421.719	extensão			
149	88	421.719	típica			
150	102	418.770	aeroporto			
151	99	414.197	chapada			
152	546	412.263	grande			
153	117	411.786	carnaval			
154	85	407.343	através			
155	123	402.788	festas			
156	84	402.550	prática			
157	94	395.917	pescadores			
158	97	395.858	restaurante			
159	95	395.737	niemeyer			
160	82	392.966	aniversário			

Figura 6 – Posição de “carnaval” com o Lácio-Ref como *corpus* de referência

Concordance	Concordance Plot	File View	Clusters/N-Grams	Collocates	Word List	Keyword List
Types Before Cut: 20804		Types After Cut: 15627		Search Hits: 0		
Rank	Freq	Keyness	Keyword			
69	198	221.262	cultural			
70	109	219.969	brasília			
71	183	219.072	festa			
72	108	214.418	infraestrutura			
73	70	214.397	pça			
74	117	211.368	carnaval			
75	106	209.132	ondas			
76	287	208.351	visitantes			
77	66	202.146	cerrado			
78	1819	201.275	das			
79	789	200.958	pela			
80	78	198.594	amazonas			
81	183	191.488	habitantes			

Figura 7 – Posição de “carnaval” com um *corpus* de referência de turismo geral.

As listas apresentam as palavras em ordem decrescente de chavicidade. Como pode ser observado, o termo “carnaval” ocupa a 153ª posição quando um *corpus* de referência de língua geral é utilizado (Figura 6). O mesmo termo sobe 79 posições quando usamos o *corpus* de referência com textos de turismo geral (Figura 7), o que contribui para a otimização da busca pelo que é típico do Brasil, justificando a nossa escolha em utilizar um *corpus* de referência de turismo geral.

Para ajudar na compilação do *corpus* de referência em português, utilizamos o *BootCat*, descrito na seção 2.1.2.3. Para tanto, inserimos alguns termos de turismo geral no programa, que, por sua vez, elaborou um *corpus* para o português de aproximadamente 540 mil palavras. O Quadro 3 exhibe as palavras inseridas no programa.

Quadro 3 – Palavras-chave em português inseridas no *BootCat*

Idioma	Palavras-chave
Português	turismo, viagem, Europa, Ásia, Oceania, América do Norte

Para ampliarmos o número de palavras do *corpus* de referência, a fim de que fosse, no mínimo, três vezes maior que nosso *corpus* de estudo²⁷, adicionamos textos de guias de turismo geral. Dessa forma, nosso *corpus* de referência em português (doravante CorTurRef_Pt) tem pouco mais de 1 milhão e 100 mil palavras, sendo quatro vezes maior que o *subcorpus* de estudo em português.

➤ Extração dos termos para análise

Trinta e dois termos foram selecionados manualmente a partir da lista de palavras-chave gerada pela ferramenta *Keywords* do *AntConc*. Como explicado na seção anterior, nosso *corpus* de referência facilitou a busca pelos termos relacionados a festas populares brasileiras por ser composto por textos turísticos que excluem aqueles sobre o Brasil. Em seguida, na tentativa de eliminarmos a subjetividade da busca manual e nos certificarmos de que os termos escolhidos eram típicos do Brasil, os confrontamos em três obras sobre a cultura brasileira²⁸ (vide quadro 4). Para que fossem confirmados como típicos do Brasil, os 32 termos deveriam constar de pelo menos duas das três obras escolhidas. Todos os termos se encaixaram nesse critério.

Quadro 4 – Obras sobre cultura brasileira

Título da obra	O Dicionário do Folclore Brasileiro
Ano de publicação:	2012
Autor:	Luís Da Câmara Cascudo
Editora:	Global
Conteúdo:	Dicionário enciclopédico monolíngue português com termos do folclore brasileiro.
Título da obra	Festas Populares do Brasil
Ano de publicação:	2010
Autor:	João Pedro Soares Martins
Editora:	Komedi

²⁷ Como o tamanho do *corpus* de referência influencia o número de palavras-chave obtido, é ideal que ele seja de três a cinco vezes maior que o *corpus* de estudo (BERBER SARDINHA, 2004).

²⁸ Esse procedimento foi realizado anteriormente por Costa (2006) em sua dissertação de mestrado, para a identificação do que era típico do Brasil em materiais de divulgação cultural.

Conteúdo:	Livro com informações enciclopédicas e fotografias das principais festas populares brasileiras.
Título da obra	Maravilhas do Brasil: festas populares
Ano de publicação:	2006
Autor:	Gabriel Boeiras Luciana Cattani Marco Antônio Sá
Editora:	Escrituras
Conteúdo:	Livro com fotografias das principais festas populares brasileiras com descrições sobre cada uma delas.

Os termos selecionados foram divididos em cinco categorias. Uma delas é a categoria de festas populares, as outras quatro são categorias que pertencem ao campo temático dessas festas, como detalhado no Quadro 5 abaixo.

Quadro 5 – termos selecionados divididos em categorias

Categoria	Termos
Festas Populares	Carnaval Cavalhada(s) Círio de Nazaré Bumba-meu-boi Festa(s) Junina(s) Festa(s) de São João Festa do Divino (Espírito Santo) Festival Folclórico de Parintins Procissão do Fogaréu
Música e Dança	Axé Boi-bumbá Forró Frevo Marchinha(s) Quadrilha(s)

	Samba Samba-enredo Tambor-de-crioula Xote Xaxado
Símbolos	Arraial (Boi) Caprichoso (Boi) Garantido Boneco(s) Gigante(s)/ Bonecos de Olinda
Formas de organização	Abadá Bloco(s) (de rua) Bumbódromo Escola(s) de samba Sambódromo Trio(s) elétrico(s)
Comidas típicas	Quentão Pé de moleque

2.1.3.1.2 Exploração do *subcorpus* em inglês

Após o levantamento desses termos, iniciamos o processamento do *subcorpus* de textos turísticos em inglês sobre o Brasil a fim de averiguarmos os elementos que caracterizam as festas populares brasileiras nos guias turísticos escritos nesse idioma. O mesmo procedimento adotado para a extração de palavras-chave no *subcorpus* em português foi realizado no *subcorpus* em inglês, porém, usando o CorTurRef_Ing, *corpus* de referência em inglês de turismo geral compilado para esta pesquisa nos mesmos moldes do CorTurRef_Pt. No Quadro 6, exibimos as palavras-chave inseridas no *BootCat* para sua compilação.

Quadro 6 – Palavras-chave em inglês inseridas no *BootCat*

Idioma	Palavras-chave
Inglês	tourism, travel, trip, Europe, Asia, Oceania, North America

O *BootCat* gerou um *corpus* de 450 mil palavras, o que, mais uma vez, não seria suficiente, já que nosso *corpus* de estudo em inglês tem pouco mais de 206 mil palavras. Dessa forma, nos foi necessário adicionar textos de guias de turismo geral em inglês para que esse *corpus* de referência também fosse, no mínimo, três vezes maior que o de estudo. Ao final desse processo, o CorTurRef_Ing apresentou 815.213 palavras, sendo quase quatro vezes maior que nosso *subcorpus* em inglês. Ao serem confrontados, um total de 13.502 palavras-chave foram geradas. Nessa etapa, nos foi possível observar que muitos dos elementos típicos das festas brasileiras foram transferidos em português para os guias, facilitando a identificação dos termos que fazem referência às festas populares brasileiras.

A título de ilustração, a Tabela 1 exibe as dez primeiras palavras-chave relacionadas a festas populares brasileiras nos *subcorpora* em português (à esquerda) e em inglês (à direita) de textos turísticos sobre o Brasil.

Tabela 1 – Dez primeiras palavras-chave (KW) referentes a festas populares brasileiras nos *subcorpora* de textos turísticos em português (à esquerda) e em inglês (à direita)

	KW	Posição	Frequência		KW	Posição	Frequência
1	João	13	248	1	Carnaval	10	294
2	Festa	71	183	2	Samba	17	183
3	Carnaval	74	117	3	Forró	36	150
4	Samba	90	69	4	João	37	104
5	Forró	93	52	5	Bloco	46	76
6	Arraial	110	51	6	Boi	60	63
7	Boi	122	78	7	Festa	111	70
8	Parintins	148	40	8	Bumba	117	37
9	Festas	158	123	9	Schools	124	72
10	Juninas	166	36	10	Divino	142	32

Com o estudo desse *subcorpus* extraímos dados que nos auxiliaram nas escolhas lexicais para a redação da definição das unidades terminológicas.

2.1.3.2 O *corpus* paralelo

Nosso *corpus* paralelo se caracteriza como um *corpus* bilíngue, compilado particularmente para esta pesquisa. É composto por textos turísticos sobre o Brasil escritos

originalmente em português com suas respectivas traduções para o inglês. Os materiais que compõem o *subcorpus* em português são os mesmos que compõem o *subcorpus* nesse idioma no *corpus* comparável, detalhado anteriormente no Quadro 1, uma vez que se tratam de edições bilíngues. Abaixo, o Quadro 7 traz as versões que compõem o *subcorpus* em inglês.

Quadro 7 - Composição do *subcorpus* paralelo em inglês

Título da obra:	Unicard Unibanco Brazil Guide
Texto-fonte:	Guia Unicard Unibanco Brasil
Ano de publicação:	2005
Autor:	Unicard Unibanco
Editores:	Bei Comunicações
Tradução:	Ibycaba Traduções
Número de palavras:	135.202
Título da obra:	Tourist Guide
Texto-fonte:	Guia de Cidades
Ano de publicação:	2012
Autor:	EMBRATUR
Tradução:	Tes Brasil
Número de palavras:	108.621
Título da obra:	June Festivals
Texto fonte:	Livreto Junino
Ano de publicação:	2013
Autor:	EMBRATUR
Tradução:	Não consta
Número de palavras:	2.894
Título da Obra:	Colours and Flavours of Brazil
Texto-fonte:	Cores e Sabores do Brasil
Ano de publicação:	2014
Autor:	EMBRATUR
Tradução:	Não consta
Número de palavras:	7.241

Título da obra:	Visit Brazil
Texto-fonte:	Partiu Brasil
Ano de publicação:	2015
Autor:	EMBRATUR
Tradução	Não consta
Número de palavras:	13.594
Título da obra:	Embratur Blog
Texto-fonte:	Blog Embratur
Ano de publicação:	2016
Autor:	EMBRATUR
Tradução:	Não consta
Número de palavras:	5.293
Total geral de palavras:	272.845

Esse *corpus* foi inicialmente explorado no *AntPconc* para que pudéssemos identificar e analisar as traduções dos termos selecionados. Além de estudarmos essas traduções por meio das linhas de concordância do programa, também utilizamos a ferramenta *File View* do *AntConc*, que, como dito anteriormente, nos permite visualizar o texto integral, tornando possível a observação de aspectos não revelados pelas linhas de concordância. Ressaltamos aqui a importância de se manter o arquivo original de onde os textos que compõem o *corpus* foram extraídos. Esses arquivos nos dão acesso à linguagem não verbal dos textos, o que pode evidenciar elementos interessantes de serem analisados.

Com esse *corpus*, como já mencionado na introdução desta dissertação, tivemos o objetivo de analisar a tradução dos referentes culturais selecionados, identificar se havia ou não uma padronização de escolhas tradutórias e verificar os desafios encontrados pelos tradutores, o que nos auxiliou na elaboração da proposta da obra terminográfica, possibilitando uma reflexão sobre como uma obra terminográfica poderia vir ao encontro das necessidades dos tradutores de textos turísticos sobre o Brasil.

2.2 A Proposta de uma obra terminográfica dentro da Teoria Comunicativa da Terminologia

Antes de iniciarmos esta seção, julgamos necessário explicar que não há consenso no que diz respeito à tipologia de obras terminográficas. São muito variadas as propostas tipológicas que procuram fazer uma diferenciação entre dicionário, vocabulário e glossário (REBECHI, 2015). Ao estudarmos as definições da tipologia oferecida por Boutin-Quesnel et al (1985 apud FAULSTICH, 1995), concluímos que “vocabulário” seria a que melhor designaria a obra terminográfica proposta nesta pesquisa. De acordo com os autores, os vocabulários elencam termos de um domínio e descrevem os conceitos representados por esses termos por meio de definições e ilustrações. Nossa escolha por essa denominação será justificada ao final desta seção com a apresentação da lista dos campos dos nossos verbetes.

Nas seções anteriores descrevemos os procedimentos metodológicos que nos levaram à extração dos referentes culturais relacionados a festas populares brasileiras, a sua análise nas traduções e nos textos escritos originalmente em inglês e à identificação de elementos que nos auxiliaram na elaboração da proposta de nosso vocabulário. Não podemos, no entanto, falar de sua elaboração sem identificar a teoria da Terminologia na qual nos alicerçamos. Para fins de definição, Terminologia é a disciplina que se ocupa dos termos técnicos de uma área, dentro da qual temos a Terminografia, face aplicada da Terminologia voltada à produção de dicionários, glossários, vocabulários e bancos de dados.

Para a proposta de nosso vocabulário, tomamos como base a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), preconizada por Maria Teresa Cabré no final dos anos noventa. Embasada nos fundamentos da linguagem e em seu caráter sociocultural, a TCT é, como o nome sugere, uma teoria de base comunicativa que integra as ciências da linguagem e elementos da teoria do conhecimento e da comunicação. Contempla a variação linguística em toda a sua dimensionalidade e estipula que tanto o conhecimento especializado e textos especializados como as unidades terminológicas “podem ocorrer em níveis diferentes de especialização e ser descritos em níveis diferentes de representação” (CABRÉ, 1999, p.126).

Primeiramente, uma vez que a TCT prega que os termos devem ser observados em seu ambiente natural de ocorrência, a elaboração de uma obra terminográfica fundamentada nessa teoria pressupõe a organização de um *corpus*, com o qual é possível fazer observações precisas sobre o real uso da linguagem em análise (ALMEIDA, 2003).

Após a extração e validação dos termos, o terminólogo terá as entradas de sua obra terminográfica (ALMEIDA, 2003). Suas definições, portanto, deverão respeitar o contexto temático ao qual pertencem, no nosso caso, as festas populares brasileiras. A busca por contextos definitórios é feita no próprio *corpus*.

Com nosso público-alvo em mente (profissionais que produzem textos turísticos em inglês sobre o Brasil, sendo eles traduções ou produções nesse idioma) e com o tema da nossa obra terminográfica delimitado, tivemos nos *corpora* compilados especificamente com textos turísticos não apenas a fonte para escolhermos os termos dessa área e extrairmos os elementos para suas definições, mas também para decidirmos, como mencionado anteriormente, quais campos deveriam figurar nos verbetes para que as necessidades do nosso público-alvo fossem atendidas. Foi a análise dos dois *corpora* de estudo que nos indicou quais traços eram imprescindíveis para a definição adequada dos termos e para decidirmos os campos dos verbetes. Lembramos que a validação dos candidatos a termo dentro do nosso campo temático foi feita confrontando-os nas três obras sobre o folclore brasileiro descritas na seção 2.1.3.1.1.

De acordo com Almeida (2003), cada verbete pode conter informações sistemáticas (que são aquelas obrigatórias em todos os verbetes) e não-sistemáticas (aquelas que não são necessárias em todos eles). A autora fornece alguns exemplos de informações sistemáticas, a depender do propósito da obra terminográfica, a saber: entrada, classe morfológica, equivalência em língua estrangeira, definição e remissivas. Como informações não-sistemáticas, a autora aponta as informações enciclopédicas, os sinônimos e as indicações de uso para casos de variação socioletal.

As informações sistemáticas e não-sistemáticas dos verbetes do nosso vocabulário foram definidas conforme as análises iam sendo conduzidas.

Com relação às primeiras, além da entrada, classe morfológica, definição e remissivas, ainda adicionamos os campos “fotos com legenda” e “link para vídeo do Youtube” em todos os verbetes para uma melhor contextualização dos referentes culturais para o consulente.

Já as informações não-sistemáticas foram aquelas que, como explicado acima, se mostraram necessárias para apenas alguns termos. Por exemplo, a análise do termo “Cavalcadas” (vide seção 3.20), mostrou-nos que essa manifestação popular também é conhecida na sua forma singular: “Cavalcada”. Julgamos importante, portanto, a adição do campo “Also known as”. A forma como os autores dos guias estrangeiros grafavam o plural de determinados termos (como foi o caso de “carnaval”, grafado “carnavals”), nos revelou a importância de adicionar a forma pluralizada dos termos na língua de partida. Trata-se de uma informação não sistemática já que nem todos levam plural, como é o caso de “axé”. As informações adicionais que se faziam essenciais para determinados termos, como as festas e danças que detêm o título de Patrimônio Cultural do Brasil, por exemplo, foram incluídas em um campo intitulado “Important information”. Em muitos casos, os autores dos guias estrangeiros não informaram corretamente os dias e locais nos quais ocorrem certas festas, o

que nos levou a adicionar os campos “When” e “Where” em todos os verbetes cujas entradas eram nomes de festas. As celebrações que ocorrem durante um período mais longo possuem algumas datas-chave, como é o caso dos dias dos santos homenageados nas *Festas Juninas*, sendo Santo Antônio no dia 13/6, São João no dia 24/6 e São Pedro 29/06, para esse tipo de informação, foi criado o campo “Important dates”.

Para melhor visualização, exibimos abaixo os campos dos verbetes do nosso vocabulário. As informações sistemáticas estão indicadas com a letra “S” e as não sistemáticas com as letras “NS”.

- 1) **Entrada:** unidade terminológica na língua de partida (S);
- 2) **Classe morfológica** (S), que no caso de termos de festas populares se limitará a “substantivo” (noun) e “locução” (*locution*), precedida pelo gênero masculino (*masculine*) ou feminino (*feminine*). Os gêneros dos termos foram incluídos para o conhecimento dos autores estrangeiros. Se julgarem pertinente, podem incluir essa informação ao turista leitor de seus guias;
- 3) **Forma pluralizada da unidade terminológica na língua de partida** (NS), que pode auxiliar um escritor estrangeiro não familiarizado com as regras de formação de plural da língua portuguesa;
- 4) **Definição na língua de chegada** (S). Por se tratar de uma obra terminográfica enciclopédica devido à necessidade da inclusão de determinadas informações após a análise de cada termo, as definições já trarão as informações enciclopédicas. Essas informações não são exaustivas, uma vez que tiveram apenas nosso *corpus* de estudo como fonte. Dele, extraímos as informações sobre os referentes culturais para a redação da definição e identificamos inconsistências que julgamos importante retificar. Em um trabalho futuro, essas informações poderão ser complementadas. Além disso, como o vocabulário aqui proposto trata somente de festas populares brasileiras, os termos têm suas definições apenas dentro desse domínio. Por exemplo, o termo “quadrilha” é tratado apenas como a dança exibida durante as Festas Juninas, mas não traz outras acepções, como “grupo de ladrões”, por exemplo. Esse campo poderá auxiliar os tradutores a buscarem palavras em inglês que fazem parte do campo temático em que o termo está inserido, por exemplo, no caso de “Festas Juninas”, a definição trará construções como “feast / festival of St. John”, dentre outros. Para a elaboração da definição, como já mencionado, buscamos por contextos explicativos e definitórios no nosso *corpus*. Quando isso não foi possível, fez-se necessária a pesquisa em fontes externas;

- 5) **Remissivas** (S) que estarão no corpo da definição, destacadas em azul ou no campo “see also”, o qual também indicará os termos que contrastam com aquele sendo consultado. É o caso do bumba-meu-boi e do boi-bumbá. Considerados erroneamente como sinônimos, esses termos farão parte da rede de remissivas um do outro para que o consulente entenda as diferenças entre os dois folguedos;
- 6) **Where** (NS), campo que trará o local em que essas festas são celebradas;
- 7) **When** (NS), campo que trará, no caso das festas, quando elas ocorrem no país;
- 8) **Important dates** (NS), que trará as datas importantes relacionadas a um determinado evento. Por exemplo, no verbete de “Bonecos Gigantes”, o dia em que desfilam em Olinda (terça-feira de carnaval);
- 9) **Important Information** (NS): campo que trará informações relevantes que não foram incluídas na definição, como, por exemplo, a lista dos principais sambódromos do país no verbete de “sambódromo”;
- 10) **Also known as** (NS). Esse campo trará outros termos encontrados no *corpus* pelos quais o termo que encabeça o verbete também é conhecido;
- 11) **Fotos com legenda** (S);
- 12) **Link para vídeo no Youtube** (S).

No caso de polissemia, como aconteceu com “boi-bumbá”, o termo encabeçará o verbete, e suas definições virão separadas por números.

Faz-se necessário explicitar que denominamos a nossa obra terminográfica como *bilíngue* por colocarmos duas línguas em contato: as entradas serão em português (língua de partida) e as definições, em inglês (língua de chegada). Uma vez que lida com referentes culturais, a obra não trará opções de equivalência dos termos na língua de chegada.

Tendo recorrido sobre a metodologia utilizada para análise dos termos e elaboração da obra terminográfica e tendo oferecido detalhes sobre a teoria da Terminologia na qual nos pautamos, apresentamos no próximo capítulo as análises dos termos escolhidos e os exemplos de verbete – que virão após a análise de cada termo – do nosso *Vocabulário Bilíngue de Festas Populares Brasileiras*.

CAPÍTULO 3: ANÁLISES

Este capítulo apresenta as análises dos 32 termos separadamente.

Em primeiro lugar, ofereceremos a análise das traduções de cada referente cultural, a qual é precedida de um esquema²⁹ que traz as estratégias utilizadas pelos tradutores de cada fonte em que o termo analisado ocorre. Nessa parte, são feitas algumas considerações não apenas no que diz respeito às estratégias empregadas e sua relação com a função do TM, mas também, quando julgamos necessário, tecemos alguns comentários sobre os trechos nos quais os termos analisados estão inseridos.

Em seguida, passamos para a análise dos referentes culturais nos textos turísticos escritos originalmente em inglês, a qual, por sua vez, também é precedida de um esquema que permite uma melhor visualização do tratamento dado a esses termos pelos autores dos três guias que compõem nosso *subcorpus* comparável em inglês. Em alguns casos, também serão feitos comentários a respeito das informações fornecidas por esses materiais sobre os referentes culturais analisados.

Depois, tendo as análises como base, indicaremos os elementos que constarão do exemplo de verbete do termo analisado.

Por último, será exibido o modelo completo do verbete.

É importante ressaltarmos que as estratégias de Marco (2002) nos ajudaram a descrever o que foi praticado pelos tradutores quando da versão dos referentes culturais para o inglês e a detectar os problemas que surgiram. Não pretendemos indicar nos verbetes a melhor estratégia a ser empregada na tradução de referentes culturais em textos turísticos. Deixaremos isso a cargo do tradutor. O que o consulente terá nas definições em nossos verbetes será o vocabulário necessário para auxiliá-lo na descrição dos referentes culturais em língua inglesa. Um exemplo é o verbete “Festa Junina”. A definição trará, baseada na análise do *corpus*, termos como “feast”, que designa festas religiosas, “vintage rural clothing”, para descrever as roupas que as crianças usam nessas festas, o nome em inglês dos santos celebrados (“Saint Anthony”, “Saint John the Baptist” e “Saint Peter”), dentre outros.

Apesar de tratar-se de um *vocabulário* que, uma vez publicado, deverá estar organizado em ordem alfabética, as análises estão dispostas em ordem temática para uma melhor fluidez na leitura do capítulo.

²⁹ O esquema foi inspirado em Costa (2006).

Iniciaremos apresentando o termo “bumba meu boi”, uma vez que é a brincadeira de boi que originou o “boi-bumbá”, o qual, por sua vez, deu origem ao Festival Folclórico de Parintins. Após apresentarmos os três termos em sequência, serão exibidas as análises de “Boi Caprichoso” e “Boi Garantido” e “Bumbódromo”. Logo após, temos “carnaval”, que precede os termos que fazem parte do campo temático do carnaval do Rio de Janeiro, de Salvador e, por fim, de Pernambuco. Em seguida, exibimos as análises de “Círio de Nazaré”, “Festa do Divino Espírito Santo” e “Cavalhadas”. Posteriormente, temos “Festa Junina” e todos os termos pertencentes a seu campo temático. Terminamos as análises com “Procissão do Fogaréu” e “Tambor de Crioula”.

3.1 Análise de “bumba meu boi”

Esquema 1 – Estratégias para “bumba meu boi”

O bumba meu boi é uma brincadeira de boi³⁰ que consiste na apresentação de um auto sobre a história de Pai Francisco, escravo de uma fazenda de gado, que mata o boi preferido do seu patrão para satisfazer o desejo de sua mulher, Mãe Catirina, que, grávida, sente vontade de comer língua de boi. Ao descobrir que o animal está morto, o fazendeiro convoca curandeiros e pajés para ressuscitá-lo.

³⁰ Representações musicais e dramáticas da figura de um boi.

Apesar de ser celebrada pelas ruas de vários estados do Nordeste brasileiro, é no Maranhão que a festa tem maior representatividade, tendo recebido o título de Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2011.

Além da festa, o termo “bumba meu boi” também designa a dança apresentada durante o auto. No *corpus*, o termo ora se refere à primeira acepção, ora à última. Os dicionários de língua portuguesa consultados, porém, não trazem “festa” como uma das acepções do termo.

Passemos para a análise do termo no nosso *corpus*. Como pode ser visto no esquema acima, a estratégia preferida dos tradutores foi a de transferência. É importante comentarmos que em poucos casos havia uma explicação do TF sobre o que é o bumba meu boi, possivelmente por tratar-se de material voltado para o leitor brasileiro, que já tem algum conhecimento sobre a festa/dança em questão, o que não ocorre com os turistas estrangeiros que lerão o texto em inglês. Nos casos em que não havia no TF informações sobre o bumba meu boi, o termo foi transferido para o TM sem qualquer adição de explicação, com exceção de duas ocorrências do termo no *Guia Unicard*, como será explicado adiante.

Considerado uma espécie de Festa Junina devido ao mês em que ocorre, o bumba meu boi figura entre as celebrações listadas no *Livreto Junino*. Em uma das três ocorrências do termo no material, a explicação que existe no TF sobre a festa em São Luís é confusa até mesmo para os brasileiros. O autor não fornece muitos detalhes, no entanto, explica que o turista “pode se caracterizar com indumentária de um dos personagens”. Os brasileiros que não conhecem a lenda do bumba meu boi e que nunca participaram da festa sabem, no máximo, que um desses personagens é o boi, dadas as vezes em que a celebração aparece nos telejornais no mês em que ocorre. No TM, a passagem fica ainda mais confusa para os estrangeiros que nenhum conhecimento têm sobre a festa: “the tourists can wear the costumes of one of the characters”. Em momento algum, ficam sabendo que personagens são esses. As outras duas ocorrências do termo no material estão em um calendário sobre as festas que acontecem no Brasil em junho e sobre as festas desse mês em Teresina. Nesses dois casos, o termo foi transferido para o TM em português sem explicações. Com relação ao *Guia de Cidades*, o termo aparece duas vezes. Na primeira ocorrência, “bumba meu boi” está em uma passagem sobre o folclore de Alagoas. A única explicação sobre a festa no TF informa que a) “os animais dançam pelas ruas, enfeitados e embalados por música típica regional”. Imaginando, possivelmente, a confusão que essa frase geraria no leitor do TM, que não sabe que quem dança nas ruas durante o bumba meu boi são, na verdade, *pessoas* fantasiadas de animais, o tradutor ajustou a informação contida no TF, explicando que, durante a festa, b) “animal costumes are used in dances in the

streets, accompanied by typical regional music³¹”, dando atenção ao fato de que pessoas se fantasiam de animais para dançar pelas ruas da cidade. A segunda ocorrência do termo no *Guia de Cidades* está numa pequena passagem sobre o Centro de Comercialização de Produtos Artesanais (Ceprama) em São Luís, onde o texto informa ser possível comprar a) “miniaturas de bumba meu boi”. No TM lemos que, no Ceprama, podemos comprar, dentre outros artigos de artesanato, até mesmo “miniatures of bumba meu boi”, o que não significa absolutamente nada para o leitor do TM. O *Blog Embratur* traz o termo três vezes, para os quais também foi usada a estratégia de transferência no TM. Duas dessas ocorrências estão em uma passagem sobre o bumba meu boi, onde há uma explicação detalhada sobre a festa. Já a outra ocorrência está em um trecho sobre as manifestações culturais do Maranhão, em uma lista que elenca as festas que acontecem na cidade, todas transferidas em português para TM. Não houve adição de informação para nenhuma festa. Com relação à revista *Partiu Brasil*, temos apenas uma ocorrência do termo, em um calendário sobre as atividades que acontecem em junho na capital do Maranhão. O tradutor transfere o termo em português para o TM sem mais explicações, provavelmente pelas limitações de espaço impostas pelo *layout* da página. Já no *Guia Unicard*, as cinco ocorrências da estratégia de transferência estão em passagens sobre as cidades onde o bumba meu boi é celebrado. Essas passagens trazem detalhes sobre como a festa é comemorada e contam a lenda do boi ressuscitado.

O único material que traz a combinação da estratégia de transferência com a adição de informação é o *Guia Unicard*, totalizando duas ocorrências. Na primeira, o guia lista os pontos turísticos de São Luís, dentre os quais está a Casa do Maranhão, lugar que oferece exposições permanentes sobre o folclore do estado. No TF lemos: a) “É o melhor espaço para conhecer o bumba meu boi”. Enquanto, no TM, temos: b) “This (...) is the best place to learn about the bumba meu boi performance”. Já em uma passagem sobre São Luís, lemos no TF que o Maranhão a) “combina rodas de reggae ao famoso bumba meu boi”. O TM diz que o estado b) “harbours a cultural mix that ranges from reggae music to the *folkloric bumba meu boi performance*” (grifo nosso). Nessas duas passagens, o termo se refere à dança, e não à festa.

3.1.1 “Bumba meu boi” nos guias estrangeiros

³¹ “Fantasias de animais são usadas em danças nas ruas, acompanhadas por música regional”.

Esquema 2 - “Bumba meu boi” nos guias estrangeiros

O material que compõe o nosso *corpus* comparável traz 32 menções ao bumba meu boi, sendo 11 no *Eyewitness*, 14 no *Lonely Planet* e 07 no *Rough Guides*.

O *Eyewitness* traz “festa do bumba meu boi”, “bumba meu boi” e “bumba meu boi festival” para se referir à festa de rua. O guia ressalta a importância da festa no Maranhão e, em cada passagem, fornece alguma informação, detalhando, inclusive, a lenda do boi ressuscitado.

Assim como o *Eyewitness*, o *Lonely Planet* e o *Rough Guides* também oferecem detalhes sobre o folguedo e narram seu tema central nas passagens em que informam sobre as festas populares em São Luís. Ao contrário do *Eyewitness* que emprega “festa do bumba meu boi”, o *Rough Guides* utiliza apenas “bumba meu boi”. Já o *Lonely Planet* opta por “bumba meu boi”, “bumba meu boi festival” e “bumba meu boi festivities”, e descreve a festa como “mythic bull festival³²” ou “folkloric festival³³”.

É importante ressaltarmos que os termos usados pelos três guias ao mencionarem o boi quando contam a lenda e descrevem as fantasias são “bull” e “ox”, como “ox costume³⁴” no *Lonely Planet*, “death and resurrection of a bull³⁵” e “death and resurrection of an ox” no *Eyewitness* e, por fim, “the bull is at the centre of a circle³⁶”, no *Rough Guides*. Os dicionários de língua inglesa *Cambridge*, *Merriam-Webster* e *Macmillan* explicam que “ox” é o macho adulto castrado da família dos bovinos, o “boi” em português. Já o “bull” seria o nosso “touro”, ou seja, o macho não castrado. Apesar de os guias usarem os dois termos para mencionar o boi do folguedo em análise, “bull” é o mais frequente.

³² “Festival do boi mítico”.

³³ “Festival folclórico”.

³⁴ “Fantasia de boi”.

³⁵ “Morte e ressurreição de um boi”.

³⁶ “O boi fica no centro de um círculo”.

Para mencionar a “língua de boi” (prato que a mulher grávida na lenda deseja comer), o *Rough Guides* emprega o termo “ox” (“ox tongue”). Em uma pesquisa no COCA, tivemos apenas três ocorrências de “ox tongue”, todas designando o prato, e apenas uma ocorrência de “bull tongue”, porém, referindo-se à língua do animal vivo. Uma busca pelos dois termos no *Google Images* confirmou que “bull tongue” refere-se à língua do animal e “ox tongue” à iguaria.

3.1.2 Exemplo de verbete

Nosso verbete trará as duas acepções do termo reveladas pelo *corpus*: a dança dramática e a festa de rua.

Para a definição, utilizaremos as explicações sobre a dança e a festa, bem como os detalhes sobre a lenda do bumba meu boi encontrados em nosso *corpus*. Estes últimos serão incluídos no campo “Important Information” juntamente com a informação sobre o título de Patrimônio Cultural do Brasil recebido pelo folguedo.

Para o termo “boi” utilizaremos “bull”, já que apresentou uma frequência maior nos guias estrangeiros. Ao mencionarmos o prato “língua de boi”, utilizaremos “ox tongue”.

3.1.2 Modelo de verbete de “bumba meu boi”

bumba meu boi

Masculine noun Pl: **bumba meus bois**

1- A folk theatrical dance with European, African and indigenous influences, performed mainly in Maranhão and other states in northeastern Brazil, which tells the legend of the death and resurrection of a bull. The music that accompanies the dance is called *toada*. 2 - The street party where this dance is performed.

Where: Northeastern Brazil

When: Mainly June and July

Important date: Bumba meu boi National Day: June, 30th

Important information:

1- The *bumba meu boi* festival held in the state of Maranhão was declared Intangible Cultural Heritage of Brazil by IPHAN (Brazil's Institute for Cultural Heritage) in 2011.

2 - The main plot of the legend tells the story of a slave, Pai Francisco, who slaughters his master's favourite bull to satisfy his pregnant wife's craving for ox tongue. When the master discovers it, Pai Francisco is arrested. The slave is forgiven after a priest and a witch doctor manage to resuscitate the animal.

This plot may vary according to the region where it is performed

See also: [boi-bumbá](#).

Credit: Iphan / Edgar Rocha

The bull is the central figure of the dance and is made of a wooden structure covered by a painted or embroidered fabric, which is carried by the lead dancer.

You Tube *Bumba meu boi* performance in the northeastern state of Maranhão

<https://www.youtube.com/watch?v=OmGJbsVOO4I>

3.2 Análise de “boi(s)-bumbá(s)”

Esquema 3 – Estratégias para “boi(s)-bumbá(s)”

O boi-bumbá é uma entre as várias brincadeiras de boi, cuja presença no Brasil remonta a meados do século XIX. Derivada do bumba meu boi, do Maranhão, a brincadeira foi levada para a Amazônia por nordestinos e lá ganhou adaptações que conjugavam a lenda³⁷ contada nessas brincadeiras às lendas e rituais da floresta amazônica. Nos últimos anos, a celebração que acontece em Parintins, cidade situada na Ilha de Tupinambarana, em Manaus, ganhou proporções gigantescas, atraindo um público de aproximadamente 70 mil pessoas³⁸, provenientes de diversas partes do Brasil e do mundo, o que deu à cidade o título de “Capital Nacional do Boi-bumbá”. O Festival Folclórico de Parintins, nome oficial da festa, ocorre no último final de semana de junho e organiza-se em torno de duas associações folclóricas: o Boi Caprichoso e o Boi Garantido, que disputam anualmente o título de campeã do festival por meio de apresentações realizadas no Bumbódromo³⁹. Estas contam o auto da morte e ressurreição de um boi, sendo julgadas ao final dos três dias de festa de acordo com 21 critérios, dentre os quais a música (toada), a lenda amazônica incorporada, a porta-estandarte e a evolução do boi. Apesar de a festa ser celebrada em todo o Norte brasileiro, ao mencionarem o boi-bumbá, os guias se referem somente ao festival que acontece em Parintins.

³⁷ Os detalhes da lenda variam de região para região, mas a versão mais popular conta a história de um casal de escravos que, após matar o boi favorito de um senhor de engenho, enfrenta a sua fúria (vide análise de “bumba meu boi”, na seção 3.1).

³⁸ G1 AM (Manaus). **Com exaltação do imaginário caboclo, Caprichoso vence 52º Festival Folclórico de Parintins, no AM**. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

³⁹ Centro Cultural e Esportivo Amazonino Mendes, uma espécie de arena onde acontece a disputa dos bois Caprichoso e Garantido no Festival Folclórico de Parintins.

Os dicionários *on-line Michaelis*, *Priberam* e *Caldas Aulete* trazem o termo “boi-bumbá” como uma das variantes do bumba-meu-boi⁴⁰, definindo-o apenas como uma dança popular dramática. Porém, como vimos nos guias e no material de apoio consultado, o termo também se refere aos grupos que executam a dança, dentre os quais as associações folclóricas de Parintins (Boi Caprichoso e Boi Garantido)⁴¹ (exemplo: “disputa entre os bois-bumbás Garantido e Caprichoso” – *Partiu Brasil*).

É importante salientar que, diferentemente de “bumba meu boi”, que designa, no Maranhão, tanto a dança dramática como a festa em que essa dança é apresentada (vide seção 3.1), o termo “boi-bumbá”, em nosso *corpus* ou no material usado como apoio, em momento algum é empregado sozinho quando se faz referência à festa, ou seja, a expressão usada é sempre “Festa do Boi-bumbá”. Sendo assim, para a análise das traduções de “boi-bumbá”, consideraremos duas acepções: a dança dramática e os grupos que apresentam essa dança.

O esquema acima mostra que, das sete ocorrências do termo em nosso *corpus*, seis tiveram a transferência como estratégia. O *Guia de Cidades* faz ao todo quatro menções ao Festival Folclórico de Parintins, porém em nenhum momento usa o termo “boi-bumbá” para descrever a dança dramática encenada durante a festa. As únicas ocorrências do termo analisado estão em duas pequenas passagens sobre os lugares onde são realizados os ensaios dos bois Caprichoso e Garantido. Aqui, o termo designa essas duas associações folclóricas. Dessa forma, temos no TF: a) “Local onde se realizam os ensaios da apresentação do boi-bumbá azul” e “A casa do boi-bumbá vermelho”; no TM lemos: b) “This is where the blue boi-bumbá practice takes place” e “This is the home of the red boi-bumbá”.

Aqui vale ressaltar que, apesar de passagens anteriores sobre o Festival Folclórico de Parintins terem trazido a informação de que a cor do Caprichoso é azul e, a do Garantido, vermelha, não houve qualquer explicação que ligasse essas associações ao termo “boi-bumbá”. Dessa forma, ao se deparar com o termo nessa passagem, o turista estrangeiro, que certamente desconhece o campo lexical do festival, termina sua leitura sem compreender o texto em sua totalidade. Dessa forma, a retenção do termo em português sem a combinação de nenhuma

⁴⁰ Brincadeira de boi famosa no Maranhão.

⁴¹ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) está concluindo a última fase do processo que dará aos bois-bumbás do Médio Amazonas e Parintins o título de Patrimônio Histórico Brasileiro. No documento disponível no *site* do instituto, fica claro que, quando o termo “boi-bumbá” é usado, a referência que se faz é aos grupos que executam a dança dramática de mesmo nome: “(...) registro dos Bois-bumbás Garantido e Caprichoso”. BRASIL. Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional. Termo de Execução Descentralizada nº 002. Brasília, DF, 14 de dezembro de 2015. Brasília, 31 ago. 2017. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

outra estratégia ocasionou a perda da informação para o leitor do TM, resultando na quebra da comunicação.

Já a revista *Cores e Sabores* traz o termo apenas uma vez, em uma passagem sobre as festas que acontecem no Brasil no mês de junho. O TF explica que nessas celebrações o turista terá contato com a) “costumes como o forró, o boi-bumbá e a quadrilha”; no TM, lemos: b) “(...) customs such as forró, boi-bumbá and country dancing”. Apesar de o leitor do TM entender que “country dancing” diz respeito a uma dança, o mesmo não se pode dizer de “forró” e “boi-bumbá”, termos que provavelmente desconhece. Mais uma vez, temos uma quebra na comunicação, que se dá com a manutenção do termo em português no TM sem, por exemplo, o uso em conjunto da estratégia de adição de informação.

O último material a usar a estratégia de transferência para o termo é o *Blog Embratur*. Para as três ocorrências de “boi-bumbá” no *Blog*, já havia uma explicação no TF sobre a origem da dança.

O único material cujo tradutor não utilizou a estratégia de transferência no TM foi a revista *Partiu Brasil*, que optou pela combinação da estratégia de neutralização com a de adição de informação. A passagem, que disserta sobre o Festival Folclórico de Parintins, traz o termo “boi-bumbá” ao se referir às duas associações folclóricas da cidade. No TF, lemos que o festival a) “retrata a disputa entre os bois-bumbás Garantido (vermelho) e Caprichoso (azul).”; no TM, temos: b) “the parade depicts the ancient rivalry of two associations (called bois): Garantido (in red) and Caprichoso (in blue)”. Nesse caso, temos uma neutralização com o uso do hiperônimo “associations”, combinada com a estratégia de adição de informação (“called bois”), que informa o leitor estrangeiro sobre como essas associações são conhecidas em português.

3.2.1 “Boi(s)-bumbá(s)” nos guias estrangeiros

Esquema 4 – “Boi(s)-bumbá(s)” nos guias estrangeiros

Das 15 vezes em que foram feitas menções ao “boi-bumbá” nos guias estrangeiros, 12 fazem referência à festa, enquanto as outras três ocorrências do termo (uma em cada guia) referem-se à dança dramática.

Quando comentam a festa do boi-bumbá, o *Eyewitness* sempre traz o termo “festa do boi-bumbá”, o *Lonely Planet* emprega “boi-bumbá festival” e o *Rough Guides* utiliza tanto “boi-bumbá festival” como “boi-bumbá celebrations”. Ao mencionarem a dança, os três guias trazem apenas “boi-bumbá”.

Todos os guias oferecem detalhes minuciosos sobre a festa, explicando suas origens, fazendo um breve paralelo com o bumba meu boi do Maranhão e contando a lenda representada na dança. O fascínio dos autores dos três guias com relação à festa pode ser percebido pelo uso que fazem de adjetivos como “vibrant”, “fantastic”, “fascinating”, “wild”, “electrifying” e “magnificent”.

O *Rough Guides* é o único guia que omite o hífen no termo.

3.2.2 Exemplo de verbete

Como dito acima, os dicionários de língua portuguesa consultados trazem o “boi-bumbá” como sinônimo de “bumba meu boi”, definindo-o somente como uma dança dramática. No entanto, o estudo do *corpus* e do material de apoio nos mostrou que o termo também é usado para designar os grupos que executam a dança. Dessa forma, essa segunda acepção deverá constar do nosso exemplo de verbete.

3.2.2.1 Modelo de verbete de “boi-bumbá”

boi-bumbá

Masculine noun Pl: bois-bumbás / bois-bumbá

1- A folk theatrical dance derived from *bumba meu boi*, performed in the north of Brazil, which tells the legend of the death and resurrection of a bull combined with tales and myths from the Amazon Rainforest. The music that accompanies the dance is called *toada*. See *bumba meu boi* to learn about the legend.

2 - The groups in the north of Brazil that perform this dance. See *Boi Garantido* and *Boi Caprichoso*.

See also: *Festival Folclórico de Parintins*

Credit: silviozekatraca.blogspot.com.br

Duelo na Fronteira: an important *boi-bumbá* festival in Guajará-Mirim, a city in the northern state of Rondônia

Credit: perfilcomunicacao.wordpress.com

Boi Garantido is one of the most famous *bois-bumbás* in the state of Amazonas

Performance of *Boi-bumbá Parintins* in the northern state of Roraima

<https://www.youtube.com/watch?v=hHE5dMo0u08>

3.3 Análise de “Festival Folclórico de Parintins”

Esquema 5 – Estratégias para “Festival Folclórico de Parintins”

Parintins é uma cidade de aproximadamente 100 mil habitantes, situada na ilha de Tupinambarana, Amazonas. Todo ano, no último final de semana de junho, a cidade recebe milhares de pessoas para o Festival Folclórico de Parintins, ou Festa do Boi-bumbá, como também é conhecido (vide seção 3.2). Em dezembro de 2017, Parintins recebeu o título de Capital Nacional do Boi-bumbá⁴².

Constatamos oito ocorrências do termo “Festival Folclórico de Parintins” em nosso *corpus*. Para quatro dessas ocorrências, a estratégia utilizada foi a de transferência do termo em português para o TM.

No *Guia de Cidades*, essa estratégia está em uma passagem sobre o Bumbódromo, a qual já incluía no TF a informação de se tratar do local que abriga o festival em questão. Em um trecho no início do guia, porém, em uma seção sobre as festas populares brasileiras e onde há um parágrafo que oferece rapidamente alguns detalhes sobre o festival de Parintins, a

⁴² BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. Constituição (2017). Lei nº 13.571, de 21 de dezembro de 2017. Confere ao Município de Parintins, no Estado do Amazonas, o título de Capital Nacional do Boi Bumbá. **Publicação Original**. Brasília, DF, 22 dez. 2017. Seção 1, p. 2-2. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

estratégia escolhida foi a de tradução literal (“Parintins Folklore Festival”). Temos, no mesmo material, duas estratégias de tradução empregadas para o nome de uma única festa.

Para as duas ocorrências do termo no *Livreto Junino*, a estratégia empregada foi, também, a de transferência. Uma ocorrência da estratégia está em um calendário sobre as festas que acontecem no Brasil em junho e a outra, em uma passagem dedicada ao festival, que traz informações – que já constavam do TF – sobre como as celebrações ocorrem.

A revista *Partiu Brasil* é o último material a empregar a estratégia de transferência na única vez em que traz termo, em uma passagem sobre Parintins.

A estratégia de tradução literal está presente em três momentos, sendo um deles a passagem do *Guia de Cidades*, comentada acima. As outras duas estão no *Guia Unicard* e no *Blog Embratur*. Em ambos os materiais, a estratégia está em uma passagem sobre o festival, na qual são informados detalhes sobre a festa e sobre a cidade de Parintins. Na ocorrência do termo no *Blog*, o tradutor lançou mão de uma combinação de três estratégias para vertê-lo para o TM: transferência, omissão e tradução literal, resultando em “Parintins Festival”.

3.3.1 “Festival Folclórico de Parintins” nos guias estrangeiros

Esquema 6 – “Festival Folclórico de Parintins” nos guias estrangeiros

Apenas o *Rough Guides* traz o termo “Festival Folclórico de Parintins”, explicando ser esse o nome oficial do que o guia chama de “boi-bumbá celebrations”. O *Eyewitness* e o *Lonely Planet*, apesar de não trazerem o termo, explicam que a festa em que os bois-bumbás Garantido e Caprichoso se apresentam é realizada na cidade de Parintins. Porém, o primeiro traz uma informação equivocada, ao fornecer a data em que a festa ocorre, dizendo ser nos dias 28, 29 e 30 de junho. Na verdade, o festival aconteceu nessa data por 40 anos até 2005⁴³ (a edição do guia é de 2016). Depois disso, seu calendário foi alterado para o último final de semana de junho.

⁴³ JORNAL A CRÍTICA (Manaus). **Festival Folclórico será de 30 de junho a 2 de julho**. 2006. Disponível em: <<http://www.parintins.com/>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

3.3.2 Exemplo de verbete

Devido ao equívoco cometido pelo *Eyewitness* com relação ao período em que o festival ocorre, explicitaremos a informação correta em nosso verbete.

É impossível afirmar se os autores do *Eyewitness* e do *Lonely Planet* ignoram o nome oficial da festa do boi-bumbá, ou se não o consideraram uma informação relevante. É necessário, porém, informar no nosso exemplo de verbete que “Festival Folclórico de Parintins” é o nome oficial da festa do boi-bumbá da cidade de Parintins.

No campo “Important information”, informaremos sobre o título de Capital Nacional do Boi-bumbá, concedido a Parintins pelo Congresso Nacional.

3.3.2.1 Modelo de verbete de “Festival Folclórico de Parintins”

Festival Folclórico de Parintins

Masculine locution

A *boi-bumbá* festival that takes place in Parintins, a river town in the state of Amazonas. The celebration lasts three days and centers on a rivalry between two *boi-bumbá* groups called *Boi Caprichoso* and *Boi Garantido*, which compete parading through the *Bumbódromo* telling the legend of the death and resurrection of a bull combined with tales and myths from the Amazon Rainforest. The festival is also known as *Festa do Boi-bumbá*.

See *bumba meu boi* to learn more about the legend of the resurrected bull.

Where: Parintins, a city in Amazonas, a state in northern Brazil.

When: Last weekend in June, from Friday to Sunday.

Important Information

Parintins is considered to be the National Capital of Boi-bumbá.

Credit: *viajenaviagem*

Boi Caprichoso's performance at the festival

An overview of the festival:

<https://www.youtube.com/watch?v=VaWGbY9Tv5U>

3.4 Análise de “Boi Caprichoso” e “Boi Garantido”

Esquema 7 – Estratégias de “(Boi) Caprichoso” e “(Boi) Garantido”

Boi Caprichoso e Boi Garantido são duas agremiações folclóricas que disputam entre si o Festival Folclórico de Parintins. A disputa ocorre em um Bumbódromo que, como veremos na seção 3.5, é um centro cultural com capacidade para 15 mil espectadores, com arquibancadas azuis para a torcida do Boi Caprichoso e arquibancadas vermelhas para os fãs do Boi Garantido. A competição consiste na apresentação individual da lenda do boi-bumbá pelas agremiações, que são avaliadas em 21 quesitos por seis jurados, dentre os quais o apresentador, o levantador de toadas, a evolução do boi, as figuras típicas regionais e a porta-estandarte.

Como pode ser observado nos esquemas acima, temos 13 ocorrências de “(Boi) Caprichoso” e 14 de “(Boi) Garantido”. Os parênteses em “Boi” indicam que nem sempre as

menções às duas agremiações trazem a palavra, sendo muitas vezes referenciadas apenas como “Caprichoso” e “Garantido”.

A estratégia preferida dos tradutores é a de transferência, totalizando 11 ocorrências em “(Boi) Caprichoso” e 12 em “(Boi) Garantido”. Em todos os materiais e em todas as passagens em que temos o uso dessa estratégia, existe uma explicação – que já constava do TF – sobre as associações folclóricas.

A combinação da estratégia de transferência com a de tradução literal foi encontrada duas vezes no *corpus* para os termos em análise: uma ocorrência está no *Blog Embratur* (“Caprichoso and Garantido bulls”), e, a outra, no *Guia de Cidades*, no qual o termo “boi” foi vertido no TM para “cow” (“the Caprichoso cow and the Garantido cow”). “Cow” está nos dicionários *Oxford*, *Macmillan* e *Merriam-Webster* não apenas como “fêmea do boi”, mas também como “animal bovino doméstico, independente de idade e gênero”. Somente o dicionário *Oxford* traz uma nota dizendo que essa segunda acepção do termo é utilizada informalmente. No entanto, como veremos adiante, nenhum dos guias estrangeiros que compõem o nosso *corpus* empregou o termo “cow” para descrever o animal da lenda do boi-bumbá, mas “bull” e “ox”.

Os dois casos detalhados no parágrafo acima são os únicos em que os textos estão se referindo aos animais em si (ao boi do Caprichoso e ao boi do Garantido), e não às associações “Boi Caprichoso” e “Boi Garantido”.

3.4.1 “(Boi) Caprichoso” e “(Boi) Garantido” nos guias estrangeiros

Esquema 8 - “(Boi) Caprichoso” e “(Boi) Garantido” nos guias estrangeiros

No caso dos guias estrangeiros, temos três menções a cada uma das associações no *Eyewitness*, duas no *Rough Guides* e uma no *Lonely Planet*, todas em passagens sobre o Festival Folclórico de Parintins. Em todos os casos, os guias empregam apenas os termos “Caprichoso” e “Garantido”, omitindo “Boi”. O *Eyewitness* e o *Lonely Planet* explicam que as associações são “groups”⁴⁴ ou “schools”⁴⁵.

Como explicado acima, sempre que os guias faziam menção ao boi como o animal que figura na lenda, o termo usado era ora “bull”, ora “ox” (vide seção 3.1 para mais explicações sobre os dois termos).

3.4.2 Exemplo de verbete

As informações retiradas dos nossos *corpora* foram suficientes para a definição dos termos. A seção “Important Information” trará detalhes sobre as cores e os símbolos de cada associação.

O termo empregado para fazer referência aos “bois” das associações será “bull”, como utilizado nos verbetes de “bumba meu boi”, “boi-bumbá”, “Festival Folclórico de Parintins” e “Bumbódromo” (para este último, vide seção 3.5).

⁴⁴ “Grupos”.

⁴⁵ “Escolas”.

3.4.2.1 Modelo de verbete de “Boi Caprichoso”

Boi Caprichoso

Masculine locution

One of the two *boi-bumbá* groups that compete annually by parading inside a *Bumbódromo* at the *Festival Folclórico de Parintins*, in the state of Amazonas.

Important Information

Colour: blue and white

Symbol: a star

See also: *bumba meu boi*

Credit: Igor de Souza

Boi Caprichoso at the *Festival Folclórico de Parintins*

Credit: pipocasalpimenta.blogspot.com.br

The bull of *Boi Caprichoso*

Boi Caprichoso's performance at the *Festival Folclórico de Parintins*

https://www.youtube.com/watch?v=pLZ16_iL8UA

3.4.2.2 Modelo de verbete de “Boi Garantido”

Boi Garantido

Masculine locution

One of the two *boi-bumbá* groups that compete annually by parading inside a *Bumbódromo* at the *Festival Folclórico de Parintins*, in the state of Amazonas.

Important Information

Colour: red and white

Symbol: a heart

See also: *bumba meu boi*

Credit Bianca Paiva/Agência Brasil /Wikimedia Commons

Boi Garantido at the *Festival Folclórico de Parintins*

Credit: Adanilson

The bull of *Boi Garantido*

Boi Garantido's performance at the *Festival Folclórico de Parintins*

https://www.youtube.com/watch?v=BG_GTAcExGs

3.5 Análise de “Bumbódromo”

Esquema 9 – Estratégias para “Bumbódromo”

“Bumbódromo” é o modo como o Centro Cultural e Esportivo Amazonino Mendes é conhecido, por ser o local onde acontece a disputa entre o Boi Caprichoso e o Boi Garantido no Festival Folclórico de Parintins. Construído em 1988, o Bumbódromo, que tem o formato de uma cabeça de boi estilizada, possui, atualmente, uma capacidade de público de 15 mil pessoas⁴⁶.

Existem oito ocorrências de “Bumbódromo” em nosso *corpus*, das quais sete tiveram o termo transferido em português para o TM. Dessas sete ocorrências, seis traziam, já no TF, uma explicação que afirma ser esse o lugar onde ocorre o Festival Folclórico de Parintins, além de fornecer detalhes sobre sua arquitetura. Em todas as ocorrências, o termo está em passagens sobre o festival. O único material que não traz explicações sobre o local no TF e não adiciona nenhuma informação no TM é o *Guia Unicard*, possivelmente devido a limitações de espaço na passagem. No TF lemos: “pessoas (...) reúnem-se no Bumbódromo de Parintins”. E no TM, lemos: “people (...) congregate in the *Bumbódromo* in Parintins” (grifo do tradutor). Como o termo está inserido em um contexto que já deixa claro que se trata de um lugar onde as pessoas se reúnem, a ausência de explicação no TM sobre o que é um Bumbódromo não deve prejudicar o entendimento do leitor.

Para uma das quatro ocorrências do termo no *Guia de Cidades*, a estratégia usada foi a combinação de transferência com adição de informação. Na verdade, o termo está em uma

⁴⁶ MANAUS. GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. **Centro Cultural Amazonino Mendes - Bumbódromo**. Disponível em: <<http://www.cultura.am.gov.br/>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

passagem em que, no TF, há uma explicação sobre o Bumbódromo. No entanto, é possível que o tradutor tenha julgado essa explicação como insuficiente para o leitor do TM, pois optou por mudá-la. Dessa forma, no TF lemos: a) “Parintins ficou conhecida graças ao seu Bumbódromo (um tipo de estádio com formato de cabeça de boi estilizada)”;

no TM, temos: b) “Parintins became known thanks to its ‘Bumbódromo’ – the stadium for bumba meu boi festivities”.

É importante ressaltarmos, no entanto, que a brincadeira de boi que acontece no Norte do país não é chamada de “bumba meu boi”, mas de “boi-bumbá”. Registros desse nome na região datam da década de 1850 e já descreviam os traços próprios da brincadeira de boi no Norte do país, que incorporava elementos da Floresta Amazônica à lenda da morte e ressurreição de um boi (CAVALCANTI, 2000). Dessa maneira, a tipicidade dessa dança no Norte do país e a forma como ela se manifesta em Parintins fazem com que o nome que lhe é atribuído mereça atenção. Assim, é importante que se distinga o bumba meu boi, que tem o estado do Maranhão como seu principal representante, do boi-bumbá, que tem Parintins como sua Capital Nacional (vide seção 3.3).

3.5.1 “Bumbódromo” nos guias estrangeiros

Esquema 10 – “Bumbódromo” nos guias estrangeiros

Temos duas menções a “Bumbódromo” no *Eyewitness* e duas no *Rough Guides*, totalizando quatro ocorrências nos guias estrangeiros. Ambos os guias explicam ser esse o lugar onde os bois Caprichoso e Garantido competem durante o Festival Folclórico de Parintins e fornecem detalhes sobre a arquitetura e capacidade de público do estádio. Porém, o *Eyewitness* afirma que o Bumbódromo tem capacidade para 35 mil espectadores, enquanto o *Rough Guides* menciona aproximadamente 40 mil. A página do Centro Cultural no *site* do Governo do

Amazonas, no entanto, afirma que o local tem capacidade para apenas 15 mil pessoas. O *Lonely Planet* não faz qualquer menção ao local onde o festival acontece.

3.5.2 Exemplo de verbete

Nosso exemplo de verbete trará o nome oficial do Bumbódromo e explicará ser esse o local em que ocorre o Festival Folclórico de Parintins. Julgamos importante especificar sua capacidade de público, devido à inconsistência na informação trazida por dois guias estrangeiros. Essa informação estará no campo “Important information”, acompanhada do ano de construção do estádio. Outra informação que julgamos importante acrescentar, mas que não constou de nenhum dos materiais que compõem nossos *corpora*, é sobre o fato de o local oferecer aulas de arte, música, dança e teatro ao longo do ano. Esses detalhes foram obtidos de fontes externas, consultadas para um melhor entendimento do termo. Detalhes sobre a arquitetura do Bumbódromo serão fornecidos no campo “foto”. As remissivas trarão todos os termos do campo temático do boi-bumbá.

3.5.2.1 Modelo de verbete de “Bumbódromo

Bumbódromo

Masculine noun. Pl: Bumbódromos

Officially known as “Centro Cultural e Esportivo Amazonino Mendes”, the *Bumbódromo* is an amphitheatre where the *Festival Folclórico de Parintins* is held. The venue also offers dance, music, visual arts and drama classes throughout the year.

Important information

Year of construction: 1988

Current capacity: 15 thousand people

See also: [boi-bumbá](#), [bumba meu boi](#), [Boi Caprichoso](#), [Boi Garantido](#)

Credit: Marina Souza / G1 AM

Built to look like a stylized bull's head, the *Bumbódromo* is painted in red and blue, the colours of [Boi Garantido](#) and [Boi Caprichoso](#), respectively.

An overview of the *Bumbódromo*

<https://www.youtube.com/watch?v=tm4qEjVjWsY>

3.6 Análise de “carnaval”

Esquema 11 – Estratégias para “carnaval”

Carnaval é um período que precede a Quarta-feira de Cinzas, dedicado a festas e folias, e que tem, segundo os dicionários *Priberam* e *Caldas Aulete*, duração de três dias, podendo estender-se, de acordo com o dicionário *Michaelis*, por cinco dias. Quanto à grafia, os dicionários brasileiros mencionados trazem o termo com letra minúscula; em nosso *corpus*, no entanto, apenas três das 117 ocorrências não trazem o termo grafado com letra maiúscula.

Para essas 117 ocorrências, distribuídas em quatro materiais, foram aplicadas duas estratégias diferentes de tradução, sendo a tradução literal (“Carnival”) a mais frequente entre os tradutores, totalizando 102 ocorrências. Em todos os casos, o termo foi grafado com letra maiúscula. Porém, dicionários de língua inglesa como *Oxford*, *Macmillan*, *Cambridge*, *Merriam-Webster* e *Collins* exibem o termo com letra minúscula.

O *Guia de Cidades* é o único material que não traz uma padronização de estratégias para o termo, utilizando, além da estratégia de tradução literal, a de transferência. Essa ausência de padronização foi identificada, muitas vezes, em um mesmo trecho.

Todos os materiais que compõem o *corpus* fornecem detalhes sobre os diversos modos de celebrar o carnaval no Brasil.

3.6.1 “Carnaval” nos guias estrangeiros

Esquema 12 – “Carnaval” nos guias estrangeiros

Os guias estrangeiros fazem menção ao carnaval em 315 momentos, informando com detalhes minuciosos como a festa é celebrada em diversas cidades do país. Os autores do *Rough Guides*, porém, ignoram os blocos que saem pelas ruas do Rio de Janeiro durante os cinco dias de festa e fazem uma crítica ao carnaval da cidade, alegando não ser “participativo como o de Olinda e Salvador”, já que os foliões “abarrotam as arquibancadas para assistirem aos desfiles das escolas de samba, em vez de as seguirem”⁴⁷.

A opção dos autores dos três guias por manter o termo em português – grafado com letra maiúscula em todos os casos – constitui maioria, totalizando 303 ocorrências. Já o termo em inglês é exibido com letra minúscula nos 12 momentos em que ocorre.

Ao trazerem o termo em português no plural, tanto o *Lonely Planet* como o *Rough Guides* se equivocam, grafando-o conforme regra do inglês: “carnavals”.

⁴⁷ “Rio’s Carnaval (...) is certainly less participatory than Olinda or Salvador, with people crammed into grandstands watching rather than following the samba schools.”

3.6.2 Exemplo de verbete

O material escrito originalmente em português e os guias estrangeiros evidenciam o período de cinco dias que precedem a Quarta-feira de Cinzas e nos quais a festa ocorre, o que constará da definição do termo. Esses materiais também trazem as diferenças entre os carnavais mais famosos do Brasil, como os do Rio de Janeiro, de Salvador, Recife e Olinda, que serão ilustrados em nosso exemplo de verbete por meio de fotos e vídeos. Atenção especial será dada às duas maneiras mais populares de celebrar o carnaval no Rio de Janeiro: os desfiles das escolas de samba e os blocos de rua.

A grafia correta do termo em letra minúscula e sua forma pluralizada serão indicadas nos campos apropriados.

3.6.2.1 Modelo de verbete de “carnaval”

carnaval

Masculine noun Pl: **carnavais**

A public revelry that occurs between the Friday afternoon before Ash Wednesday and Ash Wednesday at noon. The city of Rio de Janeiro, southeastern Brazil, and the cities of Salvador, Recife and Olinda, northeastern Brazil, have the most distinctive celebrations, attracting millions of revellers each year.

See also: [samba](#), [samba-enredo](#), [sambódromo](#), [abadá](#), [axé](#), [frevo](#), [marchinha](#), [Bonecos Gigantes](#)

Credit: ticketrio

During Rio de Janeiro's *carnaval*, revellers can watch the *escolas de samba* parades...

Credit: manualdohomemmoderno

or follow one of the *blocos* through the streets of the city.

You Tube

Images of the *carnaval* in Olinda

<https://www.youtube.com/watch?v=5Ml7N8mm8LM>

Carnaval in Recife – *Bloco* Galo da Madrugada

https://www.youtube.com/watch?v=HHA1gKV_7FU

Credit: blogtudoprafoto

Revellers follow a *trio elétrico* during Salvador's *carnaval*

3.7 Análise de “escola(s) de samba”

Esquema 13 – Estratégias para “escola(s) de samba(s)”

Escolas de samba são agremiações musicais e recreativas centradas no samba, cuja atividade principal é a criação e organização de desfiles de carnaval.

Temos 22 ocorrências do termo em nosso *corpus*, distribuídas em três materiais: *Guia de Cidades*, *Blog Embratur* e *Guia Unicard*.

A estratégia mais utilizada foi a de tradução literal, totalizando 20 ocorrências, sendo a única estratégia aplicada ao termo pelos tradutores do *Blog Embratur* e do *Guia Unicard*.

Além da estratégia de tradução literal (empregada em dez momentos), o *Guia de Cidades* utiliza a neutralização em uma das ocorrências do termo, resultando em “samba groups”. No entanto, “groups” é um termo usado pelo guia como estratégia de tradução para “blocos” na mesma passagem, o que não transmite a particularidade nem de um referente cultural, nem de outro. Ainda, poucas linhas após o emprego da neutralização, o guia utiliza a estratégia de transferência combinada com a adição de informação, resultando em “escolas de samba (samba schools)”. Por que não padronizar as estratégias de tradução, ao menos no mesmo trecho? A impressão que temos ao lermos a passagem é a de que “samba groups” e “escolas de samba (samba schools)” são referentes culturais distintos. Não nos parece, nesse caso, que a escolha pelas estratégias tradutórias tenha sido fruto de uma reflexão aprofundada sobre seu emprego.

3.7.1 “Escola(s) de samba” nos guias estrangeiros

Esquema 14 – “Escola(s) de samba” nos guias estrangeiros

Temos 54 menções às *escolas de samba* nos guias estrangeiros, das quais 50 ocorrem como “samba school”. Em uma ocorrência, o *Rough Guides* traz o termo em inglês acompanhado do termo em português entre parênteses. Já o *Lonely Planet* traz o termo em português em dois momentos, acompanhado de sua tradução para o inglês, também entre parênteses.

Com exceção do *Rough Guides*, que discorre sobre alguns detalhes das *escolas de samba* da cidade de São Paulo, o *Lonely Planet* e o *Eyewitness* mencionam apenas aquelas do Rio de Janeiro.

3.7.2 Exemplo de verbete

Os guias estrangeiros trazem informações suficientes sobre as escolas de samba para que possamos retirar deles o vocabulário pertinente para a definição do termo em nosso verbete.

Apesar de serem as mais conhecidas, as escolas de samba do Rio de Janeiro não são as únicas. Desse modo, serão feitas menções a duas escolas fora do Rio de Janeiro no campo “foto”.

3.7.2.1 Modelo de verbete de “escola de samba”

escola de samba

Feminine locution Pl: *escolas de samba*

A social club that revolves around *samba*, whose main activity is to create and organize a carnival parade featuring floats, in order to compete with other groups in a *sambódromo*.

See also: *carnaval*, *samba-enredo*

Credit: Alice Vergueiro/Estadão Conteúdo

Founded in the 1950's, *Unidos do Peruche* is one of the most traditional *escolas de samba* in São Paulo

Credit: ritmocarioca.com

Unidos do Jucutuquara is one of the main *escolas de samba* in Vitória

Mangueira's parade in 2018 (Rio de Janeiro)

https://www.youtube.com/watch?v=wgusCrlb_J0

3.8 Análise de “marchinha”

Esquema 15 – Estratégias para “marchinha”

Descendentes das marchas populares portuguesas, as marchas de carnaval, ou marchinhas, são assim chamadas por partilharem o compasso binário e quaternário das marchas militares, embora apresentem um ritmo mais acelerado. Diferentemente das marchas portuguesas, muitas das nossas marchas de carnaval apresentam letras jocosas de duplo sentido.

Temos três ocorrências do termo em nosso *corpus*, todas no *Guia Unicard*. O material traz a combinação da estratégia de transferência com a de adição de informação em dois momentos. O primeiro está em uma passagem sobre o carnaval de rua no Brasil, na qual é explicado que as *marchinhas* são “carnival songs⁴⁸”. A segunda ocorrência dessa combinação de estratégias está em uma passagem sobre São Luís do Paraitinga, na qual se afirma que as marchinhas são “traditional carnival songs⁴⁹”.

A estratégia de transferência é utilizada apenas uma vez, na passagem sobre o carnaval de rua, algumas linhas após a combinação da estratégia de transferência com a de adição de informação ter sido utilizada, não sendo necessária, portanto, a adição de mais informações.

3.8.1 “Marchinha(s)” nos guias estrangeiros

Esquema 16 - “Marchinha(s)” nos guias estrangeiros

⁴⁸ “Canções de carnaval”.

⁴⁹ “Canções tradicionais de carnaval”.

Marchinha(s) (1x) → Rough Guides (1x) → Traditional carioca carnival music that predates samba (1x)

O único guia estrangeiro que faz menção às marchinhas é o *Rough Guides*, que as descreve como “traditional carioca carnival music that predates samba⁵⁰”, ao discorrer sobre os blocos de carnaval do Rio de Janeiro. A menção ao Rio de Janeiro com o uso do adjetivo gentílico “carioca” é correta, uma vez que a primeira marchinha, *Ô Abre Alas*, foi composta por Chiquinha Gonzaga em 1899 nessa cidade. A partir de então, o Rio de Janeiro tornou-se berço das marchinhas mais famosas.

3.8.2 Exemplo de verbete

Pouco é dito nos *corpora* de estudo sobre as marchinhas. Dessa forma, buscamos em fontes como o *Dicionário do Folclore Brasileiro* e o *Dicionário Caldas Aulete* e *Michaelis* as informações pertinentes para a definição do termo. Serão especificadas a origem desse gênero musical bem como suas características e relação com as marchas militares, sua primeira composição e sua intérprete mais famosa, Carmen Miranda.

O dicionário *Caldas Aulete* e o *Dicionário do Folclore Brasileiro* tratam o gênero como “marcha” e “marcha carnavalesca”, respectivamente. Já o dicionário *Michaelis* emprega o termo “marchinha”, assim como revelado em nosso *corpus* de textos turísticos escritos originalmente em português. Já uma busca no *Corpus do Português* apontou “marchinha de carnaval” como a segunda combinação mais frequente, sendo “marchinha” a primeira. Dessa forma, optamos pelo uso de “marchinha” em nossa entrada, ressaltando suas variantes, como visto nas fontes mencionadas.

⁵⁰ “Música carioca tradicional de carnaval que antecede o samba”.

3.8.2.1 Modelo de verbete de “marchinha”

marchinha

Feminine noun Pl: marchinhas

A typical musical genre of Brazilian *carnaval* that emerged in Rio de Janeiro at the end of the nineteenth century. The first Brazilian *marchinha*, *Ô Abre Alas*, was composed by pianist and conductor Chiquinha Gonzaga in 1899. Although very popular in *carnavais* between the 1920s and 1960s, *marchinhas* are still played by several *blocos*, not only in Rio de Janeiro, but also in many other cities throughout Brazil. Their lyrics are usually humorous and abound with political and social references.

Also known as: marchinha de carnaval, marcha carnavalesca, marcha Pl: marchinhas de carnaval, marchas carnavalescas, marchas

Credit: istoe.com.br

Carmen Miranda was the most famous *marchinha* singer

Carmen Miranda singing *Mamãe Eu Quero*, a famous *marchinha* composed in 1937.

<https://www.youtube.com/watch?v=JKm-sVTMjGk>

Chiquinha Gonzaga's *marchinha* *Ô Abre Alas*.

https://www.youtube.com/watch?v=p_nMAuneusM

3.9 Análise de “samba”

Esquema 17 – Estratégias para “samba”

Os dicionários de língua portuguesa *Caldas Aulete* e *Michaelis* trazem três acepções para “samba”: 1) a dança de roda cantada de origem africana em compasso binário, 2) a música para essa dança e 3) o baile popular no qual há presença de samba. Curiosamente, o dicionário *Priberam* não traz a segunda acepção.

Existem 30 ocorrências do termo em nosso *corpus* distribuídas em três materiais: o *Guia de Cidades*, o *Blog Embratur* e o *Guia Unicard*. Em todas essas ocorrências temos a estratégia de tradução literal.

Todos os três materiais trazem o termo nas três acepções fornecidas pelos dicionários *Caldas Aulete* e *Michaelis* e fornecem informações sobre a origem do samba na primeira ocorrência do termo e comentam sobre festas com samba no Rio de Janeiro e em São Paulo. O único material que menciona as rodas de samba é o *Guia de Cidades*, vertendo o termo para o TM como “samba circles”. O *Guia Unicard* informa os principais instrumentos usados no samba: cavaquinho, cuíca e pandeiro.

3.9.1 “Samba” nos guias estrangeiros

Esquema 18 – “Samba” nos guias estrangeiros

Temos 105 menções ao samba nos guias estrangeiros, que tratam o termo sempre como música e dança. Somente o *Eyewitness* e o *Rough Guides* possuem uma seção na qual explicam brevemente a origem africana do samba e fornecem alguns detalhes sobre os principais nomes desse gênero musical, como Clara Nunes e Zeca Pagodinho. Nos guias estrangeiros, “samba” está sempre relacionado ao Rio de Janeiro, e nunca a São Paulo.

O *Lonely Planet* é o único que menciona as rodas de samba, tratando-as como “samba circles”.

3.9.2 Exemplo de verbete

Nosso verbete trará as três acepções de “samba”, explicará sua origem africana e destacará artistas importantes desse gênero tanto do cenário carioca como paulista. No termo “foto” ilustraremos uma roda de samba e os instrumentos básicos desse gênero musical.

3.9.2.1 Modelo de verbete de “samba”

Samba

Masculine noun Pl: sambas

- 1 - A Brazilian music genre with African origins
- 2 – A dance style that emerged with this music genre
- 3 – A party where samba is played

See also: *carnaval, escola de samba, samba-enredo, sambódromo, bloco*

Credit: Blog Brasil de Fato

A samba circle in Rio de Janeiro

Credit: CBN

The *cavaquinho* is an essential instrument in samba

Credit: Blog Brasil de Fato

Some of the basic percussion instruments used in samba

You Tube Clara Nunes, a famous interpreter of samba, sings *O mar serenou* (1974).

<https://www.youtube.com/watch?v=drGewMyo00A>

Adoniran Barbosa, an important name in the samba scene in São Paulo, sings with Elis Regina, a renowned Brazilian singer.

<https://www.youtube.com/watch?v=Ea5nMXIRxQM>

A girl dancing samba.

<https://www.youtube.com/watch?v=zJwtGvKUgA>

3.10 Análise de “samba-enredo”

Esquema 19 – Estratégias para “samba-enredo”

Como mostra o esquema acima, o termo “samba-enredo” aparece no *corpus* apenas uma vez, no *Guia Unicard*. O tradutor, aqui, optou por neutralizar o termo no TM, o que resultou em “narrative samba”. Isso ocorre em uma passagem que menciona sobre as músicas e danças que fazem parte do carnaval brasileiro.

Vale comentarmos que termos como “marchinha” e “bloco” foram transferidos para o TM na mesma passagem sem que houvesse qualquer adição de explicação sobre o que significam. Já no caso de “samba-enredo”, a frase na qual o termo está inserido explica, já no TF, que se trata de uma música que relata o tema apresentado pelas escolas de samba nos desfiles de carnaval. Nesse caso, seria a neutralização do termo no TM a melhor estratégia a ser utilizada, uma vez que a passagem já traz sua definição? Oportuno, aqui, mencionarmos as palavras de Leppihalme (1997) e Nord (1997), que ressaltam que a escolha do tradutor pelo uso de determinada estratégia de tradução deve estar embasada em uma reflexão cuidadosa que leva em consideração fatores socioculturais, contextuais e linguísticos, além do próprio cotexto. A decisão por transferir “marchinha” e “bloco”, e neutralizar “samba-enredo”, no entanto, não parece ter sido fruto de uma reflexão cuidadosa, como sugerem as autoras acima mencionadas.

3.10.1 “Samba-enredo” nos guias estrangeiros

Esquema 20 – “Samba-enredo” nos guias estrangeiros

Mais uma vez, vemos a preferência dos guias estrangeiros por manter o termo em português no texto em inglês. Tanto o *Lonely Planet* quanto o *Rough Guides* mencionam os sambas-enredo ao apresentarem as categorias avaliadas nos concursos de escolas de samba. No primeiro caso, temos “theme song” como explicação para o termo. Já o *Rough Guides* explica que “enredo” é a história contada pela música. Nesse caso, as informações sobre o que é um samba-enredo são consistentes. O que vemos aqui são dúvidas em relação à grafia do termo (samba *do* enredo).

3.10.2 Exemplo de verbete

Julgamos importante inserir no nosso exemplo de verbete não apenas o termo “samba-enredo”, mas também sua variante “samba de enredo” e suas variadas formas de plural. As informações para a definição do termo foram retiradas do próprio *corpus*.

3.10.2.1 Modelo de verbete de “samba-enredo”

samba-enredo

Masculine noun **Pl:** sambas-enredo or sambas-enredos

A musical genre derived from *samba*, the *sambas-enredo* are composed by *escolas de samba* to be performed during the *carnaval* parades and which follow a narrative whose theme may range from a historical fact to a personality's biography. The *samba-enredo* is one of the nine categories that are judged in the *escolas de samba* contest.

Also known as: samba de enredo **Pl:** sambas de enredo *Masculine locution*

See also: *sambódromo*

Credit: Ana Nascimento/aBr wikicommons

Jamelão, a famous Brazilian *samba-enredo* singer

One of the most famous *sambas-enredo* by Mangueira, an important *escola de samba* in Rio de Janeiro (1994).

<https://www.youtube.com/watch?v=5MS0tLrL1P4>

3.11 Análise de “sambódromo”

Esquema 21 – Estratégias para “sambódromo”

Sambódromo é o local onde desfilam as escolas de samba por ocasião do carnaval.

Temos seis ocorrências do termo em nosso *corpus*, sendo três no *Guia Unicard*, duas no *Guia de Cidades* e uma no *Blog Embratur*.

Nas três ocorrências do termo no *Guia Unicard*, foi empregada a estratégia de transferência. Todas em passagens sobre o carnaval do Rio de Janeiro, nas quais são oferecidas informações sobre a história do Sambódromo da Marquês de Sapucaí.

Temos duas ocorrências da estratégia de naturalização no *corpus*, sendo uma no *Guia de Cidades* e uma no *Blog Embratur*, ambas resultando em “sambadrome”.

A estratégia de neutralização foi utilizada apenas uma vez, resultando em “Samba stadium” em uma passagem no *Guia de Cidades* sobre o sambódromo de Macapá.

3.11.1 “Sambódromo” nos guias estrangeiros

Esquema 22 – “Sambódromo” nos guias estrangeiros

Temos 39 menções a “sambódromo” nos guias estrangeiros, sendo 11 no *Eyewitness*, 13 no *Rough Guides* e 15 no *Lonely Planet*.

Os guias designam “sambódromo” como “a place where Rio’s famous samba schools parade during *Carnaval*” (*Eyewitness*)⁵¹, “street with tiers of seating built for samba parades” (*Lonely Planet*)⁵² e “Rio’s purpose-built parade ground” (*Rough Guides*)⁵³. Apesar de a definição oferecida pelo *Rough Guides* tratar apenas do sambódromo do Rio de Janeiro, o guia fornece informações sobre o sambódromo de São Paulo em uma seção sobre o carnaval na cidade, o que não ocorre com o *Eyewitness*, que transmite ao seu leitor a ideia de que “sambódromo” é sinônimo do lugar onde acontecem os desfiles das escolas de samba exclusivamente no Rio de Janeiro. Apesar de este ser o mais famoso e o mais antigo, não é o único sambódromo do país.

O projeto arquitetônico do sambódromo do Rio de Janeiro, desenvolvido por Oscar Niemeyer, é mencionado nos três guias.

3.11.2 Exemplo de verbete

Nosso exemplo de verbete trará a definição do termo seguida de uma lista com os *sambódromos* ao redor do Brasil, que constará da seção “Important Information”.

O chamado “turismo de arquitetura” atrai centenas de estrangeiros por ano ao Brasil para visitarem, principalmente, as obras de Oscar Niemeyer. Consideramos importante,

⁵¹ “Lugar onde as famosas escolas de samba do Rio de Janeiro desfilam”.

⁵² “Rua com arquibancadas construídas para desfiles de escolas de samba”.

⁵³ “Lugar no Rio de Janeiro construído especificamente para desfiles”.

portanto, incluir em nossa definição a informação de que tanto o *sambódromo* do Rio de Janeiro como o de São Paulo são projetos do arquiteto modernista.

3.11.2.1 Modelo de verbete de “sambódromo”

sambódromo

Masculine noun Pl: sambódromos

The venue where *escolas de samba* parades take place. The *sambódromo* in Rio de Janeiro, officially known as *Passarela Professor Darcy Ribeiro*, is 700m long, being the largest one in Brazil, followed by *Polo Cultural e Esportivo Grande Otelo*, the *sambódromo* in São Paulo, a 530m-long concrete structure. Both *sambódromos* were designed by Brazilian modernist architect Oscar Niemeyer.

Important Information

Sambódromos around Brazil

Aldeia Cabana de Cultura Amazônica Davi Miguel – Belém (PA)

Centro de Convenções Prof^o Gilberto Mestrinho – Manaus (AM)

Complexo Walmor Miranda – Vitória (ES)

Complexo Cultural do Porto Seco – Porto Alegre (RS)

Escola Sambódromo de Artes Populares – Macapá (AP)

Morada do Samba – Cabo Frio (RJ)

Passarela Nego Querido – Florianópolis (SC)

Passarela Professor Darcy Ribeiro – Rio de Janeiro (RJ)

Polo Cultural e Esportivo Grande Otelo – São Paulo (SP)

See also: *carnaval*, *samba-enredo*, *samba*

Credit: Tácio Melo

The *sambódromo* in Manaus

A general overview of the *sambódromo* in Rio de Janeiro

<https://www.youtube.com/watch?v=TBqqeGiFr24>

3.12 Análise de “abadá”

Esquema 23 – Estratégias para “abadá(s)”

Abadás são camisetas coloridas vendidas por certos blocos de carnaval a seus foliões para que sejam identificados como associados.

O termo ocorre cinco vezes em nosso *corpus*, sendo três no *Blog Embratur* e duas no *Guia Unicard*.

A estratégia de transferência foi empregada quatro vezes e, em todos os casos, já havia uma explicação no TF – que foi repetida no TM – sobre o que é um *abadá*. Todas essas ocorrências estão em passagens sobre o carnaval em Salvador (BA).

No único momento em que a estratégia de transferência não foi utilizada, temos o emprego de uma estratégia que não consta da lista de Marco (2002): o uso de outro termo da LF. Em uma passagem sobre o carnaval no Recife, lemos no TF: a) “O Carnaval no Recife não tem abadás, como em Salvador, nem carros alegóricos milionários como no Rio de Janeiro”. No TM, temos: b) “Carnival in Recife does not have Salvador’s trios elétricos or Rio de Janeiro’s huge, expensive floats”. A decisão por verter “abadá” para “trios elétricos” está, possivelmente, baseada na organização do *Guia Unicard*, tanto sua versão em português como em inglês, que dedica vários parágrafos aos trios elétricos do carnaval de Salvador 50 páginas antes, tornando-os assim, uma referência familiar ao estrangeiro que tenha lido a seção sobre a Bahia, o que não ocorre com “abadá”. No entanto, a informação oferecida ao leitor do TM está equivocada, uma vez que os trios elétricos foram introduzidos no carnaval do Recife em 1986, chegando hoje a 30 trios no bloco do Galo da Madrugada⁵⁴. Nesse caso, para lembrar as palavras de Nord (1997) já mencionadas na seção 1.2, tanto o autor do TF quanto o leitor do TM são enganados pelo tradutor. O primeiro, porque não se equivocou sobre a inexistência de trios

⁵⁴ MAIA, Anderson. **O Galo**. 2013. Disponível em: <<http://www.galodamadrugada.org.br/>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

elétricos no Recife ao redigir o TF, e o segundo, porque, se sua definição de “diversão” no Brasil estiver relacionada a correr atrás de trios elétricos no carnaval, riscará Recife de seu roteiro.

3.12.1 “Abadá” nos guias estrangeiros

Esquema 24 – “Abadá(s)” nos guias estrangeiros

Os guias *Eyewitness* e o *Lonely Planet* mencionam o abadá uma e três vezes, respectivamente. O *Rough Guides* não faz menção à indumentária.

Os dois guias dão detalhes sobre a opção de se pagar caro para ter um abadá ou ficar na “pipoca” (juntar-se à multidão que não pagou para seguir um bloco específico).

Para descrever o abadá, o *Eyewitness* utiliza “uniform-style tank top”, enquanto o *Lonely Planet* prefere o termo “outfit”. No entanto, esse último comete um equívoco ao informar que os abadá(s) não são compostos somente por camisetas, mas também por shorts.

3.12.2 Exemplo de verbete

Em nosso exemplo de verbete, especificaremos que os *abadás* são compostos somente por camisetas.

Incluiremos, também, a informação sobre a “pipoca”, já que constava dos dois guias que trazem o termo em análise, indicando que essa é uma informação importante para os turistas estrangeiros.

O *Lonely Planet* explica o “abadá” usando o termo “outfit”, que, de acordo com as definições oferecidas pelos dicionários *Cambridge*, *Oxford* e *MacMillan*, se refere à “roupa” e à “vestimenta” em geral. Nesse caso, preferimos o termo empregado pelo *Eyewitness* para definir o referente cultural: “uniform-style tank top”.

3.12.2.1 Modelo de verbete de “abadá”

abadá

Masculine noun Pl: abadás

A colourful uniform-style tank top sold during *carnaval* by some *blocos*, which gives the revellers access to a roped-off restricted area.

Important Information

The *abadás* are usually very expensive. The revellers who do not choose to buy them can enjoy *carnaval* in the *pipoca*, a space outside the roped-off area of the *blocos*.

See also: *axé*, *trio elétrico*

Credit: asmelhoessertanejas

Revellers in Salvador wearing *abadás*

The girl in the video teaches how to customize an *abadá*

<https://www.youtube.com/watch?v=2hVOptjiGgA>

3.13 Análise de “axé (music)”

Esquema 25 – Estratégias para “axé (music)”

“Axé” ou “axé music” é um gênero musical que nasceu na década de oitenta na Bahia da fusão de ritmos nordestinos, caribenhos e africanos. Dos três dicionários de língua portuguesa consultados – *Priberam*, *Caldas-Aulete* e *Michaelis* – somente o último traz o termo nessa acepção. Os dois primeiros definem “axé” apenas como “a força dos orixás” e como uma interjeição usada para expressar votos de felicidade.

As duas variações – “axé” e “axé music” – foram encontradas no *corpus*, tendo “axé” sido utilizada em doze das trezes ocorrências do termo.

O termo “music” em negrito no esquema significa que o termo no TF era “axé” e que “music” faz parte da estratégia de adição de informação no TM.

A estratégia de transferência foi empregada em nove das 13 ocorrências do termo em nosso *corpus*. Em todos os casos, já havia no TF alguma explicação sobre o *axé* como ritmo musical, explicação essa que foi repetida no TM.

A combinação da estratégia de transferência com a de adição de informação foi empregada em quatro momentos. Tanto no *Guia de Cidades* como no *Guia Unicard*, a utilização dessa combinação de estratégias resultou em “axé music”. Já no *Blog Embratur*, em uma passagem sobre o *carnaval* em Salvador, o acento agudo de “axé” foi eliminado nas duas

ocorrências dessa combinação de estratégias, resultando em “axe music”. Lembramos, porém, que “axe” significa “machado” ou “cutelo” em inglês, o que deixa o nome desse gênero musical baiano um tanto curioso.

3.13.1 “Axé (music)” nos guias estrangeiros

Esquema 26 – “Axé (music)” nos guias estrangeiros

Temos 24 menções a “axé” nos guias estrangeiros, com 12 ocorrências no *Eyewitness*, oito no *Lonely Planet* e quatro no *Rough Guides*.

Todos os guias mencionam a fusão de gêneros musicais que caracteriza o axé e mencionam sua principal representante, Daniela Mercury.

A variante “axé music” foi utilizada em três momentos, dois no *Eyewitness* e um no *Rough Guides*. Nesse último, no entanto, o acento agudo em “axé” foi substituído pelo circunflexo. O mesmo acontece em uma das sete ocorrências do termo no *Lonely Planet*.

3.13.2 Exemplo de verbete

Nosso *corpus* revelou duas variantes do termo: “axé” e “axé music”. Como o primeiro é mais frequente, encabeçará o verbete, enquanto o segundo figurará o campo “also known as”.

Destacaremos a cantora Daniela Mercury como a “rainha do axé”, como trazido pelos guias estrangeiros.

Como as definições do termo oferecidas pelos guias estrangeiros estão corretas, retiraremos deles as informações sobre a fusão dos gêneros musicais que compõem esse gênero musical.

3.13.2.1 Modelo de verbete de “axé”

axé

Masculine noun

A Brazilian popular music genre originated in Salvador, Bahia, northeastern Brazil, with influences of samba, pop, reggae, *forró* and Afro-Caribbean rhythms. It is the signature sound of Salvador's *carnaval*.

Also known as: axé music

See also: *abadá, bloco, trio elétrico*

Credit: www.acidadeon.com

Daniela Mercury, a Brazilian singer, known as “a *Rainha do axé*” (the Queen of *axé*”).

Fricote (1985) by Luiz Caldas is considered the ground zero of axé.

<https://www.youtube.com/watch?v=T47OVQkv-8M>

Daniela Mercury's first hit *Swing da Cor* (1991)

<https://www.youtube.com/watch?v=vui3ELRGCVU>

3.14 Análise de “bloco(s)”

Esquema 27 – Estratégias para “bloco(s)”

Segundo os dicionários de língua portuguesa *Caldas Aulete*, *Michaelis* e *Priberam*, “bloco” refere-se ao grupo de foliões que sai às ruas para dançar e cantar ao som de instrumentos de percussão, geralmente por ocasião do carnaval. Em nosso *corpus* identificamos, além de “bloco”, com 24 ocorrências, as variantes “bloco de rua”, com sete ocorrências, e “bloco carnavalesco”, com uma ocorrência. Por termos encontrado três variantes para o mesmo conceito, e a fim de facilitar a visualização das estratégias de tradução, utilizamos um esquema para cada denominação.

A estratégia mais utilizada foi a de tradução literal, resultando em “block(s)” para as ocorrências de “bloco(s)” e “street block” para “bloco de rua”, todas no *Guia de Cidades* e no *Blog Embratur*. Embora em todas as passagens exista alguma explicação – que já constava do TF – sobre o que são esses “blocos”, um dos usos da estratégia de tradução literal no *Guia de Cidades* pode ter deixado o texto um tanto confuso. Trata-se, em uma seção sobre o carnaval no Brasil, de um parágrafo que discorre sobre os blocos mais famosos de Salvador (BA). Na primeira vez em que o termo ocorre, é empregada a combinação da estratégia de “uso de outro termo da LF” com a de neutralização, resultando em “Carnaval groups” (os detalhes sobre essa combinação de estratégias estão no último parágrafo desta seção) e, uma linha abaixo, temos o emprego da estratégia de tradução literal: “blocks”. Dessa forma, lemos no TF: a) “A cidade apresenta *blocos* famosos em todo o mundo, como o Olodum e os Filhos de Gandhi. Cada um desses *blocos* não celebra apenas o carnaval, mas também uma cultura que remonta aos tempos da escravidão”; já no TM, lemos: b) “The city also has *Carnaval groups* that are famous throughout the world, such as Olodum and the Filhos de Gandhi. Each of these *blocks* celebrate not only Carnaval, but also a culture that dates back to the times of slavery” (grifo nosso). Temos aqui, como pode ser visto, duas estratégias de tradução diferentes aplicadas ao mesmo termo, ambas no mesmo parágrafo, o que, sem dúvida, gera confusão no leitor do TM, pois o termo “block” não faz referência a nada do que foi dito antes no TM, e não é possível ao leitor estrangeiro relacionar “blocks” a “Carnaval groups”, o que compromete a qualidade da comunicação.

A segunda estratégia mais utilizada foi a de neutralização, empregada ao termo “bloco(s)”, sendo todas as ocorrências no *Guia de Cidades*, totalizando sete ocorrências e resultando em “carnival groups” (uma ocorrência) e “groups” (seis ocorrências).

Em seguida temos a estratégia de omissão, resultando em três ocorrências, todas no *Guia Unicard*. Essas ocorrências estão em trechos nos quais já se falava sobre os blocos, mas que foram traduzidos por outras estratégias, não causando, assim, prejuízo ao leitor do TM. O que não ocorre com o turista que lê o TM do *Blog Embratur*, quando é empregada a combinação da estratégia de omissão com a de tradução literal. No TF, temos: a) “O Galo da Madrugada, em Recife, é reconhecido pelo *Guinness Book* como o maior *bloco* carnavalesco do mundo”; já no TM, lemos: b) “The Galo da Madrugada in Recife, is recognized by the Guinness Book as the largest *Carnival* in the world” (grifo nosso). Como podemos ver, a informação fornecida pelo TM é diferente daquela fornecida pelo TF. O TM diz que o Galo da Madrugada é, de acordo com o *Guinness Book*, o maior *carnaval* do mundo, e não *bloco*. Trata-se, portanto, de

uma informação equivocada; inclusive porque esse título pertence, segundo o próprio *Guinness Book*, ao carnaval da cidade do Rio de Janeiro desde 2004⁵⁵.

As três ocorrências da combinação da estratégia de transferência com a de adição de informação estão no *Guia Unicard*. As informações escolhidas para explicar o termo são “parades”, “group of revelers” e “informal parades”⁵⁶.

Já as duas ocorrências da combinação das estratégias de tradução literal e adição de informação aplicadas a “bloco(s)” constam do *Guia de Cidades*, resultando em “carnival blocks”.

O tradutor do *Guia Unicard* utiliza a estratégia de transferência em dois momentos. Nos dois trechos, já havia no TF informações sobre o que é um “bloco” no contexto do carnaval, informações estas que foram repetidas no TM.

Em três momentos, todos no *Guia de Cidades*, temos o emprego de uma estratégia que não consta da lista de Marco (2002), como foi visto na análise de “abadá”: o uso de outro termo da LF. Nos três casos, o termo escolhido foi “carnaval”. Em dois momentos essa estratégia foi utilizada combinando-se com a de neutralização no termo “blocos”, resultando em “Carnaval groups”. E, em uma ocorrência, foi utilizada com a estratégia de tradução literal e de neutralização na variante “blocos de rua”, resultando em “street carnival groups”. Incluir um termo da LF como estratégia, principalmente no que se refere a “carnaval”, termo já conhecido por muitos estrangeiros, pode ser uma tentativa de manter a brasilidade do conceito de “bloco”, brasilidade esta que teria sido perdida com o uso exclusivo da estratégia de neutralização (“groups”).

3.14.1 “Bloco(s)” nos guias estrangeiros

Esquema 28 – “Bloco(s)” nos guias estrangeiros

⁵⁵ GUINNESS WORLD RECORDS. **Largest Carnival**. 2018. Disponível em: <<http://www.guinnessworldrecords.com/world-records/largest-carnival/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

⁵⁶ “Desfiles”, “grupo de foliões” e “desfiles informais”.

Temos 56 menções aos blocos nos guias estrangeiros, sendo sete no *Eyewitness*, 16 no *Rough Guides* e 33 no *Lonely Planet*. Em todos os casos, o termo foi mantido em português, sendo seguido, em algumas ocorrências, por definições que vinham entre parênteses, todas envolvendo a noção de festa, música e dança, como pode ser visto no esquema acima. No entanto, ao discorrer sobre os blocos do Rio de Janeiro (RJ), o *Eyewitness* e o *Rough Guides* transmitem a ideia de se tratar apenas de grupos pequenos, organizados pelos moradores dos bairros onde desfilam. Essa não é uma informação precisa, já que muitos blocos na cidade chegam a atrair milhões de foliões todo ano, como ocorre com os desfiles do Cordão da Bola Preta. O *Lonely Planet* é o único guia que comenta as proporções gigantescas que esses blocos podem tomar.

Uma das definições oferecidas pelo *Rough Guides* compara os blocos a escolas de samba, porém classificando-as como pequenas e esclarecendo que não fazem parte dos desfiles oficiais. Essa comparação nos parece um tanto incongruente. Contudo, o guia logo fornece detalhes sobre a história dos blocos, explicando que representam a origem do carnaval carioca e oferecem detalhes sobre sua organização, evidenciando seu caráter de bairro, como mencionado no parágrafo anterior. Ao mencionar alguns blocos cariocas, o *Rough Guides*

afirma que o Banda de Ipanema, fundado em 1965, é o bloco mais antigo do Rio de Janeiro. Entretanto, esse título pertence, na verdade, ao Cordão da Bola Preta, fundado em 1918.

Apesar de haver uma ênfase especial aos blocos do Rio de Janeiro (RJ), os guias também comentam aqueles que tomam as ruas de Olinda, Recife e Salvador.

3.14.2 Exemplo de verbete

Nosso verbete terá como entrada a denominação “bloco”, que representa 75% das variantes do termo no *corpus* de textos escritos originalmente em português. As outras denominações encontradas (“bloco de rua” e “bloco carnavalesco”) constarão do campo “Also known as”.

Evidenciaremos tanto os blocos de proporções menores como os de proporções gigantescas, como o Cordão da Bola Preta, no Rio de Janeiro (RJ). Adicionaremos também a informação de que esse é o bloco mais antigo da cidade.

Na seção com fotos e vídeos, serão apresentados alguns dos diversos blocos ao redor do país.

3.14.2.1 Modelo de verbete de “bloco”

bloco

Masculine noun . Pl: blocos

An organized group of revellers who parade singing and dancing through the streets to the music of drums and other instruments, usually during *carnaval*. The *blocos* may range from a small neighborhood group to a massive crowd that gathers around a *trio elétrico*.

Also known as: bloco de rua, bloco carnavalesco *Masculine locution* Pl: blocos de rua; blocos carnavalescos.

See also: *axé, abadá, frevo, marchinha, samba*

Credit: dicanordeste.com

Bloco Galo da Madrugada, in Recife, in the northeastern state of Pernambuco

Credit: bandnewsfm.com

A small *bloco* parades in the city of São Paulo

Parade of “Cordão da Bola Preta”, the oldest *bloco* in Rio de Janeiro, founded in 1918.

<https://www.youtube.com/watch?v=vzygGKsR3MM>

Bloco “Eu acho é pouco” in the streets of Olinda, a city in Pernambuco.

<https://www.youtube.com/watch?v=HPwPzRNidE8>

The *blocos* in Salvador, in the northeastern state of Bahia, feature famous Brazilian singers and attract a massive crowd.

<https://www.youtube.com/watch?v=7yQlzf6M-rY>

3.15 Análise de “trio(s) elétrico(s)”

Esquema 29 – Estratégias para “trio(s) elétrico(s)”

“Trio elétrico” é o nome dado ao caminhão equipado com sistema de som de alta potência com um palco no topo para apresentação de música ao vivo.

Temos 17 menções a “trio(s) elétrico(s)” no *corpus*. A estratégia mais utilizada foi a de transferência, com sete ocorrências, das quais seis estão no *Guia Unicard*. A outra ocorrência dessa estratégia está no *Blog Embratur* em um trecho sobre Salvador. Em todos os casos, o TF já trazia uma explicação sobre o termo, que foi repetida no TM.

A segunda estratégia mais utilizada foi a combinação da transferência com adição de informação, totalizando três ocorrências, todas no *Guia Unicard*. As três informações adicionadas pelo tradutor mencionam o palco no topo dos caminhões que trazem bandas apresentando-se ao vivo.

A neutralização foi empregada duas vezes, sendo uma ocorrência no *Guia de Cidades* (“sound trucks”)⁵⁷ e uma no *Guia Unicard* (“trucks”)⁵⁸. A utilização dessa estratégia no primeiro está em uma passagem sobre o carnaval e é o único momento em que o termo é

⁵⁷ Caminhões de som.

⁵⁸ Caminhões.

utilizado no guia. No TF lemos: a) “Em Salvador, o espetáculo é feito pelos trios elétricos (caminhões com palco e música) que percorrem as ruas da capital baiana”. No TM, lemos que, em Salvador: b) “the show is provided by sound trucks that pass through the streets with crowds of revellers”. Ora, se no TF já havia uma explicação para o referente cultural, por que razão o termo foi neutralizado no TM? Essa é a única passagem no guia em que há menção aos trios. Neutralizar o termo para “sound trucks” não apenas elimina sua brasilidade, deixando de enfatizar um componente essencial do carnaval baiano, como diminui sua grandeza, uma vez que, quando buscamos “sound trucks” no *Google Images*, as imagens exibidas correspondem a pequenas *vans* com alto-falantes, como as usadas em propagandas políticas.

Com relação ao *Guia Unicard*, a utilização da neutralização não causa prejuízos ao leitor do TM ou ao carnaval baiano, já que foi empregada em uma passagem na qual a combinação da estratégia de transferência com a adição de informação já havia sido utilizada. Nesse caso, o termo “trucks” funcionou apenas como um referente anafórico.

A única ocorrência da estratégia de tradução literal está no *Blog Embratur* em uma passagem sobre o carnaval, resultando em “electric trio”. Como já há no TF uma explicação sobre o referente cultural, a qual foi repetida no TM, por que empregar a tradução literal como estratégia, removendo a carga cultural do termo? Mais abaixo, nessa mesma passagem, temos o emprego da combinação da estratégia de transferência com a omissão. Onde lemos no TF “trios elétricos”, lemos “trios” no TM. Aqui o termo também serve de referente anafórico para “electric trios”, mencionado linhas antes.

A estratégia de equivalência cultural foi empregada apenas uma vez. A ocorrência está na revista *Cores e Sabores*, resultando em “bandwagons”. O termo utilizado, segundo os dicionários *Oxford*, *Cambridge* e *Collins* refere-se às bandas, como as de circo, que são colocadas em cima de um carrinho para tocar em desfiles e cortejos. Temos, aqui, mais um emprego de estratégia que elimina por completo a tipicidade do referente cultural, em um texto no qual ela é importante.

A omissão foi empregada duas vezes pelo *Guia Unicard* em uma passagem extensa sobre a invenção dos trios elétricos, na qual várias das estratégias acima descritas já haviam sido empregadas, não trazendo, portanto, prejuízo ao texto.

3.15.1 Trio(s) Elétrico(s) nos guias estrangeiros

Esquema 30 – “Trio(s) elétrico(s)” nos guias estrangeiros

Temos 21 menções aos trios elétricos nos guias estrangeiros.

Com exceção do *Eyewitness* que, em uma das quatro ocorrências do termo no material, adiciona o substantivo “truck” ao lado da transferência do termo em português, resultando em “trio elétrico truck”, em todos os outros 20 casos, o termo foi mantido ora como “trio(s) elétrico(s)”, ora como “trio(s)”.

Todos os guias descrevem os trios elétricos com detalhes que vão desde o seu colorido até a corda que, como no carnaval de Salvador, separa os foliões que pagaram para estar na área de segurança dos não pagantes.

Em uma das ocorrências do termo no *Lonely Planet*, é afirmado que os trios elétricos também são conhecidos como “frevo baiano”. O frevo baiano é, na verdade, um gênero musical com origem no frevo pernambucano, distinguindo-se pelo som baseado na guitarra baiana, não sendo, portanto, sinônimo de “trio elétrico”.

3.15.2 Exemplo de verbete

Como as informações oferecidas pelos guias estrangeiros – com exceção de uma ocorrência no *Lonely Planet* – descrevem corretamente os trios elétricos, nossa definição será extraída desse material.

Tanto o *Lonely Planet* e o *Eyewitness* como o *Guia Unicard* discorrem sobre Dodô e Osmar, inventores do trio elétrico. Essa informação também constará de nosso verbete, no campo “foto”.

3.15.2.1 Modelo de verbete de “trio elétrico”

trio elétrico

Masculine locution **Pl:** **trios elétricos**

A giant flatbed truck equipped with a high power sound system topped by a rectangular stage for music performance. It was created in Bahia, northeastern Brazil, in the 1950's specifically for *carnaval*, but it can now be found in other cities around the country.

See also: *bloco, axé, abadá*

Credit: diariodoturismo.com.br

The first *trio elétrico* was created by Adolfo Antônio Nascimento (Dodô) and Osmar Álvares de Macêdo (Osmar) in the 1950's. At the time, it was not yet a truck.

Credit: exame.abril.com.br

A *trio elétrico* in the streets of Salvador, capital city of Bahia.

The details of a *trio elétrico*

<https://www.youtube.com/watch?v=oxq4NvteIiM>

3.16 Análise de “frevo”

Esquema 31 – Estratégias para “frevo”

Inscrito na “Lista Representativa do Patrimônio Imaterial da Humanidade” da UNESCO desde 2012, o frevo é uma manifestação artística de origem pernambucana que envolve música e dança. A dança consiste em coreografias improvisadas com movimentos rápidos de pernas e braços, em que os dançarinos sempre levam nas mãos pequenas sombrinhas coloridas. A música caracteriza-se pelo andamento acelerado, executado ao ritmo de instrumentos como o trombone, o trompete, o saxofone e a tuba.

Temos 18 ocorrências do termo em nosso *corpus*, distribuídas em quatro fontes: São 11 ocorrências no *Guia Unicard*, três no *Guia de Cidades*, três no *Blog Embratur* e uma na revista *Partiu Brasil*.

Apenas duas estratégias diferentes foram aplicadas ao termo: a estratégia de transferência e a combinação da estratégia de transferência com a de adição de informação. A primeira constitui maioria, resultando em 12 ocorrências. Em todos os casos, o contexto já trazia alguma informação sobre o frevo, ora informando tratar-se de um ritmo pernambucano, ora de uma dança exibida no carnaval de Pernambuco.

A combinação da estratégia de transferência com adição de informação ocorre em seis momentos, sendo um no *Guia de Cidades*, um na revista *Partiu Brasil* e quatro no *Guia Unicard*. O *Guia Unicard* adiciona “music” para se referir ao frevo como música e “dancing” para se referir à dança. Já o tradutor do *Guia de Cidades* adiciona “dance” a “frevo” para designar a dança, resultando em “frevo dance”. Na revista *Partiu Brasil*, o termo está inserido no nome do “Paço do Frevo”. Aqui, o tradutor já havia explicado que se trata de um museu em Recife e informa que “frevo” é um ritmo típico (“a typical rhythm”).

3.16.1 “Frevo” nos guias estrangeiros

Esquema 32 – “Frevo” nos guias estrangeiros

Temos 32 menções ao frevo nos guias estrangeiros, sendo 14 no *Eyewitness*, 11 no *Lonely Planet* e sete no *Rough Guides*.

As passagens onde o termo está inserido ora discorrem sobre o carnaval no Brasil, ora sobre os estilos musicais do país. Em todos os casos, os guias se referem ao frevo como dança e estilo musical com origem em Pernambuco e lançam mão de adjetivos como “frenetic”, “energetic” e “lightning-fast”⁵⁹ para descrevê-lo.

Somente os guias *Eyewitness* e *Lonely Planet* mencionam as sombrinhas usadas pelos dançarinos. O primeiro ora emprega o termo “umbrella”, ora “parasol”. Já o *Lonely Planet* faz

⁵⁹ “frenético”, “energético” e “extremamente rápido”.

uso apenas de “umbrella”. O guia ainda descreve em detalhes a coreografia exibida pelos dançarinos.

3.16.2 Exemplo de verbete

Nosso exemplo de verbete trará as duas acepções do termo, destacando sua origem e seu modo característico de dançar. Apesar de os guias não detalharem os instrumentos utilizados pelas bandas de frevo, adicionaremos essa informação em nossa definição a fim de seguirmos o modelo do verbete de “forró” (como será visto na seção 3.24) e de “samba” (seção 3.9)

“Umbrella” é o termo mais usado pelos guias estrangeiros para designar a sombrinha usada pelos dançarinos, portanto, irá figurar em nosso exemplo de verbete.

Não houve, em nenhum material, menção ao título de “Patrimônio Imaterial da Humanidade” concedido ao frevo pela UNESCO em 2012. Porém, trata-se de uma informação importante e que constará do nosso verbete na seção “Important Information”

3.16.2.1 Modelo de verbete de “frevo”

frevo

Masculine noun

1 – A dance originated in the state of Pernambuco, northeastern Brazil, in which dancers perform acrobatic moves and jumps while carrying a colorful umbrella. It is usually performed during the *carnaval* in Pernambuco.

2 – The music to this dance. A *frevo* orchestra features instruments such as the trombone, the trumpet, the saxophone and the tuba.

Important Information

In 2012, *frevo* was added to UNESCO's World Intangible Cultural Heritage list.

See also: *forró*, *frevo*, *xaxado*, *xote*, *Bonecos Gigantes*

Credit: interne.com.br

Children dancing *frevo* in Pernambuco

Frevo dance

<https://www.youtube.com/watch?v=6XruFqqeq9o>

Frevo Vassourinhas performed by *SpokFrevo Orquestra*

<https://www.youtube.com/watch?v=MoVupL06jmM>

3.17 Análise de “Bonecos Gigantes”/“Bonecos de Olinda”

Esquema 33 – Estratégias para “Bonecos Gigantes”/“Bonecos de Olinda”

Os Bonecos Gigantes de Olinda são bonecos de até 4m de altura, que representam personagens da história e cultura brasileiras, bem como personalidades mundiais. Eles desfilam durante o carnaval da cidade.

Existem sete referências a esses bonecos em todo o *corpus*, sendo que em seis delas temos o termo “Bonecos Gigantes” e, em uma, “Bonecos de Olinda”. Das seis ocorrências de “Bonecos Gigantes”, em quatro casos a estratégia de tradução escolhida foi a de tradução literal – explicações sobre o termo já se encontravam no TF –, resultando em “giant puppets” no *Guia de Cidades*, “giant dolls” no *Blog Embratur*, e “giant puppets” e “gigantic puppets” no *Guia Unicard*.

Como pode ser observado no esquema, em apenas um dos casos o termo “boneco” foi vertido no TM para “doll”. Uma pesquisa nos dicionários de língua inglesa *Cambridge, Oxford*

e *Macmillan* mostrou a diferença entre “puppet” e “doll”: “puppet” é um modelo móvel em formato de pessoa ou animal, enquanto “doll”, apesar de também se tratar de um modelo de pessoa ou animal, consiste necessariamente em um brinquedo de criança. Dessa forma, podemos dizer que a escolha do tradutor do *Blog Embratur* por “doll” foi inadequada.

A outra estratégia usada para “Bonecos Gigantes” foi a combinação da transferência com adição de informação, com uma ocorrência na revista *Partiu Brasil* e uma no *Guia Unicard*. Nos dois casos, a passagem disserta sobre os lugares que expõem os bonecos para o público fora do período de carnaval: a Embaixada dos Bonecos Gigantes, em Recife, e a Casa dos Bonecos Gigantes, em Olinda. A revista *Partiu Brasil* explica que o museu exhibe “large puppets that are a symbol of the local Carnival”⁶⁰, enquanto o *Guia Unicard* passa a informação através da tradução literal do nome do museu: “Casa dos Bonecos Gigantes (the house of giant puppets⁶¹)”.

É importante salientar que a passagem em que o termo está inserido na revista *Partiu Brasil* discorre sobre todos os pontos turísticos existentes no Recife Antigo. Aqui, o autor do TF menciona, além da Embaixada dos Bonecos Gigantes, lugares como a Rua do Bom Jesus, o Centro Cultural Judaico e o Paço do Frevo. No TF, esses lugares são mencionados sem mais informações. Já no TM, o tradutor adiciona explicações para cada ponto turístico, ampliando o parágrafo que, no TF, é bem menor. Como a revista deve manter o mesmo *layout* e número de páginas tanto na versão em português como na versão em inglês, a solução do tradutor foi omitir trechos que considerou irrelevantes em uma passagem na mesma página sobre o Rio Grande do Norte, o que nos remete a Kelly (1997), quando se refere à quantidade de informações que o tradutor de textos turísticos deve incluir ou excluir, seja para resolver um problema de tradução, seja para respeitar as limitações impostas pelo *layout* do material.

Com relação ao termo “Bonecos de Olinda”, no *Guia de Cidades*, temos uma combinação de três estratégias: transferência, adição de informação e tradução literal, o que resultou em “Olinda Giant Figures”. Trata-se de uma pequena passagem sobre Olinda que menciona o desfile desses bonecos durante o carnaval; portanto, sem muito espaço para explicações no TM, o qual, como dito anteriormente, deve manter o mesmo tamanho dos textos no TF para que as edições nos dois idiomas tenham o mesmo *layout*. O acréscimo do adjetivo “giant” parece ser uma saída para especificar que se tratam dos famosos bonecos gigantes que desfilam no carnaval da cidade.

⁶⁰ “Bonecos grandes que são um símbolo do carnaval local”.

⁶¹ “A casa de bonecos gigantes”.

A única fonte a informar sobre o material que compõe os bonecos é o *Guia Unicard*, afirmando serem feitos de papel machê. Na verdade, os primeiros bonecos eram feitos desse material, porém, de acordo com entrevistas dadas pelos artesãos⁶², os materiais usados ultimamente são o isopor e a fibra de vidro.

3.17.1 Bonecos Gigantes/Bonecos de Olinda nos guias estrangeiros

Esquema 34 – “Bonecos Gigantes”/”Bonecos de Olinda” nos guias estrangeiros

Como pode ser visto no esquema acima, no total são feitas nove menções aos Bonecos Gigantes. O uso do termo “puppet” para designar os bonecos na maior parte das ocorrências confirma o que foi visto nos dicionários de língua inglesa, quando da análise do *corpus* paralelo, e nos ajudará na definição do verbete. Em nenhum momento a palavra “doll” foi empregada. O termo em análise foi mantido quatro vezes em português: duas no *Lonely Planet* e duas no *Rough Guides*. Em uma ocorrência em cada guia, o termo está inserido no nome do museu “Embaixada dos Bonecos Gigantes” e, nas outras duas, está em passagens sobre o carnaval de Olinda. Em todos os casos, os guias explicam tratar-se de bonecos gigantes que representam personalidades do Brasil e do mundo, e que desfilam pelas ruas de Olinda durante o carnaval.

Rough Guides e *Eyewitness* são os únicos guias que informam o material de que são feitos os bonecos, afirmando erroneamente, como o *Guia Unicard*, serem feitos de papel machê.

⁶² TV NOVA NORDESTE (Recife). Tv Cultura. **Confecção Bonecos Gigantes de Olinda**. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Cn8lCrzOVw0>>. Acesso em: 04 abr. 2018

3.17.2 Exemplo de verbete

Nosso *corpus* revelou dois termos que designam os bonecos gigantes que desfilam no carnaval de Olinda: “Bonecos Gigantes” e “Bonecos de Olinda”, sempre no plural. O primeiro, por ter maior número de ocorrências, encabeçará o verbete. Já o segundo entrará no campo “Also known as”.

Três guias que compõem nossos *corpora* forneceram informações equivocadas, porque desatualizadas, sobre o material de que são feitos os Bonecos Gigantes. A informação correta sobre a constituição deles constará da definição do verbete.

Julgamos importante adicionar, no campo “Important Information”, detalhes sobre o tamanho e o peso desses bonecos. E, em “Important Dates”, será especificado o dia em que os bonecos desfilam pelas ruas de Olinda.

3.17.2.1 Modelo de verbete de “Bonecos Gigantes”

Bonecos Gigantes

Masculine locution

Giant puppets made mainly of polystyrene and fiberglass that parade along the streets of Olinda (a town in the northeastern state of Pernambuco) during *carnaval*, carried by revellers called *bonequeiros*. The puppets usually represent famous Brazilian and world personalities.

Important Date:

Parade of the *Bonecos Gigantes*: Shrove Tuesday

Important Information:

Approximate height of the puppets: 4 m (13 ft)

Approximate weight: 17 kg (37 lbs)

The first puppets were created in 1919. At the time, they were made of papier mâché.

Also known as: Bonecos de Olinda

See also: *frevo*

Credit: Passarinho/ Olinda City Hall

The parade of the *Bonecos Gigantes*

Parade of the *Bonecos Gigantes*

<https://www.youtube.com/watch?v=NK6Loi0kz9g>

3.18 Análise de “Círio de Nazaré”

Esquema 35 – Estratégias para “Círio de Nazaré”

O Círio de Nazaré é uma procissão católica que ocorre no segundo domingo de outubro na cidade de Belém (PA) em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré. Essa manifestação popular chega a reunir cerca de dois milhões de fiéis a cada ano, sendo considerada uma das maiores concentrações religiosas do mundo⁶³. Em 2004, o Círio de Nazaré recebeu o título de Patrimônio Cultural do Brasil pelo IPHAN, e teve o título de Patrimônio Cultural da Humanidade concedido pela UNESCO em dezembro de 2013⁶⁴. Apesar de a procissão acontecer no segundo domingo de outubro, as festividades em Belém chegam a durar várias semanas, envolvendo as romarias rodoviária, fluvial e ciclística, além do Círio das crianças no terceiro domingo de outubro. Além da capital, outras cidades no Pará também realizam procissões em honra a Nossa Senhora de Nazaré no segundo domingo de outubro, com exceção do Círio de Nazaré de Soure (Ilha de Marajó - PA), que é realizado no segundo domingo de novembro.

Encontramos no *corpus* 12 menções ao Círio de Nazaré. A única estratégia empregada para a tradução do termo em todos os materiais foi a de transferência, sendo oito no *Guia de Cidades*, duas na revista *Partiu Brasil* e duas no *Guia Unicard*. No *Guia de Cidades*, seis das oito ocorrências do termo estão em um calendário sobre as manifestações populares que acontecem no estado do Pará. As outras duas ocorrências constam de passagens sobre Belém, nas quais temos somente uma breve explicação afirmando que o Círio de Nazaré é o maior festival católico do mundo. Tanto o site da UNESCO como o do IPHAN explicam que a

⁶³ BRASÍLIA. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ministério da Cultura. **Círio de Nossa Senhora de Nazaré**. 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

⁶⁴ PARIS. UNESCO. ONU. **Círio de Nazaré**: procissão da imagem de Nossa Senhora de Nazaré na cidade de Belém (Estado do Pará). 2013. Disponível em: <<http://www.unesco.org/>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

procissão é uma das maiores aglomerações religiosas do mundo, mas nenhum órgão oficial consultado afirma ser o Círio de Nazaré *o maior* festival católico do mundo. A revista *Partiu Brasil* também discorre brevemente sobre a procissão em uma passagem sobre Belém, explicando quando é realizada e informando a quantidade de fiéis participantes. Ao contrário desses materiais, o *Guia Unicard* traz uma passagem inteira dedicada ao Círio de Nazaré em uma seção sobre Belém, na qual estão as duas ocorrências do termo que foram transferidas para o TM. O texto detalha como a procissão se dá, quantidade de fiéis costumeiramente presentes, período em que ocorre e ainda fornece alguns dados históricos. Todas essas informações – que já constavam do TF – foram repetidas no TM.

3.18.1 “Círio de Nazaré” nos guias estrangeiros

Esquema 36 - “Círio de Nazaré” nos guias estrangeiros

Temos 14 ocorrências de “Círio de Nazaré” nos guias estrangeiros.

Ao contrário dos materiais disponibilizados pela EMBRATUR, esses guias nos chamam a atenção pela riqueza de detalhes fornecidos sobre a procissão. Com exceção de uma ocorrência no *Lonely Planet* que comenta o *Círio de Nazaré* da Ilha de Marajó (afirmando realizar-se em novembro), todas as outras ocorrências são sobre a cidade de Belém (PA).

As informações oferecidas pelos guias incluem detalhes sobre o dia da procissão, a distância percorrida, a quantidade de pessoas e o almoço com pratos típicos que os paraenses preparam em suas casas após a procissão. O *Rough Guides* vai além e descreve minuciosamente

a emoção no rosto dos fiéis e o sangue de suas mãos que ficam na corda que acompanha a procissão.

O *Eyewitness* é o único guia estrangeiro que fornece uma tradução para o nome da festa depois de apresentá-la em português. Em uma passagem, o guia a chama de “Our Lady of Nazareth Procession”⁶⁵, em outra, de “The Festival of Candles”⁶⁶, fazendo alusão a um dos significados de “Círio” (vela grande).

Nenhum guia informa os títulos recebidos do IPHAN e da UNESCO.

3.18.2 Exemplo de verbete

Os detalhes oferecidos sobre a manifestação popular em questão são tão minuciosos nos guias estrangeiros, que muito será aproveitado em termos de vocabulário.

Consideramos importante adicionar os títulos de Patrimônio Cultural do Brasil, recebido do IPHAN e de Patrimônio Cultural da Humanidade, concedido pela UNESCO.

⁶⁵ “Procissão da Nossa Senhora de Nazaré”.

⁶⁶ “O Festival das Velas”.

3.18.2.1 Modelo de verbete de “Círio de Nazaré”

Círio de Nazaré

Masculine locution **Pl:** Círios de Nazaré

A massive Catholic celebration in honour of *Nossa Senhora de Nazaré* (Our Lady of Nazareth) which takes place in Belém, the capital city of the northern state of Pará, gathering millions of worshippers and tourists each year. The festivities last for days in October and include fluvial, bike and motorbike processions as well as the main procession in which the image of Our Lady of Nazareth is carried for about five kilometers along the streets of Belém, from the *Catedral de Belém* to *Praça Santuário de Nazaré*. After this procession, families gather for a feast where traditional dishes are served.

Where: Although many towns in the state of Pará hold processions in honour of Our Lady of Nazareth, the most prominent celebration takes place in Belém, Pará’s capital city.

When: In Belém, the festivities climax on the second Sunday of October with the main procession.

Important Information:

The *Círio de Nazaré* holds both the title of “Brazilian Cultural Heritage”, granted by IPHAN (Institute of Brazilian Historical and Artistic Heritage), as well as the title of “Intangible Cultural Heritage”, granted by UNESCO.

See also: *Procissão do Fogaréu* for another important procession

Credit: brasil.gov.br

The rope is one of the biggest symbols of faith during *Círio de Nazaré*, representing the link between the Saint and her followers

You Tube Círio de Nazaré – Belém

https://www.youtube.com/watch?v=-EibJBU_oAU

3.19 Análise de “Festa do Divino (Espírito Santo)”

Esquema 37 – Estratégias para “Festa do Divino (Espírito Santo)”

O Espírito Santo é, entre os cristãos, a força ativa de Deus e compõe a Santíssima Trindade, juntamente com Deus pai e Deus filho. A Festa do Divino Espírito Santo, também conhecida como Festa do Divino, é uma festa móvel que culmina no dia de Pentecostes – celebração cristã que comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus e sobre sua mãe, Maria – e ocorre 50 dias após a Páscoa. Além de ritos religiosos, como missas, novenas e procissões, o folguedo também traz, em algumas cidades, manifestações folclóricas, como as Cavalhadas e apresentações de Congada. As festas do divino que ocorrem nas cidades de Pirenópolis (GO) e Paraty (RJ) receberam do IPHAN o título de Patrimônio Cultural do Brasil em 2010 e 2013, respectivamente.

Temos 19 ocorrências do termo em nosso *corpus*, distribuídas em quatro fontes diferentes. A estratégia preferida dos tradutores foi a de transferência e totaliza dez ocorrências, sendo quatro no *Guia de Cidades*, três no *Blog Embratur* e três no *Guia Unicard*. Nos três materiais, essa estratégia está distribuída em passagens sobre a festa em diferentes cidades e,

em todos os casos, existe uma breve explicação sobre sua temática e/ou como é celebrada, explicação que já constava do TF.

A combinação da estratégia de transferência com a de adição de informação está presente em três momentos, um no *Guia de Cidades*, um na revista *Partiu Brasil* e um no *Guia Unicard*. No primeiro, a estratégia está em uma passagem sobre a festa em Pirenópolis, na qual lemos: “Festa do Divino (Divine Festival)”. Porém, como pode ser observado, a tradução escolhida como adição de informação do termo resultou em “Festival Divino”. Apesar de o nome dessa manifestação popular ser “Festa do Divino Espírito Santo”, a supressão de “Espírito Santo” é uma prática comum. De qualquer forma, o termo “divino” aqui é um qualificador de “Espírito Santo”, e não de “Festa”. Então, explicar que “Festa do Divino Espírito Santo” é, em inglês, “Divine Festival” é desconsiderar a entidade celebrada nesse folguedo. Já o tradutor do *Guia Unicard* explica que a manifestação é um festival folclórico (Folklore Festival), deixando de lado qualquer esclarecimento sobre seu caráter religioso, diferentemente do tradutor da revista *Partiu Brasil*, que informa tanto o teor cultural quanto religioso da comemoração (“a cultural and religious celebration”).

Temos duas ocorrências da estratégia de tradução literal em nosso *corpus*, ambas no *Guia de Cidades*. Uma das ocorrências dessa estratégia no *Guia de Cidades* está em uma passagem sobre o Museu do Divino, em Pirenópolis. É importante salientarmos que esta é a primeira vez que o guia menciona a festa na cidade. No TF, temos: a) “[O museu] possui um extenso acervo relacionado à Festa do Divino”; enquanto no TM, lemos: b) “This museum has an extensive collection relating to the Feast of the Divine”. Essa solução encontrada pelo tradutor nos remete ao comentário acima sobre o adjetivo “divino” como qualificador de “Espírito Santo”, termo que, muitas vezes, é suprimido no nome da festa em português. Porém, mesmo com a supressão desse termo, a maioria dos brasileiros sabe que a festa é um culto ao Espírito Santo. Já o estrangeiro que lê “Feast of the Divine” ignora o termo que “divine” qualifica, não ficando claro, portanto, o que a festa celebra, uma vez que não há mais explicações na passagem. Nesse caso, uma estratégia que foi empregada com o intuito de facilitar o entendimento do leitor, pode causar efeito contrário. Já em uma passagem sobre outro museu, a Casa do Divino, em Alcântara (MA), temos o nome da festa – que o TF traz como “Festa do Divino Espírito Santo – traduzido para “Divine Holy Spirit Festival”. Aqui, vemos que o *Guia de Cidades* não apenas emprega diferentes estratégias para um mesmo termo, como também não padroniza a maneira como cada uma dessas estratégias é aplicada.

Existem duas ocorrências da combinação da estratégia de tradução literal com a de transferência, sendo uma na revista *Partiu Brasil* e uma no *Guia Unicard*. Na primeira, o nome

do folgado está em uma passagem sobre Paraty, na qual o autor elenca as festas comemoradas na cidade e o período em que ocorrem. A solução encontrada foi verter “Festa do Divino” para “Divino Feast”, sem mais explicações, o que não significa muito para o leitor estrangeiro. Já o *Guia Unicard* traz essa estratégia em uma passagem sobre a festa em Pirenópolis, quando estão sendo fornecidos detalhes sobre sua celebração. Aqui, o tradutor verte o termo para “Divino Espírito Santo Festivity”.

No título da passagem mencionada acima, temos uma combinação da estratégia de tradução literal com a de omissão, resultando em “Celebration of the Holy Ghost”, com omissão do adjetivo “divino”. Nesse caso, a diferença de utilização de estratégias na mesma passagem se deu, possivelmente, para que, já no título, ficasse claro para o leitor que a festa a ser detalhada tem como cerne o culto ao Espírito Santo (“Holy Ghost” em inglês), uma vez que o texto não traz essa informação. Já a combinação da estratégia de transferência com a de tradução literal dentro do texto (“Divino Espírito Santo Festivity”), como visto no parágrafo acima, mantendo “Divino Espírito Santo” em português, nos parece ter sido uma solução para indicar o modo como a festa é conhecida em português.

Por fim, o *Guia Unicard* faz uso da estratégia de neutralização na mesma passagem mencionada acima, substituindo o nome do folgado por “celebrations”. O uso dessa estratégia aqui tem, nitidamente, uma função anafórica, uma vez que o nome da festa já havia sido mencionado em um parágrafo anterior.

3.19.1 “Festa do Divino (Espírito Santo)” nos guias estrangeiros

Esquema 38 - “Festa do Divino (Espírito Santo)” nos guias estrangeiros

Temos 26 ocorrências de “Festa do Divino Espírito Santo” nos guias estrangeiros, sendo 14 no *Eyewitness*, dez no *Lonely Planet* e duas no *Rough Guides*. Como mostra o esquema acima, o termo foi mantido em português em todas as ocorrências, nunca suprimindo o termo “Espírito Santo”.

O *Eyewitness* comenta as festas que acontecem em Paraty (RJ), Alcântara (MA) e Pirenópolis (GO), equivocando-se em alguns pontos. O guia afirma que a festa em Paraty ocorre em dezembro, o que não é correto, já que é realizada no dia de *Pentecostes*, ou seja, 50 dias após o domingo de Páscoa. Além disso, o folguedo é tratado aqui como sinônimo de “Cavalhada”. Como veremos na análise desse termo, as Cavalhadas fazem parte das festividades de algumas festas em honra ao Divino Espírito Santo, mas não podem ser confundidas com a festa em si. Além disso, em uma das ocorrências, o termo está grafado como “Festa *de* Divino Espírito Santo” (grifo nosso).

O *Lonely Planet* discorre sobre as festas de Paraty (RJ), Pirenópolis (GO), Alcântara (MA) e São Luís (MA), também cometendo o equívoco de dizer que a Festa do Divino Espírito Santo é também conhecida como “Cavalhada”. Além disso, em uma ocorrência, o guia grafa o nome da festa como “*Festo* do Divino Espírito Santo” (grifo nosso).

Já o *Rough Guides* comenta a festa apenas duas vezes. Uma passagem discorre sobre aquela que é realizada em Paraty (RJ) e outra, sobre a que ocorre em Pirenópolis (GO). Assim como o *Eyewitness* e o *Lonely Planet*, o guia também confunde a festa com as Cavalhadas, além de grafar o nome do folguedo como “*Festo* do Divino Espírito Santo” (grifo nosso) em uma das ocorrências.

3.19.2 Exemplo de verbete

Tendo em vista a análise do termo nos guias estrangeiros, julgamos importante explicitar em nosso verbete que as Cavalhadas fazem parte das celebrações de algumas festas do Divino Espírito Santo, mas não são a festa propriamente dita. Além disso, apesar de oferecer detalhes sobre as apresentações das Cavalhadas e informar sobre a presença da cultura afro-brasileira na festa de Alcântara (MA), em momento algum, como mostramos, esses guias explicam tratar-se de uma festa que ocorre, principalmente, em honra ao Espírito Santo, informação que constará do nosso exemplo de verbete. O período do ano em que a festa ocorre também será adicionado.

Da mesma forma, será acrescentada a informação sobre o fato de o folguedo ser também conhecido apenas como “Festa do Divino” no campo “Also known as”, e serão mencionadas as duas cidades cujas festas detêm o título de Patrimônio Cultural do Brasil.

Como visto acima, os tradutores dos materiais brasileiros traduziram “Espírito Santo” para “Holy Spirit” em uma ocorrência (*Guia de Cidades*) e para “Holy Ghost” (*Guia Unicard*) também em uma ocorrência. Os guias estrangeiros não fazem referência à terceira pessoa da Santíssima Trindade. Uma pesquisa feita no COCA obteve 1.873 resultados para “Holy Spirit” e apenas 335 resultados para “Holy Ghost”. Dessa forma, o primeiro é o termo escolhido para constar do nosso verbete.

3.19.2.1 Modelo de verbete de “Festa do Divino Espírito Santo”

Festa do Divino Espírito Santo

Feminine locution **Pl:** Festas do Divino Espírito Santo

A Christian celebration in honour of the Holy Spirit which combines religious practices such as processions and masses with folk exhibitions like the *Cavalhada* and the Congada, an Afro-Brazilian dramatic dance. The festival usually has an “emperor” and an “empress” who are responsible for its organization.

When: It culminates on Pentecost Sunday, but some cities start celebrating it several days before.

Where: All over Brazil

Important Information

The *Festas do Divino Espírito Santo* which take place in the cities of Pirenópolis, in the state of Goiás, and Paraty, in the state of Rio de Janeiro, have been granted the title of Intangible Cultural Heritage of Brazil by IPHAN (Brazil’s Institute for Cultural Heritage).

Also known as: Festa do Divino. **Pl:** Festas do Divino.

Credit: Agência Brasília

A procession during the *Festa do Divino Espírito Santo*.

The colour red represents fire, the element associated with the Holy Spirit.

Festa do Divino Espírito Santo in Paraty.

<https://www.youtube.com/watch?v=S4eVqI83A9A>

3.20 Análise de “Cavalhada(s)”

Esquema 39 – Estratégias para “Cavalhada(s)”

Introduzida no Brasil pelos portugueses no século XVII, a Cavalhada (ou Cavalhadas) pode ser encontrada no país em duas modalidades distintas, dependendo de onde ocorre. De acordo com Cascudo (2012), a primeira modalidade consta de representações teatrais das batalhas medievais entre mouros e cristãos no século VI que aconteceram na Europa durante o império de Carlos Magno. Essa manifestação popular ganha características brasileiras com o acréscimo de personagens como os “mascarados”, pessoas trajando roupas coloridas e máscaras de papel machê que saem pelas ruas a cavalo fazendo algazarra. É em Pirenópolis (GO) que essa modalidade é mais proeminente. A outra modalidade consiste em desfiles e corridas de cavalos e torneios com jogos de argolinhas, como acontece em Alagoas (CASCUDO, 2012). Os dicionários de língua portuguesa *Caldas Aulete*, *Michaelis* e *Priberam* mencionam apenas a segunda modalidade em suas definições do termo.

Com presença registrada em diversas partes do país, as Cavalhadas acontecem em períodos diferentes, dependendo de onde são encenadas. Em Pirenópolis (GO), por exemplo, as encenações fazem parte das manifestações culturais da Festa do Divino Espírito Santo, que ocorre no dia de Pentecostes, 50 dias após o domingo de Páscoa. Já em Guarapuava, no Paraná, elas podem ser realizadas como comemoração do aniversário da cidade, no mês de dezembro,

ou em qualquer outra época do ano. No estado de Alagoas, vários municípios realizam as Cavalhadas no dia de seus santos padroeiros.

Das doze ocorrências do termo no *corpus*, onze fazem referência à Cavalhada de Pirenópolis e uma à de Maceió. Nessa última, a manifestação é constituída apenas de desfiles, corridas de cavalos e jogos de argolinha. A única menção à Cavalhada de Maceió está no *Guia de Cidades* onde é utilizada a estratégia de transferência. No TF já temos a explicação de que o folguedo é constituído de desfiles e torneios entre cavaleiros. Nos outros seis casos em que a estratégia de transferência é empregada, a referência é feita à Cavalhada de Pirenópolis e já há explicações no TF sobre o folguedo. Alguns, como a revista *Partiu Brasil* e o *Guia Unicard*, fornecem detalhes sobre a batalha medieval encenada. O *Blog Embratur* não oferece detalhes, mas explica tratar-se de um festival que acontece em Goiás.

A segunda estratégia mais utilizada foi a combinação da estratégia de transferência com adição de informação, totalizando quatro ocorrências, todas no *Guia de Cidades*. Duas das informações acrescentadas dizem que as Cavalhadas são “horse(back) parades”⁶⁷. Uma diz tratar-se de “horseback processions”⁶⁸, e outra, de “horseback tournaments”⁶⁹. As três explicações dão conta de elementos que fazem parte das Cavalhadas de Pirenópolis, como as procissões a cavalo e os torneios que acontecem entre os cavaleiros no terceiro dia do folguedo, mas não abarcam a atração principal, que é a representação da batalha medieval entre cristãos e mouros. Um turista estrangeiro, ao ler que as Cavalhadas são apenas procissões a cavalo, pode não ter muito interesse em visitar a cidade durante o folguedo de três dias, uma vez que, nas passagens onde o termo ocorre, não há mais explicações sobre essa manifestação popular.

O *Guia Unicard* é o único material que utiliza a neutralização como estratégia de tradução, vertendo “Cavalhadas” para “horseback riding”⁷⁰ em uma passagem sobre a Festa do Divino Espírito Santo de São Luís do Paraitinga (SP). O emprego da estratégia de neutralização aqui pode solucionar o problema de limitações de espaço para a tradução em uma revista bilíngue, pois são vertidas para o TM somente as características gerais do termo, sem que seja necessário fornecer explicações muito elaboradas. O uso dessa estratégia, porém, resulta na perda da brasilidade do termo. Assim, no TF temos: “A Festa do Divino Espírito Santo (...) mantém o folclore vivo nas apresentações de Cavalhada”. Já no TM temos: “The Festa do Divino Espírito Santo (...) is another traditional folklore festival, with exhibitions involving

⁶⁷ “Desfiles a cavalo”.

⁶⁸ “Procissões a cavalo”.

⁶⁹ “Torneios a cavalo”.

⁷⁰ “Cavalgada”.

horseback riding”. Como podemos notar, o uso da neutralização não permitiu a manutenção da estrutura da frase do TF no TM, justamente devido à perda de tipicidade do termo que resulta do emprego dessa estratégia. Neutralizando “Cavalhada” para “horseback riding”, a atividade não poderia mais ser descrita como algo que mantém “o folclore vivo”, pois cavalgadas, por si só, não integram o folclore brasileiro. Tendo esse cuidado, o tradutor optou por dizer que a festa do Divino Espírito Santo é um “folklore festival”⁷¹ que abriga “exhibitions involving horseback riding”⁷². Esse é, novamente, um exemplo do cuidado que o tradutor precisa ter com o cotexto onde o referente cultural está inserido antes de lançar mão de uma estratégia de tradução. Ao contrário do que foi observado em 3.10, temos, no caso dessa passagem, um tradutor preocupado em deixar um texto fluido para o leitor. Se a estratégia de neutralização lhe pareceu ser a única opção possível, outras modificações no cotexto foram necessárias para que seu trabalho resultasse em um texto claro para o leitor estrangeiro.

3.20.1 “Cavalhada(s)” nos guias estrangeiros

Esquema 40 - “Cavalhada(s)” nos guias estrangeiros

⁷¹ “Festival folclórico”.

⁷² “Apresentações que envolvem cavalgada”.

Existem 14 referências às *Cavalhadas* nos guias estrangeiros, sendo todas sobre as manifestações em Pirenópolis. Dessas 14, oito se referem ao Museu das Cavalhadas, sendo duas ocorrências no *Eyewitness*, quatro no *Lonely Planet* e duas no *Rough Guides*.

Tanto o *Eyewitness* quanto o *Lonely Planet* tratam “Cavalhadas” como sinônimo de “Festa do Divino Espírito Santo”: “The Festa do Divino Espírito Santo, also known as Cavalhadas” (*Eyewitness*)⁷³ e “Festa do Divino Espírito Santo, more popularly known as Cavalhadas” (*Lonely Planet*)⁷⁴. Essa não é uma afirmação correta. O folguedo é parte das manifestações folclóricas que acontecem durante a Festa do Divino em Pirenópolis, mas não pode ser confundido com a festa em si. Em outras cidades, como visto acima, as Cavalhadas acontecem em outras épocas do ano, como as de Guarapuava, que costumam ser realizadas em dezembro. Essa informação, portanto, deverá estar clara em nosso verbete.

Em uma das vezes em que o folguedo é mencionado no *Eyewitness*, ele está na legenda da foto de uma fantasia usada nas encenações da batalha, onde lemos “Cavalhadas Parade costume”⁷⁵.

O *Rough Guides* usa o termo “Cavalhadas” somente quando se refere ao museu em Pirenópolis. Quando menciona o folguedo em si, ao discorrer sobre as manifestações populares que acontecem durante a Festa do Divino em Pirenópolis, o guia não emprega o termo “Cavalhadas”, mas “mock battles from the Crusades”⁷⁶, o que, a julgarmos pelas características das Cavalhadas de Pirenópolis, nos parece uma explicação mais acertada do que as utilizadas pelos tradutores do *Guia de Cidades*, como visto acima (“horseback parade”, “horseback procession” e “horseback tournaments”).

3.20.2 Exemplo de verbete

Nosso exemplo de verbete especificará as duas modalidades do folguedo: a dos torneios e aquelas que reproduzem a batalha entre cristãos e mouros. Enfatizaremos também as Cavalhadas como parte da Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, e não como a festa em si.

⁷³ “A Festa do Divino Espírito Santo, também conhecida como Cavalhadas”.

⁷⁴ “A Festa do Divino Espírito Santo, popularmente conhecida como Cavalhadas”.

⁷⁵ “Fantasia das Cavalhadas”.

⁷⁶ “Encenações das batalhas das Cruzadas”.

3.20.2.1 Modelo de verbete de “Cavalhada”

Cavalhada

Feminine noun

A folk manifestation that may be expressed in two different modalities:

1 – A reenactment of the battles fought between the Christians and the Moors during the Crusades. The *Cavalhada* in Pirenópolis in the state of Goiás, central-western Brazil, is the most prominent one and occurs on the last three days of the *Festa do Divino Espírito Santo*.

2 – Horse parades, race and tournaments with medieval origins.

When: usually during the *Festa do Divino Espírito Santo*, but it can take place in different periods of the year, depending on the city holding it.

Where: in many cities around Brazil

Also known as: Cavalhadas

Credit: Reinaldo Meneguim

Cavalhadas in the countryside of São Paulo: tournaments of medieval origin between knights.

Credit: cidadedepirenopolis.blogspot.com.br/

The *Cavalhada* in Pirenópolis. The knights in blue represent the Christians. The ones in red represent the Moors.

An overview of the *Cavalhada* in Pirenópolis

<https://www.youtube.com/watch?v=O6klvKCvHm0>

3.21 Análise de “Festa(s) Junina(s)”

Esquema 41 – Estratégias para “Festa(s) Junina(s)”

Segundo os dicionários online de língua portuguesa *Caldas Aulete*, *Priberam da Língua Portuguesa* e *Michaelis*, o qualificador “junino(a)” refere-se ao que acontece no mês de junho

e às festas que nele se realizam. Assim, como mostram as figuras 9 e 10, soluções como “June Festival”, “June Parties” e “June Festivities” foram enquadradas na estratégia de tradução literal, representando 32 das 46 ocorrências do termo no *corpus* de estudo. Em todos os casos em que essa estratégia é encontrada, observamos que há, já no TF, alguma explicação sobre como essas festas são comemoradas e sobre os três santos católicos que elas celebram (Santo Antônio, São João e São Pedro). Porém, um texto do *Blog Embratur* sobre Festas Juninas comete um engano no TF que é transferido para o TM: informa o leitor sobre a nacionalidade dos santos, dizendo-os brasileiros, enquanto, na realidade, Santo Antônio nasceu em Portugal; São João, em Jerusalém e São Pedro, na Galileia.

É interessante notar que o segundo recurso mais empregado aqui é uma combinação de duas estratégias, sendo que a primeira não consta da lista de Marco (2002): o empréstimo de outro termo da língua-fonte (“São João”, em vez de “Junina”) usado em conjunto com a tradução literal do segundo termo, resultando em “São João Party” no *Livreto Junino* (uma ocorrência) e “São João Festivities/Festivals” (três ocorrências no total) no *Guia de Cidades*. Essa estratégia pode ser uma tentativa de explicar que se trata de uma festa religiosa, já que as limitações de espaço possivelmente não permitiam uma adição de informação mais elaborada.

A terceira estratégia mais utilizada é a combinação da transferência do termo com adição de informação, resultando em quatro ocorrências no total. No *Guia de Cidades*, “June’s Celebrities” foi a solução escolhida como adição de explicação de “Festa Junina”, o que resultou em erro, uma vez que “celebrities” não significa “festa”, “comemoração” ou “celebração”, mas sim, “celebridades”. Erro, de acordo com Cruces Colado (2001) é a ruptura das regras de coerência de um texto-alvo, sejam gramaticais, lexicais, semânticas ou culturais. No mesmo guia, a outra ocorrência dessas duas estratégias combinadas resultou em “Festa Junina (St. Johns Festivities)”. Aqui, um apóstrofo, que deveria estar presente antes da letra “s” indicando o genitivo em “John”, não foi incluído. Se, segundo Merkaj (2013), é através de um texto turístico que o viajante terá suas primeiras impressões sobre o lugar que pretende visitar, erros assim podem não só causar estranhamento ao leitor do TM, mas também projetar uma imagem negativa de amadorismo do nosso país, afinal, lembramos que o *Guia de Cidades* é um material produzido por um órgão do Governo Federal. Cabe ressaltar que essa imagem de amadorismo projetada pela Embratur já foi observada por Costa (2006) em sua dissertação sobre materiais de divulgação cultural, onde a autora conclui que a produção e tradução desses materiais ficam aquém dos esforços empreendidos pelo setor turístico para angariar turistas para o país. Casos como o descrito acima pode indicar que pouco tenha mudado desde a dissertação da autora.

Ainda com relação à combinação da estratégia de transferência com adição de informação, temos uma ocorrência no *Guia Unicard*. O guia informa que as Festas Juninas são celebrações em honra a Santo Antônio, São João e São Pedro: “The festas juninas refers to a trio of feasts for the Saints John, Anthony and Peter, all held in June”.

Uma outra combinação de estratégias identificada no *corpus* aplicada ao termo em análise é a de transferência com a tradução literal. Sua única ocorrência está no *Guia de Cidades* e resultou em “Juninas Festivals”. Nesse caso, uma consulta ao texto integral nos mostrou que há uma explicação sobre a origem do qualificador em questão, informando que as festas são assim chamadas por acontecerem no mês de junho. Essa explicação está presente no TF e no TM.

A estratégia de neutralização utilizada isoladamente foi empregada apenas uma vez e aparece no *Guia de Cidades*, em que o tradutor opta pelo hiperônimo “festivals”. Isso pode ter sido um caso de referência anafórica, já que, analisando o texto integral, observamos que a festa é mencionada anteriormente na mesma passagem, onde foi empregada a única estratégia de transferência usada sozinha para o termo no *corpus*.

Tendo analisado as estratégias utilizadas para a tradução dos termos que fizeram parte desse último estudo, chamaremos a atenção agora para a escolha dos equivalentes de “festa” nas estratégias de tradução literal. Em uma pesquisa nos dicionários *Oxford*, *Cambridge*, *Merriam-Webster* e *Macmillan*, vimos que, dos três termos empregados como equivalentes de “festa” (“party”, “festival” e “festivities”), somente “festival” tem conotação religiosa, tendo “feast” como sinônimo. Este é definido como o dia em que determinado santo é celebrado e as festas em homenagem a ele. Ao buscarmos esses quatro termos no COCA, confirmamos que tanto “festival” quanto “feast” aparecem ligados a festas religiosas e ao lado de nomes de santos, como “Feast of St. Peter” e “Festival of St. John the Baptist”, o que não acontece com “festivity” – apesar de constar desses dicionários como sinônimo de “festival” – nem com “party”, que, por sua vez, designa eventos sociais não religiosos, segundo os dicionários consultados. Ademais, uma pesquisa no *subcorpus* de textos turísticos escritos originalmente em inglês mostrou que apenas os termos “festival” e “feast” foram usados para descreverem as festas religiosas, enquanto “festivities” foi usado no sentido de “festividades” em geral.

Um outro ponto a ser comentado é a quantidade de traduções diferentes para “Festa Junina” no mesmo material quando da aplicação da estratégia de tradução literal, como acontece no *Guia de Cidades*. Por mais que o cotexto informasse o leitor sobre alguns detalhes da festa, o fato de não haver uma padronização para a tradução do termo dentro da mesma fonte pode, muitas vezes, confundir o leitor. Por exemplo, uma análise mais detalhada mostrou que

em nenhum momento afirma-se que as Festas Juninas também são conhecidas como “Festas de São João”, como no caso de Campina Grande que tem o chamado “maior São João do Mundo” e que acontece não só no dia 24/06 (dia de São João) mas em todo o mês de junho. Dessa forma, se no *Guia de Cidades* o leitor depara com o termo “June Festivals” em uma página e com o termo “São João Festivals” três páginas adiante sem que se faça ligação entre as duas festas, ele pode supor que são dois eventos diferentes. Ainda, quando o *Guia de Cidades* discorre sobre as festas típicas do Ceará, a sua versão em inglês informa que os turistas vão às Festas de São João atraídos por comidas e diversões típicas dessa época do ano: a) “The São João festivities in Ceará attract large numbers of tourists in search of food and fun typical of *this time of year* (grifo nosso). Porém, não é mencionado que a época do ano em questão é junho. Já na versão em português, vemos: b) “As Festas Juninas atraem turistas em busca de comidas e brincadeiras típicas *dessa época do ano*” (grifo nosso). Como o brasileiro sabe o mês em que essas festas ocorrem, essa informação faz sentido para ele. O mesmo não podemos dizer do estrangeiro que leu a versão em inglês. Nesse caso, a adição dessa informação se fazia necessária para que o texto cumprisse a função de atrair o leitor para a festa em questão.

3.21.1 “Festa(s) Junina(s)” nos guias estrangeiros

Esquema 42 – “Festa(s) Junina(s)” nos guias estrangeiros

Com relação ao *subcorpus* comparável em inglês, sempre que se faz menção às Festas Juninas, o nome da festa é mantido em português. Temos, assim, 14 ocorrências do termo nesse *corpus*: sete no *Eyewitness*, seis no *Lonely Planet* e apenas uma no *Rough Guides*. Todas as

ocorrências no *Eyewitness* estão em uma passagem sobre Campina Grande, onde é explicado que as Festas Juninas fazem parte do folclore nordestino. Informação imprecisa, já que são comemoradas em todo o Brasil. O *Lonely Planet* discorre brevemente sobre as Festas Juninas em uma seção sobre festas populares – onde é dito que são comemoradas em todo o país – e ao dissertar sobre o Rio de Janeiro, Campina Grande e Bahia. Já o *Rough Guides* informa que essas festas acontecem exclusivamente na terceira semana de junho e apenas no sudeste brasileiro, sendo voltadas principalmente ao público infantil. É fundamental ressaltarmos que essas informações erradas trazidas por dois guias de renome no setor turístico descrevem a segunda maior festa popular brasileira, o que pode não apenas servir como obstáculo para o desenvolvimento do turismo no país, já que essas festas poderiam atrair milhares de turistas estrangeiros pelo grau de diversidade cultural que apresentam, como podem ir contra a reputação de guias premiados como os mencionados, caso o leitor se dê conta do equívoco.

3.21.2 Exemplo de verbete

Nosso exemplo de verbete de “Festa Junina” explicitará detalhes sobre como a festa é comemorada e destacará a festa de Campina Grande.

O campo “Important Dates” trará os dias de Santo Antônio, São João e São Pedro.

Devido aos equívocos cometidos por dois dos três guias estrangeiros ao informarem o período e local em que a festa ocorre, explicitaremos a informação correta no campo “When” e “Where”. No campo “Also known as”, incluiremos “Festa de São João”.

3.21.2.1 Modelo de verbete de “Festa Junina”

Festa Junina

Feminine locution **Pl:** Festas Juninas

Traditional feasts that occur at the beginning of the Brazilian winter in June in honour of Saint Anthony (Santo Antônio), Saint John the Baptist (São João) and Saint Peter (São Pedro). The theme of these festivities revolves around rural life. Those attending dress up in rural clothing, dance the *quadrilha*, are treated to typical Brazilian food such as *canjica* and *pé de moleque*, drink *quentão*, enjoy bonfires and play games to win small prizes. Every region in Brazil has its own way of celebrating the Festas Juninas.

When: In June, extending until July in some cities.

Where: All over Brazil

Also known as: *Festa de São João*

See also: *arraial*

Important dates:

Feast of St. Anthony: Jun/13

Feast of St. John: Jun/24

Feast of St. Peter: Jun/29

Credit: Prefeitura de Campina Grande

The *Festa Junina* in Campina Grande, state of Paraíba, is called *São João de Campina Grande*.

Credit: Terra

Girl wearing vintage rural clothing.

An overview of the *Festas Juninas*

<https://www.youtube.com/watch?v=2oKx6cMnQ14>

3.22 Análise de (Festa de) São João

Esquema 43 – Estratégias para “Festa(s) de São João”

As Festas de São João, também conhecidas apenas como “São João”, fazem parte das Festas Juninas. Muitas vezes, como visto anteriormente, o termo é usado como sinônimo de “Festa Junina”.

Os termos em negrito no esquema são estratégias de adição de informação para os casos em que os autores dos TFs empregaram apenas “São João” para designar a festa.

Ao contrário do que foi observado na análise de “Festa Junina”, que teve a tradução literal como estratégia mais empregada nos materiais que compõem o nosso *corpus*, a preferida dos tradutores em “São João” ou “Festa de São João” é a de transferência, representando 14 das 52 ocorrências do termo no *corpus*.

Em todas as cinco ocorrências dessa estratégia no *Livreto Junino*, o nome “São João” está inserido no título de festas específicas, como “De Jacinto a Tororó, São João é em Maceió”.

Com relação ao *Guia de Cidades*, essa estratégia é utilizada em quatro momentos diferentes, todos com detalhes sobre a festa, os quais já constavam do TF.

Os tradutores do *Blog Embratur* utilizam estratégia de transferência apenas uma vez, ao falarem das Festas de São João em Sergipe. É interessante notar, porém, que numa linha acima o *blog* estava se referindo à festa como “Festa Junina” – utilizando a estratégia de transferência como visto anteriormente na análise desse termo. O tradutor, aqui, apenas transferiu para o TM o nome das festas sem atentar para o fato de que, o que poderia ficar claro no texto em português para brasileiros que sabem que “Festa Junina” e “São João” são a mesma festa, pode passar a ideia de serem festas diferentes para os estrangeiros que leem a tradução, já que não é explicado em momento algum que uma é sinônimo da outra. No TF lê-se: a) “As Festas Juninas não faltam no calendário sergipano. As cidades do interior também comemoram o São João”. Já no TM lemos: b) “The Festas Juninas are also part of the Sergipe calendar. Cities located in the countryside also celebrate São João”. Chama atenção também a ambiguidade do texto em português, que informa que as Festas Juninas estão presentes no calendário do estado, e que o interior *também* comemora o São João, como se as duas festas fossem realmente diferentes, sendo que, a última, é comemorada apenas no interior. Sobre a má qualidade da redação de textos turísticos e a intervenção do tradutor, vide análise de “forró”, na seção 3.24.

Já a revista *Partiu Brasil* utiliza essa estratégia no calendário de festas brasileiras localizado em sua última página, explicando onde as Festas de São João acontecem. Finalmente, com relação às três ocorrências da estratégia de transferência no *Guia Unicard*, uma delas está em uma passagem sobre Caruaru que aconselha o leitor tanto do TF como do TM a conhecer a Festa de São João da cidade: a) “Imperdível é a Festa de São João, que disputa

em tamanho com a de Campina Grande”. b) “Try to catch the Festa de São João, which competes with the festival held in Campina Grande to attract the largest crowds”. Nada mais é dito sobre a festa em nenhum dos dois textos. Aqui, mais uma vez, o leitor estrangeiro que não tem conhecimento sobre as Festas de São João, fica sabendo, no máximo, que a festa de Caruaru compete em tamanho com aquela celebrada em uma outra cidade do Brasil. Como atrair o leitor para a festa em questão se ele não sabe do que se trata? Apenas dez páginas adiante, em uma passagem sobre Campina Grande, onde temos as outras duas ocorrências da estratégia de transferência, são fornecidos os detalhes sobre a festa – que também estão no TF. No entanto, o leitor que não se interessar em ler sobre Campina Grande e não chegar até a página onde há a explicação sobre a Festa de São João perderá informações importantes.

Passemos agora para o uso da estratégia de transferência combinada com a de adição de informação, que totaliza dez ocorrências no *corpus*. Nos cinco casos presentes no *Livreto Junino*, a adição de explicação se dá com o uso do hiperônimo “party” antecedendo a transferência do título das festas em homenagem a São João. Por exemplo, onde no TF lemos a) “O São João Pra Valer conta com 150 atrações”. No TM, lemos: b) “The party São João Pra Valer has 150 attractions”. Mais uma vez, chamamos a atenção para o uso do termo “party” para designar uma festa religiosa. Como visto na análise de “Festa Junina”, os termos mais usados para designar esse tipo de festa em uma pesquisa feita no nosso *corpus* comparável em inglês, no COCA e em dicionários de língua inglesa são “feast”, “festival” e “celebration”. “Party” não aparece em nenhum momento relacionada a festas de teor religioso.

O *Guia de Cidades*, que traz apenas uma ocorrência dessas duas estratégias combinadas, o faz também para explicar que o nome “São João” se refere a uma festa. Para isso, o guia usa o hiperônimo “festival”. Assim, no TF temos: a) “Outro São João realiza-se em Extremoz”. E no TM temos: b) “Another São João festival is held in Extremoz”.

Já o *Blog Embratur* apresenta três ocorrências dessas duas estratégias combinadas, tendo o tradutor usado em duas ocasiões o hiperônimo “festival” como adição de informação: a) “Durante o São João (...)”; b) “During the São João festival (...)” e a) “O maior São João do mundo”; b) “the largest São João festival of the world”. Enquanto “party” foi o termo escolhido para a adição de explicação em outra ocorrência dessas estratégias combinadas: a) “(...) maior São João do país”; b) “(...) the largest São João party of the world”.

O último material a usar essas estratégias combinadas é a revista *Partiu Brasil* em uma passagem sobre o São João em Caruaru. Aqui, lemos no TF: a) “São João de Caruaru, um dos maiores do país”. Já no TM temos: b) “Festa de São João, a gigantic feast in honor of Saint John”.

Com relação à estratégia de tradução literal, temos dez ocorrências em nosso *corpus*, das quais seis estão na revista *Cores e Sabores* e quatro no *Blog Embratur*. Em cinco ocorrências em *Cores e Sabores*, essa estratégia foi aplicada a títulos de festas de São João, como “São João Carioca”, que no TM ficou como “Carioca Saint John” e “São João da Copa das Confederações”, que está no TM como “Saint John of the FIFA Confederations Cup”. Mais uma vez chamamos atenção para o uso dessa estratégia para nomes de festas em um material que intenciona atrair turistas para o evento descrito. Um estrangeiro que diz ao taxista que gostaria de ser levado ao “Carioca Saint John” corre o risco de não chegar à festa desejada.

A outra ocorrência dessa estratégia no *Cores e Sabores* é em uma passagem sobre as festas de Recife que diz que a) “A cidade festejará o São João em 10 arraiais”. No TM lemos: b) “The city shall celebrate Saint John in 10 fairs”.

No que tange ao *Blog Embratur*, as quatro ocorrências da estratégia de tradução literal aplicadas a “Festas de São João” resultaram em “Festivals of Saint John” (duas ocorrências), “Saint John Celebrations” e “Feasts of Saint John”. Mais uma vez, temos um caso de falta de padronização no uso de uma mesma estratégia.

Uma outra combinação de estratégias encontrada no *corpus* foi a de transferência com tradução literal, totalizando sete ocorrências. Das cinco ocorrências encontradas no *Guia de Cidades*, as soluções para “Festa(s) de São João” foram “São João Festivities” (três ocorrências), “São João Festival” (uma ocorrência) e “São João Celebrations” (uma ocorrência). Na revista *Partiu Brasil*, o único uso dessa combinação de estratégias resultou em “São João Festival”, enquanto no *Guia Unicard*, cujo tradutor também usou as duas estratégias em conjunto apenas uma vez, o termo em análise foi vertido para “São João Festivities”.

A omissão foi uma estratégia aplicada ao termo em análise sete vezes em todo o *corpus*, das quais seis estão presentes no *Livreto Junino*. Em todos os casos, “São João” é omitido quando o texto menciona os “concursos de quadrilhas de São João”, onde, no TM, lemos “square-dance contests”⁷⁷. Já o *Guia de Cidades* lança mão dessa estratégia apenas uma vez, quando, em uma passagem sobre a Paraíba, é dito que, além do São João, o turista pode desfrutar das belas praias do estado. Nesse caso, o TM diz apenas que “Paraíba offers beautiful beaches”⁷⁸.

O único material cujo tradutor lança mão da estratégia de neutralização é a revista *Partiu Brasil*, com uma ocorrência. Dessa forma, “Festa de São João” foi vertido para o TM como “a traditional feast in honour of Saint John”.

⁷⁷ Para as estratégias aplicadas à “quadrilha”, vide seção 3.25.

⁷⁸ “A Paraíba oferece belas praias”.

Por último, encontramos duas ocorrências no *Guia de Cidades* de uma combinação de estratégias, sendo que uma delas não figura na lista de Marco (2002). É a combinação do uso de outro termo da língua-fonte com a transferência de “São João”. Nos dois casos, “Festa de São João” foi vertido para o TM como “Festival de São João”.

3.22.1 “Festa(s) de São João” nos guias estrangeiros

Esquema 44 – “Festa(s) de São João” nos guias estrangeiros

Ao analisarmos os textos turísticos escritos originalmente em inglês, encontramos seis menções às Festas de São João. Como podemos ver no esquema acima, quatro desses termos foram transferidos em português para o texto: “Festa de São João” (três ocorrências) e “São João” (uma ocorrência). Nos outros dois casos, todos no *Rough Guides*, o termo “festa” está em inglês, mas o nome do santo celebrado é mantido em português: “Festival of São João”, “São João Celebrations”. Em todas as ocorrências, temos informações no texto sobre o teor da festa, porém, equivocadas. Por exemplo, na seção “Brazil through the year”, o guia *Eyewitness* comenta que o São João é um festival de dança que acontece em Caruaru e em Campina Grande. Apesar de existirem concursos de quadrilha nas Festas de São João dessas cidades, não se pode dizer que o folguedo é um festival de dança.

Já os autores do *Rough Guides* parecem não chegar a um consenso sobre o teor da festa. O guia ora afirma tratar-se de uma festa que acontece em Ilha Grande (RJ) no dia 20 de janeiro (confundindo com a Festa de São Sebastião), ora afirma ser uma festa de candomblé na Bahia,

ora diz tratar-se de um festival de forró em Pernambuco. O turista que recorrer ao *Rough Guides* para saber sobre as Festas de São João não obterá, em momento algum, uma informação correta.

Já o *Lonely Planet* comenta sobre o São João ao mencionar o Sergipe e a Bahia – restringindo a festa aos dois estados – e explica tratar-se de uma festa de rua com danças e comidas típicas.

3.22.2 Exemplo de verbete

Tendo como base a análise acima, é fundamental que nosso verbete deixe claro que a festa em questão não só faz parte das Festas Juninas, mas que o termo “Festa de São João” (ou somente “São João”) é muitas vezes usado como sinônimo de “Festa Junina”. Sendo assim, os mesmos campos que figuram no verbete “Festa Junina” figurarão no verbete “Festa de São João”. É importante ressaltarmos que, como os guias escritos originalmente em inglês mantiveram, em sua maioria, o termo em português, não ofereceremos aqui um equivalente em inglês.

3.22.2.1 Modelo de verbete de “Festa de São João”

Festa de São João

Feminine locution Pl: Festas de São João

A celebration in honour of St. John, whose feast is on June, 24th. Currently the term does not designate only the celebration that occurs on the Saint's feast, but it became a synonym of *Festa Junina*. To learn about how this feast is celebrated, see *Festa Junina*.

Important date: Feast of St John: June, 24th

Where: all over Brazil

When: Throughout the month of June. Sometimes into July.

Also known as: São João *Masculine locution*, Festa Junina *Feminine locution* Pl: Festas Juninas

See also: *arraial*, *quentão*, *pé de moleque*

Credit: Antônio Tenório

Worshippers carrying St. John's banners during the celebrations

Credit: Terra

A *quadrilha* performance during the Festa de São João

An overview of the Festa de São João in Campina Grande (São João de Campina Grande), in the state of Paraíba.

<https://www.youtube.com/watch?v=-uCOsHgkuc4//>

3.23 Análise de “arraial”

Esquema 45 – Estratégias para “arraial/arraiais”

O termo “arraial” analisado aqui tem como definição, de acordo com o dicionário *Caldas Aulete*, “lugar onde se realizam festas populares, esp. Juninas”.

Temos nove ocorrências do termo em nosso *corpus*.

Para a única ocorrência no *Guia Unicard*, a estratégia escolhida foi a da omissão, assim como em uma das sete ocorrências do *Livreto Junino*. No caso do *Livreto Junino*, o termo omitido faz parte do nome próprio “Arraial Boa Vista Junina”, festa que acontece na capital de Roraima, cujo arraial é considerado “o maior da Amazônia”⁷⁹. Analisando o texto no *File View*, observamos que a festa em questão é mencionada anteriormente onde a estratégia usada para “arraial” foi a de transferência. Já no caso do *Guia Unicard*, vemos a seguinte passagem em português e em inglês, respectivamente: a) “os grupos que encenam o bumba-meu-boi nos arraiais da maioria das cidades do Maranhão usam personagens para contar a história da morte e ressurreição do animal”. b) “The troupes that stage bumba-meu-boi in the various cities of Maranhão introduce many characters to tell the story of the death and resurrection of the animal”. Mesmo sendo os arraiais um símbolo importante dessas festas, o uso do termo não parece ser necessário para o entendimento da frase em inglês.

Com relação à estratégia de transferência, o primeiro dos seis casos em que ela foi empregada no *Livreto Junino* aparece logo no início do guia, onde é dado um panorama geral sobre as Festas Juninas e sobre como são comemoradas. No TF, lemos: a) “Chama-se arraial o

⁷⁹ PREFEITUTRA DE BOA VISTA (Roraima). **No ano olímpico, o maior arraial da Amazônia vai ficar ainda mais quente!** 2016. Disponível em: <<http://www.boavista.rr.gov.br/boa-vista-junina-2016/o-evento>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

espaço destinado à festa. Nesse espaço se apresentam as quadrilhas”. Porém, a tradução dessa passagem para o inglês resultou em uma informação um tanto diferente: b) “The party begins at the arraial. This is where the square dances are presented”⁸⁰. Dessa forma, além de o leitor do TM entender que “arraial” é somente o lugar onde as quadrilhas se apresentam, ele ainda terá a impressão de que a festa tem início com a apresentação da dança, o que não é uma informação adequada, já que essas apresentações geralmente acontecem no ponto alto da festa e não em seu início, principalmente naquelas em que há concursos de quadrilhas. No entanto, a consulta ao *File View* revelou que o tradutor do texto adiciona em seguida uma descrição do que consiste a decoração de um arraial, informação essa, inexistente no TF. A adição dessa informação parece ser importante para que o leitor entenda uma outra passagem onde a estratégia de transferência para “arraial” foi utilizada. Ao discorrer sobre a festa do São João do Pelourinho em Salvador, BA, o TF explica que “o aspecto cenográfico das ruas do São João no Pelourinho contribui para a formação do *clima* de arraial” (grifo nosso). A expressão grifada resultou no TM em “climate of an arraial”. Vale chamarmos a atenção aqui para a escolha do termo “climate” como equivalente de “clima” nesse contexto. “Clima” em português, além das definições relacionadas à meteorologia, pode significar tanto “impressão ou efeito emocional causados por um conjunto (ger. impreciso) de ações, palavras, aspectos, condições” – sentido empregado na expressão “clima de arraial” – como “estado de ânimo, ou influência predominante, em determinado ambiente social”. (*Dicionário Caldas Aulete*). Já em língua inglesa, uma busca feita nos dicionários *Oxford*, *Cambridge*, *Merriam-Webster* e *Macmillan* mostrou que “climate” compartilha com o termo em português apenas o sentido de “estado de ânimo, ou influência predominante, em determinado ambiente social”. As ocorrências do termo analisadas em uma busca ao COCA confirmam essa descoberta. Eis alguns exemplos: “the political climate of the era”⁸¹, “the current climate of intolerance”⁸², “climate of sociopolitical consciousness”⁸³. As obras de referência em língua inglesa consultadas mostraram que o termo “atmosphere” compartilha o mesmo sentido empregado em “clima” na expressão aqui analisada, como na definição do dicionário *Macmillan*: “the mood or feeling that exists in a place and affects the people who are there”⁸⁴. Mais uma vez, ocorrências no COCA como

⁸⁰ “A festa começa no arraial. Este é o lugar onde as quadrilhas se apresentam”.

⁸¹ “O clima político de uma era”.

⁸² “O clima atual de intolerância”.

⁸³ “Clima de consciência sociopolítica”.

⁸⁴ “Estado de espírito ou sentimento que existe em um lugar e que afeta as pessoas que ali estão”.

“festive atmosphere”⁸⁵, “carnival atmosphere”⁸⁶ e “relaxed atmosphere”⁸⁷ confirmam a definição encontrada nos dicionários, o que indica que “atmosphere” parece ser a melhor opção para a expressão empregada.

As outras quatro ocorrências da estratégia de transferência no *Livreto Junino* fazem parte de nomes de festas no Norte e Nordeste do país, como o Arraial Boa Vista Junina mencionado acima, permanecendo os nomes próprios como apresentados no TF.

Para as duas ocorrências do termo na revista *Cores e Sabores*, a estratégia utilizada foi a de equivalência cultural. Na primeira ocorrência, a frase “a cidade festejará o São João em 10 arraiais” foi traduzida como “the city shall celebrate Saint John in 10 fairs”. Com base nas quatro obras de referência em língua inglesa consultadas, o termo “fair”, além do significado de “feira”, como em “feira de negócios”, “feira de artesanatos” e “feira/exposição agrícola/agropecuária”, também se refere aos nossos chamados “parques de diversões itinerantes” que, embora raros, ainda marcam presença em algumas cidades brasileiras. Essa informação é confirmada por meio de uma busca do termo no *Google Images*. Ao digitarmos “fairs” na ferramenta, são exibidas fotos de parques de diversões com barracas de jogos e de comidas e brinquedos como rodas-gigantes, tobogãs, barcos-pirata, dentre outros. Pode ter sido essa acepção de “fairs” que levou o tradutor a escolher o termo para a tradução de “arraiais”, afinal, a presença de barracas de comida e jogos como os de argola e tiro ao alvo aproximam um arraial de um parque de diversões. Porém, o uso de “fairs” aqui pode passar para o leitor a ideia de que, ao chegar em um arraial, ele encontrará os mesmos brinquedos existentes nos parques de diversões, o que pode frustrar sua expectativa, pois nem mesmo os grandes arraiais dispõem de brinquedos do tipo. Por outro lado, o leitor desse guia que não simpatize com as “fairs” em sua cultura pode, imaginando serem parques de diversões, não se sentir motivado a visitar os arraiais que estão sendo divulgados, o que resulta em um efeito oposto ao objetivo de atrair o leitor para o local divulgado.

Na segunda ocorrência de “arraial” na revista *Cores e Sabores*, o termo faz parte do nome da maior Festa Junina de Belo Horizonte, o Arraial de Belô. Aqui o termo também foi traduzido por “fair”, resultando em “Belô Fair”. Porém, a tradução do nome da festa pode ir contra o objetivo de atrair o turista para o evento promovido. Um estrangeiro que chegue em Belo Horizonte avisando ao seu *conciierge* que gostaria de ir à “Belô Fair” corre o risco de não chegar ao lugar desejado.

⁸⁵ “Atmosfera festiva”.

⁸⁶ “Atmosfera carnavalesca”.

⁸⁷ “Atmosfera descontraída”.

3.23.1 “Arraial/arraiais” nos guias estrangeiros

Esquema 46 – “Arraial/arraiais” nos guias estrangeiros

Com relação ao nosso *subcorpus* comparável em inglês, identificamos duas menções aos arraiais, ambas no guia *Eyewitness*. A primeira ocorrência está em uma passagem sobre Campina Grande que informa que o Arraial Hilton Motta é réplica de uma cidade pequena do interior: “(...) the Arraial Hilton Motta is a replica of a small interior town”. E a segunda ocorrência informa que as Festas Juninas acontecem em um “arraiá” e explica que trata de uma imitação de vilas rurais antigas: “The festivities take place at the *arraia* (imitations of old country villas)”.

3.23.2 Exemplo de verbete

Nosso verbete especificará que os arraiais são os cenários onde as Festas Juninas acontecem. No campo “Also known as” traremos a variação do termo presente no *Eyewitness*: “arraia”.

3.23.2.1 Modelo de verbete de “arraial”

arraial

Masculine noun Pl: arraiais

The scenery for the *Festas Juninas/Festas de São João* which is a reproduction of Brazilian rural villages. An arraial is usually adorned with flag party streamers and paper balloons. It features game and Brazilian typical food stalls as well bonfires.

Also known as: arraiaá

See also: *quadrilha, quentão, pé de moleque*

Credit: planalto.gov.br

An *arraial* in the northeast of Brazil

Credit: flick/Wikimedia Commons

A food stall at an *arraial*

The overview of an *arraial*

<https://www.youtube.com/watch?v=CIohyGfIiww>

3.24 Análise de “forró”

Esquema 47 – Estratégias para “forró”

A palavra “forró” apresenta duas acepções nos dicionários de língua portuguesa *Caldas Aulete*, *Priberam* e *Michaelis*. A primeira diz tratar-se de festa popular brasileira com origem no Nordeste, na qual há dança em pares. A segunda define o termo como a música tocada em festas populares no Nordeste, que abarca subgêneros, como o xote e o baião. Mas os textos presentes no *corpus* tratam o forró também como uma dança em si, realizada em pares.

Temos 52 ocorrências do termo em nosso *corpus*, sendo 17 no *Guia Unicard*, 15 no *Guia de Cidades*, 13 no *Livreto Junino*, cinco no *Blog Embratur* e duas na revista *Coors e*

Sabores. A estratégia mais empregada pelos tradutores foi a de transferência, totalizando 43 ocorrências.

No *Livreto Junino*, a transferência foi aplicada em todas as vezes em que o termo ocorreu no material. Na introdução do TF, é oferecida uma informação sobre o forró, dizendo tratar-se de um ritmo brasileiro dançado a dois, informação esta que foi repetida no TM, possibilitando a utilização dessa estratégia sem a necessidade de adição de informação e sem perda de sentido para o leitor do TM.

No caso da revista *Cores e Sabores*, nas duas ocorrências do termo foi utilizada a estratégia de transferência. Uma ocorrência está no nome “Vila do Forró”, cidade cenográfica onde aconteciam as Festas de São João em Caruaru, até janeiro de 2011, quando a estrutura foi demolida para dar lugar a um espaço de lazer e práticas esportivas⁸⁸. Aqui, a revista, que foi publicada em 2013, informa ao leitor que os festejos de São João do ano em questão acontecerão na Vila do Forró e oferece detalhes sobre a arquitetura da cidade cenográfica, encorajando o turista a visitá-la. No entanto, a cidade havia sido demolida dois anos antes; e a informação equivocada foi repetida no TM. A outra ocorrência do termo na revista *Cores e Sabores* está em uma passagem sobre as Festas Juninas, na qual é informado que, além de comidas típicas, o turista encontrará “costumes como o forró, o boi-bumbá e a quadrilha”. No TM, lemos: “customs such as forró, boi-bumbá and country dancing”⁸⁹. Sendo “customs” (costumes) um termo generalizador para as práticas comuns ou tradicionais de uma comunidade em particular, não fica claro na passagem se forró – e boi-bumbá – se referem a danças, a músicas, a brincadeiras ou a qualquer outra manifestação popular.

Com relação ao *Guia de Cidades*, para todas as 12 ocorrências da estratégia de transferência, já havia no contexto alguma informação sobre “forró”. Essas informações faziam parte do TF e foram repetidas no TM.

O mesmo acontece com quatro ocorrências do termo no *Blog Embratur*, nas quais a estratégia de transferência foi empregada. Porém, numa passagem curta sobre as Festas Juninas, em duas das três ocorrências de “forró”, há duas explicações diferentes para o termo. Uma diz tratar-se de dança popular de origem nordestina e, poucas linhas adiante, aparece outra explicação, segundo a qual “forró” é um estilo musical que se dança a dois. A primeira está inserida em um parágrafo que comenta as Festas Juninas em geral e a segunda, em uma frase que menciona os *shows* de forró em Caruaru. Assim, no TF lemos que as Festas Juninas são a)

⁸⁸ G1 CARUARU (Caruaru). G1. **Espaço de lazer será construído no local da Vila do Forró após São João**. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

⁸⁹ Vide análise de “boi-bumbá” e “quadrilha”, seções 3.1 e 3.25 respectivamente.

“regadas a comida típica, forró (dança popular de origem nordestina) e muito folclore”; a mesma explicação é oferecida no TM, que comenta ser possível encontrar nessas festas: b) “typical food, forró (popular dance originated in the Northeastern) and lots of folklore”.

Poucas linhas adiante, o *Blog* fala que em Campina Grande o turista pode conferir a) “shows de forró (um estilo musical brasileiro que se dança a dois)”; enquanto no TM lemos: b) “concerts of forró (a Brazilian style of music to dance as a couple)”. O que nos chama a atenção aqui é a má qualidade – já comentada por Kelly (1997) – da redação de textos turísticos. O termo, que já havia sido definido em linhas gerais como dança, é definido novamente poucas linhas adiante como estilo musical, como se estivesse sendo mencionado pela primeira vez, deixando o texto ambíguo. Referimo-nos aqui a um texto de apenas 36 linhas. Essa negligência para com o texto, como vimos acima, foi repetida no TM. Uma vez que se trata de texto que estará disponível para atrair turistas estrangeiros para o Brasil – texto este publicado no *site* do Governo Brasileiro –, acreditamos que seria importante uma intervenção por parte do tradutor no sentido de melhorar a qualidade dele para a publicação. Segundo Sirriyya (2016), editar informações equivocadas ou melhorar a qualidade do TM, informando o autor do TF sobre as mudanças e sugerir, se possível, a correção ou melhoria da informação fornecida no TF, é um ato de lealdade para com seu autor, para com aquele que encomendou a tradução e para com os leitores desses textos. De acordo com a autora, a edição de um equívoco evidente por parte do tradutor revela a sua competência.

Ainda sobre a estratégia de transferência aplicada a “forró”, ela ocorre em 12 momentos no *Guia Unicard*, e, assim como no *Guia de Cidades*, o TF já trazia no contexto algumas informações sobre o termo, as quais foram repetidas no TM.

A combinação das estratégias de transferência com a de adição de informação está presente em sete momentos, sendo um no *Blog Embratur*, dois no *Guia de Cidades* e quatro no *Guia Unicard*. Ao discorrer sobre Campina Grande, o TM do *Blog Embratur* explica que o forró é uma “local dance”⁹⁰, transmitindo equivocadamente a ideia de ser uma dança que pertence somente a essa cidade. Já o *Guia de Cidades* – ao discorrer sobre o forró como ritmo musical – emprega “Brazilian folk music”⁹¹ como explicação para o termo. Ao mencionar o forró como dança, o guia usa “country dance”, o que não é uma informação precisa, uma vez que uma *country dance* difere muito do forró (vide análise de quadrilha, seção 3.25, para explicação de “country dance”). Já o *Guia Unicard*, adiciona “music like” antes do termo em português ao se referir ao forró como estilo musical e acrescenta “dance” e “dancing” para

⁹⁰ “Dança local”.

⁹¹ “Música folclórica brasileira”.

mencionar a dança. Ao dissertar sobre os bailes de forró em Ilha Grande (RJ), o guia adiciona uma explicação sobre a origem nordestina do ritmo: “Forró is a typical rhythm from Northeastern Brazil”.

A omissão foi utilizada apenas uma vez e está presente no *Guia Unicard* em uma passagem sobre Campina Grande. No TF lemos que o São João de Campina Grande atrai a) “um milhão de pessoas que dançam ao som do forró”; já o TM foca na quantidade de público, mas suprime a dança: b) “the event draws up to a million people”.

Neste estudo das estratégias de tradução aplicadas a “forró”, observamos mais uma estratégia que não consta da lista de Marco (2002): a adição de um qualificador, que está combinada com a estratégia de transferência, presente no *Guia de Cidades*, resultando em “the famous forró”⁹². A passagem, que fala sobre Caruaru, diz que a cidade é a “capital do forró”. No TM, lemos que Caruaru “is the capital of the famous forró”. Possivelmente o adjetivo foi inserido para indicar ao leitor que o “forró” é uma manifestação cultural que goza de fama em nossa cultura e, por ser famosa, dispensa apresentações. O tradutor, aqui, deixa ao leitor a incumbência de pesquisar sobre o termo, caso ignore seu significado.

Esclarecemos que, apesar de “famous” ser a adição de uma informação que não existia no TF, essa solução não deve ser considerada uma estratégia de adição de informação, já que, de acordo com a lista de Marco (2002), a adição consiste na inserção de uma informação que ajude o leitor a compreender o significado do referente cultural mencionado (vide seção 1.2.1.1 para exemplos).

3.24.1 “Forró” nos guias estrangeiros

Esquema 48 – “Forró” nos guias estrangeiros

⁹² “O famoso forró”.

Temos 150 ocorrências do termo no *corpus* composto pelos guias estrangeiros, sendo 34 no *Eyewitness*, 73 no *Lonely Planet* e 43 no *Rough Guides*. Na maior parte das ocorrências, o termo é transferido para o texto com explicações sobre o forró como música, dança e festa. Em outros – poucos – casos, “forró” vem acompanhado por “dance”, “dancing” e “music”, como pode ser visto no esquema acima.

Tanto o *Eyewitness* como o *Lonely Planet* discorrem sobre o forró, explicando sua origem no Nordeste e elencando os vários ritmos que engloba, como o forró-pé-de serra e o baião. O *Lonely Planet* explica que todos os ritmos do forró são rápidos (“fast-paced”), o que não é uma informação precisa, já que o xote tem um andamento mais lento. É interessante notarmos, no entanto, que, quando o guia menciona o *xote* em uma outra passagem, explica acertadamente que, dos ritmos que compõem o forró, o xote é o mais lento (vide análise de “xote”, seção 3.26). O *Lonely Planet* é o único material que menciona os instrumentos tradicionais desse gênero musical: a zabumba, a sanfona e o triângulo. O *Rough Guides* também discorre sobre os subgêneros do forró, mas não padroniza a informação sobre sua origem: ora

afirma que esse ritmo tem origem em Itaúnas (ES), ora afirma ter origem em Natal (RN) e, em algumas passagens, comenta em linhas gerais que se trata de ritmo e dança nordestinos.

Todos os guias mencionam Luís Gonzaga como “*forró* musician” (grifo no original).

3.24.2 Exemplo de verbete

Em nosso exemplo de verbete, destacaremos as três acepções do termo: a festa, o ritmo e a dança. Os subgêneros que o *forró* engloba serão elencados e apontaremos suas diferenças de andamento, os instrumentos tradicionalmente utilizados, como elencado pelo *Lonely Planet*, e sua origem no Nordeste do Brasil. Também será dado destaque a Luiz Gonzaga no campo “foto”, usando na legenda a definição empregada pelos guias estrangeiros, como visto acima.

3.24.2.1 Modelo de verbete de “forró”

forró

Masculine noun Pl: forrós

1 – a genre of music originated in northeastern Brazil that encompasses subgenres such as *xote*, *baião*, *chamego* and *arrasta-pé*, which range from a slower to a faster tempo. Traditionally, it involves only three instruments: a bass drum called *zabumba*, a triangle and an accordion.

2 – a dance style that emerged in northeastern Brazil with the music genre. It is performed in pairs, ranging from a slow side shuffle to a complex rhythm of fast footwork, swings and jumps.

3 – A party where *forró* music is played.

See also: *xaxado*, *frevo*

Credit: Juciane Dubiel

Couples dancing *forró*

Credit: <http://musica.culturamix.com/>

Luiz Gonzaga (1912 -1989). A famous *forró* musician also known as *Rei do Baião* (The King of Baião)

Credit: gl.globo.com

The instruments played by a *forró* trio are the *zabumba*, the accordion and the triangle

You Tube A couple dancing *forró*

<https://www.youtube.com/watch?v=zeeku5fmpKQ>

3.25 Análise de “quadrilha”

Esquema 49 – Estratégias para “quadrilha(s)”

A definição de “quadrilha” que interessa para esta análise é, de acordo com o *Dicionário Caldas Aulete*, a de “dança executada por vários pares, muito comum nas Festas Juninas”. A dança, nascida nos salões da aristocracia francesa no século XVIII, foi introduzida nos salões da Corte brasileira no século XIX, migrando para as festas das classes populares, principalmente nas áreas rurais e fundindo-se com manifestações brasileiras já existentes (GIFFONI, 1973). Assim, as quadrilhas das Festas Juninas geralmente representam o baile de um casamento que se realizou na roça, do qual participam vários casais vestindo trajes caipiras.

A dança, embalada por instrumentos como sanfona, triângulo e zabumba, conta com um marcador que conduz os participantes com comandos como “olha a chuva” e “olha a cobra”, além daqueles naturalizados do francês como “balancê” (*balancer*) e “anarriê” (*en arrière*). Já as quadrilhas que participam dos grandes concursos realizados no Nordeste, como o Festival de Quadrilhas Juninas do Nordeste, incorporam traços da cultura nordestina ao figurino, às letras das músicas e coreografias.

A explicação acima sobre a tipicidade dessa dança no Brasil faz-se necessária para a classificação de “square dance”, “quadrille” e “country dancing” como estratégia de equivalência cultural. O parágrafo a seguir discorre sobre esses três termos.

A “quadrille”, segundo o dicionário *Merriam-Webster*, é uma modalidade de dança com a mesma raiz da quadrilha brasileira, que também migrou para as classes populares na Inglaterra, mas que mantém, como o termo sugere, o princípio de se dividir o número de participantes em quatro casais que dançam entre si, diferentemente da quadrilha junina. De acordo com o mesmo dicionário, a “quadrille” originou a “square dance” americana, que, assim, como a quadrilha brasileira, tem um chamador que grita comandos que conduzem os dançarinos, mas que, como a “quadrille”, também respeita a quantidade de quatro casais dançando entre si. Vídeos do YouTube com o título de “quadrille” mostram os dançarinos trajando roupas do século XIX em cenários como os dos salões da aristocracia europeia ao passo que vídeos com o título de “square dance” mostram os dançarinos em um ambiente com uma temática rural que também se faz presente nas roupas dos participantes, aproximando-se da quadrilha brasileira. Já “country-dancing”, ainda segundo o *Merriam-Webster*, é também uma variação da “quadrille” similar à “square dancing” por ter temática rural e contar com a figura do chamador. No entanto, uma busca pelo termo no YouTube resultou em poucos vídeos onde “country-dancing” tinha essa acepção, sendo geralmente precedido pelo qualificador “old time” (“old time country dancing”). A maioria dos resultados obtidos ao procurarmos o termo mostrou a chamada “country-western line dancing”, dança americana com origem nos anos 70, executada em fila e sem par, com batidas de botas no chão.

Das dezenove ocorrências de “quadrilha(s)” no *Livreto Junino*, dezessete têm a equivalência cultural como estratégia. Para essa estratégia, a tradução escolhida foi sempre a de “square dance”, parecendo haver uma preocupação com a padronização da tradução para todo o material. O emprego dessa estratégia resulta na perda das características culturais do termo utilizado no original. No entanto, nesse caso, a introdução do guia – tanto no TF como no TM – informa o leitor sobre as características da quadrilha brasileira (tom cômico e casamento na roça), o que ajuda a revelar no TM a tipicidade da dança no Brasil. Uma breve

explicação sobre a dança também está presente na primeira das duas ocorrências de “square dance” no *Blog da Embratur* no texto sobre Festas Juninas. Essa explicação consta também do TF.

A revista *Cores e Sabores* opta por “country dancing” e “country dance” para a tradução de cinco das seis ocorrências de “quadrilha”. As peculiaridades da quadrilha junina já são informadas no próprio TF e traduzidas para o TM.

A sexta ocorrência de “quadrilha” em *Cores e Sabores* tem a transferência como estratégia. Recorrendo ao arquivo em PDF da revista, observamos que essa estratégia foi empregada na legenda da única foto da dança no material, onde lemos: “Quadrilha Asa Branca”. A foto poderia ter sido um recurso a mais para ilustrar as características de uma quadrilha brasileira, não fosse a opção por manter o termo em português no lugar de seguir o padrão adotado para as outras traduções de “quadrilha” na revista (“country dance” e “country dancing”).

O *Guia de Cidades* também lança mão da equivalência cultural em três das cinco ocorrências do termo, resultando em “quadrille dances”, “quadrille” e “square dance”. “Quadrille dances” e “quadrille” estão no corpo de uma passagem que discorre sobre os diversos aspectos de uma Festa Junina, enquanto “square dance” consta da legenda de uma foto que traz um grupo apresentando a dança em uma festa no Nordeste. Essa discrepância entre o termo usado na legenda da imagem e o usado no texto – o que pode indicar a presença de mais de um tradutor do guia – pode confundir o leitor que ignora as semelhanças e as diferenças existentes entre a “square dance” e a “quadrille” e que, ao ler o texto, pode achar que se referem a danças diferentes. Dessa forma, podemos concluir que, no caso de traduções de guias turísticos, a padronização do uso de determinados termos para um mesmo material poderia evitar possíveis mal-entendidos.

Por fim, o último material a usar a estratégia de referência cultural para “quadrilhas” é o *Guia Unicard*, que traduz o termo como “square dance”.

Com relação à estratégia de transferência, o *Livreto Junino* a emprega no nome do evento “Festival de Quadrilha de Natal”. Porém, essa é a primeira vez em que o termo em português ocorre no TM. A passagem explica o que o leitor encontrará quando chegar ao local e menciona os “square dance groups” que se apresentam noite adentro, mas não liga a “quadrilha” no nome do evento à “square dance”, referente cultural que, como visto acima, foi utilizado como tradução de 17 das 19 ocorrências de “quadrilha(s)” no material. Diferentemente do que acontece mais à frente, como revelado pela visualização do texto integral, quando há o uso combinado da estratégia de transferência com a de adição de informação para o nome de

um concurso de quadrilhas em Sergipe. Nesse caso, lemos no TF: a) “Concurso de Quadrilhas da Rua São João”. E no TM: b) “Concurso de Quadrilhas da Rua São João (square dance contest of São João Street)”. Sobre essa estratégia combinada (transferência com adição de informação), temos mais três ocorrências no *corpus*, duas presentes em textos do *Blog Embratur* sobre Sergipe e Campina Grande, informando em ambos os casos que as quadrilhas são “local dances”⁹³, e uma no guia *Partiu Brasil*, que explica que as quadrilhas são “dance routines”⁹⁴.

As duas estratégias de neutralização usadas isoladamente para “quadrilha” foram encontradas no *Guia de Cidades*, onde houve a opção pelo hiperônimo “dancing”⁹⁵.

3.25.1 “Quadrilha(s)” nos guias estrangeiros

Esquema 50 – “Quadrilha(s)” nos guias estrangeiros

Analisando o *subcorpus* comparável em inglês, identificamos que é feita menção às quadrilhas somente no *Eyewitness* e no *Lonely Planet*. Na única ocorrência do termo no *Eyewitness*, o guia afirma que: “partiers perform square dances to the sounds of forró”⁹⁶.

O *Lonely Planet* faz menção às quadrilhas em duas passagens diferentes: quando comenta as Festas Juninas de maneira geral e quando explica sobre uma festa de São João em

⁹³ “Danças locais”.

⁹⁴ “Coreografias”.

⁹⁵ “Dança”.

⁹⁶ “Participantes dançam *square dances* ao som do forró”.

Sergipe. No primeiro caso, o guia as trata como “folk dancing”⁹⁷. Já quando faz menção à Festa de São João de Sergipe, o guia informa que as quadrilhas são um tipo de “square dancing”: “The Festa de São João includes *quadrilha* (a type of square dancing) presentations”⁹⁸.

3.25.2 Exemplo de verbete

Nosso exemplo de verbete trará detalhes sobre a origem da dança e será feita uma correspondência entre a “quadrilha” brasileira e a “square dance” americana.

Serão fornecidos os detalhes que fazem da nossa quadrilha uma dança tipicamente brasileira, como a encenação de um casamento, a figura do chamador e seus comandos peculiares e os instrumentos que a acompanham. Esses detalhes serão retirados das informações encontradas do próprio *corpus*.

⁹⁷ “Dança folclórica”

⁹⁸ “A Festa de São João contempla apresentações de quadrilha”.

3.25.2.1 Modelo de verbete de “quadrilha”

quadrilha

Feminine noun Pl: **quadrilhas**

Similar to the English country dance and the American square dance, the *quadrilha* has its origin in the French *quadrille*, initially performed in aristocratic ballrooms, and later popularized. The dance is a vital component of the festivals held in June in Brazil known as *Festas Juninas/Festas de São João* and has a country wedding as backdrop. The participants wear vintage rural clothing and are led by a caller who tells the dancers what to do providing cues such as “olha a cobra” (watch out for the snake) as well as commands borrowed from French words as in “balancê” (*balancer*) and “anarriê” (*en arrière*). Typical instruments that accompany these dances include the triangle, the double-headed bass drum (*zabumba*) and the accordion. Every year, *quadrilha* dance competitions are held all around the country.

Where: All over Brazil

When: Usually during the *Festas Juninas/Festas de São João*

Credit: planalto.gov.br

Children getting ready to dance the *quadrilha*.

Credit: Douglas Souza

The Wedding performance at a *quadrilha* dance competition.

Children dancing the *quadrilha*

You Tube https://www.youtube.com/watch?v=yih8s-APt_0
A quadrilha performance in the northeast of Brazil
<https://www.youtube.com/watch?v=H2E-HBEPAX8>

3.26 Análise de “xote”

Esquema 51 – Estratégias para “xote”

O termo “xote”, nesta pesquisa, designa tanto o ritmo nascido no Nordeste derivado do *forró*, quanto a dança executada ao som desse ritmo.

Como se vê no esquema acima, “xote” está presente em apenas duas fontes em todo o *corpus*, com cinco ocorrências no total, das quais quatro estão no *Guia de Cidades*. A estratégia de tradução preferida no guia foi a de transferência (três ocorrências). Duas delas estão em uma passagem sobre Luiz Gonzaga, em que são fornecidos detalhes (já presentes no TF) sobre a origem da dança. A outra ocorrência da estratégia de transferência está em uma passagem anterior sobre as Festas Juninas. No TF, o texto diz que, nessas festas, turistas e moradores dançam a) “forró, quadrilha, xote e xaxado”. No TM lemos: b) “tourists and residents dance forró, quadrille, xote and xaxado”. Já vimos anteriormente sobre o uso da estratégia de equivalente cultural para “quadrilha”, única dança vertida para o inglês na frase. Em seu artigo sobre as dificuldades de tradução de textos turísticos, Kelly (1997) fala sobre o excesso de informação oferecida ao turista estrangeiro em um folheto de viagem sobre Alpujarra, Espanha. No exemplo da autora, o tradutor elenca as danças típicas dessa região mantendo os nomes em espanhol, traduzindo somente um termo, como também acontece no texto do *Guia de Cidades*. Segundo Kelly (1997), o leitor estrangeiro pode ficar confuso ao ler uma lista de palavras incompreensíveis para ele. Não havendo espaço para a adição de informação, explicando tratar-se de danças típicas da região, a autora acredita que a substituição desses termos por uma neutralização (“local dances”) poderia facilitar a leitura do turista estrangeiro, passando a informação necessária sem quebrar a fluidez do texto. Uma das propostas de Kelly é observada na última ocorrência de “xote” no *Guia de Cidades* e na única ocorrência do termo no *Guia Unicard*, onde temos a combinação da estratégia de transferência com a de adição de informação, tendo o tradutor do primeiro optado por “regional dances” e, o do segundo, por

“folk dances” para a explicação não apenas de “xote”, mas dos demais termos relacionados às danças típicas das Festas Juninas no Nordeste.

3.26.1 “Xote” nos guias estrangeiros

Esquema 52 - “Xote” nos guias estrangeiros

O único guia estrangeiro a trazer o termo é o *Lonely Planet*, que explica acertadamente em uma passagem sobre músicas e danças do Brasil tratar-se de um subgênero mais lento do forró, ritmo também nascido no Nordeste. Essa informação já havia sido por nós comprovada em livros especializados em danças brasileiras.

3.26.2 Exemplo de verbete

Nosso exemplo de verbete trará as acepções de “xote” como música e como dança e se baseará no vocabulário usado pelo *Lonely Planet* para sua definição.

3.26.2.1 Modelo de verbete de “xote”

xote

Masculine noun

1 – A music subgenre of *forró* played at a slow pace, originated in northeastern Brazil.

2 – The dance to this music.

See *forró* for the instruments that accompany this dance.

See also: *xaxado*

Credit: Natalia Bezerra

A couple in a *xote* contest

A couple dancing *xote*

<https://www.youtube.com/watch?v=Rn-vECp793Y>

3.27 Análise de “xaxado”

Esquema 53 – Estratégias para “xaxado”

O xaxado é uma dança e um ritmo com origem em Pernambuco difundidos em todo o Nordeste pelos cangaceiros caracterizados por batidas de pés no chão.

Existem apenas seis ocorrências de “xaxado” em nosso *corpus*, das quais quatro foram transferidas em português para o TM. Em todos esses quatro casos existe alguma explicação rápida sobre a dança, afirmando tratar-se de dança típica do Nordeste brasileiro. O *Guia Unicard* é o único material que não traz nenhuma explicação no TF sobre a dança. Dessa forma, o tradutor optou por lançar mão da estratégia de adição de informação em conjunto com a transferência do termo em português para o TM. O termo aparece pela primeira vez em uma passagem que fala de Luís Gonzaga, dizendo que o músico é a) “o rei do baião, do xote e do xaxado”. No TM, lemos que, além do baião, Luiz Gonzaga: b) “also played *xote* and *xaxado* (folk dances)” (grifo do tradutor). Porém, nessa acepção, o termo se refere à música, não à dança. O fato de a passagem ser sobre Luís Gonzaga, que era músico e não dançarino, e a utilização do verbo “play”, especificando que Gonzaga *tocava* esses ritmos, nos mostra que, possivelmente, uma melhor explicação para “xaxado”, nessa passagem, seria “folk music”, ao invés de “folk dance”. Já em uma passagem sobre o sertão, a adição de explicação está incorporada na frase. No TF temos: a) “Lá nasceu o forró o e xaxado”. E, no TM: b) “It is the birthplace of music like *forró* and *xaxado*” (grifo do tradutor). Aqui, como podemos ver, o termo também se refere ao ritmo, e não à dança.

3.27.1 “Xaxado” nos guias estrangeiro

Não existe qualquer menção à dança nos guias estrangeiros.

3.27.2 Exemplo de verbete

Não há grandes explicações no TF sobre a dança. Dessa forma, foi necessário recorrer a materiais de referência para elaborarmos a definição do nosso verbete, como o *Dicionário do Folclore Brasileiro* e os dicionários *Michaelis* e *Caldas Aulete*. No verbete, explicaremos tratar-se de uma dança disseminada pelos cangaceiros no Nordeste do Brasil e da música que a acompanha.

3.27.2.1 Modelo de verbete de “xaxado”

xaxado

Masculine noun

1 – A type of dance originated in the backlands of the northeastern state of Pernambuco, disseminated through the Brazilian northeast by *cangaceiros* (armed outlaws who reacted against the domination of the government and land owners). The dance is characterized by the beating and gliding of the feet on the ground.

2 – The music that accompanies this dance.

See *forró* for the instruments that accompany this dance.

See also: *frevo*, *xote*

Credit: recreiobrasil.com

A *xaxado* dance group

A *Xaxado* performance

<https://www.youtube.com/watch?v=XPumcRRTvzI>

3.28 Análise de “Quentão”

Esquema 54 – Estratégias para “quentão”

Das sete ocorrências de “quentão” no *corpus* – todas elas em passagens sobre as Festas Juninas – seis tiveram o termo transferido em português para o TM, sendo três ocorrências na revista *Cores e Sabores* e três no *Blog Embratur*.

Na revista *Cores e Sabores*, o termo aparece no início de uma receita da bebida, onde é explicado no TF que “quentão é uma palavra *de origem* caipira” (grifo nosso). No TM lemos: “quentão [is] a word *original from* the rural areas” (grifo nosso). Uma pesquisa nos dicionários *Cambridge*, *Oxford* e *Macmillan* mostram que o termo “original” têm as seguintes acepções: como adjetivo: a) aquilo que existe desde o princípio (“the car’s original owner”), b) interessante e diferente (“an original wedding present”) e c) aquilo que não é cópia (“an original painting”); e como substantivo: a) coisa de que se tiram cópias (“make photocopies and send the originals to me”) e b) obra de arte feita pelo artista (“Is this Picasso an original?”). Em uma pesquisa feita no COCA, observamos que a palavra em inglês que melhor se adequa ao sentido de “ter origem” é o particípio passado do verbo “originate”: “originated”. Além disso, vimos que, quando dito que algo teve origem em algum lugar, a preposição usada foi “in” e não “from”, como nos exemplos que se seguem: “a word originated in Los Angeles”, “a case that originated in Hawaii” e “40 percent of imports originated in the United States”. Dessa forma, o verbo “originate” seria a melhor escolha para o sentido de “ter origem” na frase analisada. A segunda ocorrência da estratégia de transferência para o termo analisado está na passagem em que se explica como o quentão é feito e, a terceira, na legenda de uma foto. No *Blog Embratur*, onde a solução para as três vezes em que o termo apareceu no TF também foi a de transferência, temos a seguinte frase no TM: a) “(...) quentão, which in Bahia is made with clove and *rum*.” (grifo nosso), enquanto no TF lemos: b) “(...) quentão, que na Bahia é feito com cravo e *cachaça*.” (grifo nosso). “Rum” foi usado aqui como tradução de “cachaça”. Porém, em uma

outra passagem, são mencionadas as comidas e bebidas típicas das Festas Juninas e é explicado que a bebida alcoólica usada no quentão é a cachaça. Apesar de tanto o rum como a cachaça serem destilados que têm a cana-de-açúcar como matéria-prima, a sua produção, propriedades sensoriais e origens são diferentes⁹⁹. Traduzir “cachaça” como “rum” numa explicação sobre como se faz quentão na Bahia é, para retomar Nord (vide seção 1.2), enganar o leitor do TM. Afinal, ao ler as duas passagens sobre o quentão no TM, o leitor terá a informação de que a bebida típica das *Festas Juninas* é feita com cachaça, mas que, na Bahia, é feita com rum. Além disso, perde-se o caráter de brasilidade do quentão, que é realmente feito com cachaça, aguardente de cana produzida exclusivamente no Brasil.¹⁰⁰

O *Guia de Cidades* é o único material que traz a equivalência cultural como estratégia para a tradução de “quentão”, resultando em “punch”, bebida de origem indiana introduzida no Reino Unido por volta do século XVII¹⁰¹. Ao pesquisarmos o termo nos dicionários *Cambridge*, *Oxford* e *Macmillan*, vemos que “punch” contém sucos e pedaços de frutas, podendo ser servido tanto quente como frio, com ou sem bebida alcoólica. Definição similar à da palavra “ponche” quando pesquisada nos dicionários de língua portuguesa *Priberam*, *Caldas Aulete* e *Michaelis*. O interessante aqui é que a passagem elenca os pratos típicos brasileiros (“traditional dishes”) servidos nas Festas Juninas, e a escolha de “punch” como tradução de “quentão” resultou na perda da tipicidade da bebida.

3.28.1 “Quentão” nos guias estrangeiros

Não houve qualquer menção ao quentão ou a outras receitas tipicamente presentes nas Festas Juninas nos guias escritos originalmente em inglês.

3.28.2 Exemplo de verbete

⁹⁹ MAPA DA CACHAÇA. *As Diferenças entre Rum e Cachaça*. 2013. Disponível em: <<http://www.mapadacachaca.com.br>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

¹⁰⁰ BRASÍLIA. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Decreto 6871/2009, art. 53**. 2009. Regulamenta a Lei no 8.918, de 14 de julho de 1994, que dispõe sobre a padronização, a classificação, o registro, a inspeção, a produção e a fiscalização de bebidas. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

¹⁰¹ FRECHETTE, Chloe. **How Well Do You Know the Flowing Bowl?** 2016. Disponível em: <<http://punchdrink.com/>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

Para o nosso exemplo de verbete, consideramos as definições do termo presentes nos dicionários de língua portuguesa acima mencionados e no *Dicionário do Folclore Brasileiro*, tendo o cuidado de ressaltar a cachaça como ingrediente importante da bebida.

3.28.2.1 Modelo de verbete de “quentão”

quentão

Masculine noun Pl: quentões

A hot alcoholic drink made from cachaça (sugar cane spirit exclusively produced in Brazil) mixed with ginger, cinnamon, cloves and sugar, usually served during the *Festas Juninas/Festas de São João*.

See also: *pé de moleque*

Credit: comidaereceitas.com.br

Quentão

A quentão recipe

<https://www.youtube.com/watch?v=KiTDbugghXw>

3.29 Análise de “pé de moleque”

Esquema 55 – Estratégias para “pé de moleque”

Segundo o *Dicionário do Folclore Brasileiro* e os dicionários de língua portuguesa *Caldas Aulete* e *Priberam*, o pé de moleque é um doce sólido feito de açúcar ou rapadura e amendoim torrado.

Como podemos ver no esquema acima, o termo está presente em apenas dois materiais, com duas ocorrências em cada um.

A estratégia usada pelo tradutor no *Blog Embratur* em uma passagem sobre as comidas típicas das Festas Juninas foi a de equivalência cultural para as duas ocorrências do termo, resultando em “peanut brittle”. Entendemos o uso desse termo como equivalência cultural uma vez que a rapadura não figura na lista de ingredientes do doce estrangeiro. Além disso, as receitas de “peanut brittle” pesquisadas elencam ingredientes como xarope de milho e baunilha, os quais não entram na lista de ingredientes do nosso pé de moleque.

Já no *Guia de Cidades* temos o emprego de duas estratégias para o termo. A primeira delas é a combinação de transferência com adição de informação, resultando em “pé de moleque (a sweet made from nuts)”. O uso de “nuts”, porém, dá uma abrangência maior para o principal ingrediente do pé de moleque, que é especificamente o amendoim.

A outra estratégia utilizada pelo *Guia de Cidades* foi a de transferência e está em uma passagem que discorre sobre a culinária das Festas Juninas. Aqui, já temos uma explicação sobre os ingredientes do doce, que podem variar dependendo da região do país onde é feito. No TF lemos: a) “O doce é feito de maneiras diferentes em cada região do país”. Enquanto no TM, temos: b) “The candy is made in many different ways in each corner of the country”.

3.29.1 “Pé de moleque” nos guias estrangeiros

Não há nenhuma referência a “pé de moleque” nos guias estrangeiros.

3.29.2 Exemplo de verbete

No nosso exemplo de verbete especificaremos os ingredientes do pé de moleque com uma breve explicação sobre a rapadura.

3.29.2.1 Modelo de verbete de “pé de moleque”

pé de moleque

Masculine locution Pl: pés de moleque

A hard sweet made from caramelized sugar or rapadura (unrefined cane sugar cast in molds) and roasted peanuts, commonly served during *Festas Juninas/Festas de São João*.

See also: *quentão*

Credit: tudogostoso.com

Pé de moleque

A pé de moleque recipe

<https://www.youtube.com/watch?v=3sfZoPV4L10>

3.30 Análise de “Procissão do Fogaréu”

Esquema 56 – Estratégias para “Procissão do Fogaréu”

A Procissão do Fogaréu é uma tradição católica que ocorre em várias cidades brasileiras durante a Semana Santa, geralmente na madrugada da quarta para a quinta-feira. A procissão encena a perseguição a Jesus pelos soldados romanos, antes de ser preso e crucificado. Esses soldados, chamados aqui de “farricocos”, são homens encapuzados, descalços, que trajam túnicas longas e portam tochas acesas. A procissão geralmente é encerrada com uma missa que acontece depois da encenação da prisão de Jesus. Apesar de se realizar em todo país, é na Cidade de Goiás, também conhecida como Goiás Velho (GO), onde acontece desde 1745, que essa manifestação popular é mais expressiva, atraindo milhares de fiéis todos os anos. Em 2001, o centro histórico da cidade recebeu da UNESCO o título de Patrimônio Histórico da Humanidade¹⁰². Desde então, o fluxo de turistas que chega à cidade para a Procissão do Fogaréu só tem aumentado¹⁰³, chegando a 50 mil na Semana Santa de 2018¹⁰⁴.

¹⁰² PARIS. UNESCO. **World Heritage List: Historic Centre of the Town of Goiás**. 2001. Disponível em: <whc.unesco.org/en/list/993>. Acesso em: 02 abr. 2018.

¹⁰³ PORTAL DA CIDADE DE GOIÁS (Cidade de Goiás) (Org.). **Patrimônio**. 2001. Texto adaptado do caderno "Goiás Patrimônio da humanidade" do Jornal O Popular de 2001. Disponível em: <http://www.cidadedegoias.com.br/>. Acesso em: 2 abr. 2018

¹⁰⁴ VELASCO, Murillo. **Tradição há 273 anos, Procissão do Fogaréu reúne milhares de fiéis na cidade de Goiás**. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 02 abr. 201

Temos onze ocorrências do termo em nosso *corpus*, sendo seis no *Guia de Cidades*, uma na revista *Partiu Brasil* e quatro no *Guia Unicard*. Todas elas se referem à Procissão do Fogaréu da Cidade de Goiás.

A estratégia de transferência foi a mais utilizada, tendo sido empregada sete vezes. Em todas as ocorrências, já havia no TF uma explicação contendo os detalhes da procissão.

A segunda estratégia mais utilizada foi a combinação da transferência do termo em português com a tradução literal, totalizando três ocorrências, sendo uma na revista *Partiu Brasil* e duas no *Guia Unicard*, todas resultando em “Fogaréu Procession”. A ocorrência na revista *Partiu Brasil* está no calendário anual de eventos no Brasil e é a única vez em que essa manifestação popular é mencionada no material. Não há nenhuma explicação sobre o evento. Nesse caso, tanto o turista brasileiro que lê o TF e não conhece a Procissão do Fogaréu, como o turista estrangeiro que lê o TM, precisarão buscar informações em outras fontes caso queiram mais detalhes.

As duas ocorrências dessa combinação de estratégias no *Guia Unicard* estão em um texto sobre a *Procissão do Fogaréu* na Cidade de Goiás, na mesma passagem onde encontramos as duas ocorrências da estratégia de transferência no guia. Aqui, ora o termo aparece como “Fogaréu Procession”, ora como “Procissão do Fogaréu”, indicando tratar-se de escolhas aleatórias de estratégias de tradução, e não de uma reflexão cuidadosa por parte do tradutor.

No *Guia de Cidades* temos a única ocorrência da combinação da estratégia de transferência com a de adição de explicação, resultando em “Procissão do Fogaréu (Bonfire Procession)”. Essa estratégia está em uma passagem sobre o Museu de Arte Sacra da Boa Morte da Cidade de Goiás, que é informado como ponto de partida da procissão.

Uma das ocorrências do termo no *Guia de Cidades* está equivocadamente na legenda de uma foto na seção de festas populares, cuja imagem, na realidade, é de uma apresentação de maracatu, dança originária de Pernambuco. Aqui temos um caso de edição por parte do tradutor, que corrigiu a informação no TM. Dessa forma, no TF temos: “Procissão do Fogaréu”, enquanto no TM, lemos: “Maracatu in Recife”.

3.30.1 “Procissão do Fogaréu” nos guias estrangeiros

Nos guias estrangeiros temos seis menções à Procissão do Fogaréu, sendo três no *Eyewitness*, duas no *Lonely Planet* e uma no *Rough Guides*. Uma das duas ocorrências no *Lonely Planet* trata da procissão realizada em Paraty, as outras cinco referem-se àquela que ocorre na Cidade de Goiás.

Como pode ser visto no esquema, ora o *Eyewitness* e o *Lonely Planet* empregam o termo em português, ora utilizam uma explicação sobre a procissão: “Traditional hooded parades in Semana Santa” (*Eyewitness*) e “Hooded religious figures take to the streets of Cidade de Goiás during Semana Santa” (*Lonely Planet*).

Destacamos aqui o equívoco cometido pelo *Eyewitness* quando faz uso do termo em português, grafando-o como “Processão do Fogaréu”. Os autores do guia ainda se enganam ao informar que a procissão encena o sepultamento e ressurreição de Jesus. Como explicado acima, são encenadas apenas a busca e a captura de Jesus pelos soldados romanos.

O *Rough Guides* menciona essa manifestação popular apenas uma vez, tratando-a como “Torchlit Easter Fogaréu procession”. A próxima seção discorrerá em detalhes sobre o emprego de “torchlit”.

Julgamos interessante comentar que, em todos os momentos em que era feita referência à Semana Santa nos guias, o termo era mantido em português. O *Eyewitness* foi o único a colocar uma tradução junto ao termo, o que resultou em “Semana Santa (Holy Week)”.

3.30.2 Exemplo de verbete

Tendo em vista o engano cometido pelo *Eyewitness*, destacamos a importância de especificar o que exatamente é encenado durante a Procissão do Fogaréu: a busca e captura de Jesus pelos soldados romanos.

Em uma de suas estratégias de tradução, o *Guia de Cidades* traduz o termo para “Bonfire Procession”, sendo “bonfire” o termo empregado para designar as tochas usadas na procissão. Para explicar de que trata a Procissão do Fogaréu, o *Lonely Planet* emprega “torchlit procession”, assim como o *Rough Guides*, que também usa “torchlit” para mencionar as tochas usadas nessa manifestação popular. Fizemos uma busca no COCA com “bonfire procession(s)” e com “torchlit procession(s)” para verificar a frequência desses dois termos. “Torchlit procession(s)” tem 39 ocorrências, enquanto a busca com “bonfire procession(s)” não obteve resultado. Conduzimos também uma pesquisa no *Google*, que exibiu 45.590 resultados para o primeiro e apenas 3.380 para o segundo. Ao procurarmos esses termos no *Google Images*, observamos que ambos designam as procissões nas quais os participantes levam tochas acesas consigo. Como a frequência de “torchlit procession” é consideravelmente maior, esse será o termo empregado em nosso exemplo de verbete.

Consideramos importante destacar a procissão que acontece na Cidade de Goiás devido à sua relevância no cenário nacional, além de informar que a cidade detém o título de Patrimônio Histórico da Humanidade.

3.30.2.1 Modelo de verbete de “Procissão do Fogaréu”

Procissão do Fogaréu

Feminine locution Pl: Procissões do Fogaréu

A torchlit procession that reenacts the search and arrest of Jesus by his enemies, who are usually represented by hooded torchbearers also known as *farricocos*. The procession that takes place in Cidade de Goiás (also known as Goiás Velho), a UNESCO World Heritage Site in the central-western state of Goiás, is the most prominent one, gathering thousands of people each year.

Where: In many cities throughout Brazil

When: Holy Thursday at midnight

See also: *Círio de Nazaré* for another important procession

Credit: creative commons / Flickr

Forty hooded torchbearers take to the streets of Cidade de Goiás on Holy Thursday.

Procissão do Fogaréu in Cidade de Goiás.

<https://www.youtube.com/watch?v=IEJ-TYwjIRM>

3.31 Análise de “Tambor de Crioula”

Esquema 58 – Estratégias para “Tambor de Crioula”

O Tambor de Crioula é uma manifestação popular afro-brasileira realizada em homenagem a São Benedito, praticada principalmente no Maranhão e que envolve dança circular feminina, percussão de tambores e canto¹⁰⁵. Recebeu o título de Patrimônio Cultural do Brasil pelo IPHAN em 2007. Não existe uma época do ano específica para a apresentação dos grupos de Tambor de Crioula. No entanto, é observada uma maior ocorrência da dança durante o Bumba-meu-boi e o Carnaval do Maranhão.

Temos somente seis ocorrências do termo em nosso *corpus*, sendo duas no *Guia de Cidades*, uma no *Livreto Junino*, uma no *Blog Embratur*, e duas no *Guia Unicard*. Em cinco ocorrências, a estratégia utilizada foi a de transferência. Em todos os casos, já havia no TF alguma explicação informando que o Tambor de Crioula é uma manifestação folclórica do estado do Maranhão, explicações que foram mantidas no TM. O autor do *Guia de Cidades*, porém, comete um equívoco ao afirmar que o Tambor de Crioula adquiriu o estatuto de Patrimônio Imaterial do Brasil pela UNESCO. Na realidade, o órgão responsável por ter concedido tal título a essa manifestação cultural é o IPHAN, como mencionado acima. Nada foi encontrado no site da UNESCO sobre o Tambor de Crioula. Essa incorreção não é percebida pelo tradutor, sendo, portanto, repetida no TM.

¹⁰⁵ BRASÍLIA. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ministério da Cultura. Tambor de Crioula do Maranhão. 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

Em uma das duas ocorrências do termo no *Guia de Cidades*, a estratégia empregada foi a de omissão. Aqui, o termo está em uma passagem que afirma que “manifestações culturais, como o Tambor de Crioula” chamam a atenção daqueles que visitam o Maranhão. Sendo apenas um exemplo dessas manifestações culturais mencionadas pelo autor do TF, o termo pôde ser omitido no TM sem que sua inteligibilidade fosse comprometida.

3.31.1 “Tambor de Crioula” nos guias estrangeiros

Esquema 59 - “Tambor de Crioula” nos guias estrangeiros

O *Lonely Planet* é o único guia estrangeiro que comenta o Tambor de Crioula. O termo está em uma passagem que afirma ser possível assistir a apresentações de “Tambor de Crioula dance” durante o Bumba-meu-boi no Maranhão. O texto traz também a informação de que se trata de uma dança afro-brasileira executada por mulheres.

3.31.2 Exemplo de verbete

Pouco é dito sobre o Tambor de Crioula nos materiais que compõem o nosso *corpus*. O *Lonely Planet* é o guia que traz informações mais completas, mencionando quando a dança costuma ocorrer e no que consiste. O único guia que traz a informação sobre o título de Patrimônio Cultural do Brasil concedido a essa manifestação cultural é o *Guia de Cidades*, mas comete um equívoco ao apontar o órgão responsável por sua concessão. A informação correta, portanto, constará do nosso exemplo de verbete.

O *Lonely Planet* usa o adjetivo “Afro-Brazilian” para qualificar a dança. Conhecendo também a variante “African-Brazilian”, recorreremos ao COCA para verificar qual dos dois termos era o mais frequente. O *corpus* exibiu 129 resultados para “Afro-Brazilian” e 21 para

“African-Brazilian”. Sendo o primeiro mais frequente, optamos por utilizá-lo em nosso exemplo de verbete.

3.31.2.1 Modelo de verbete de “Tambor de Crioula”

Tambor de Crioula

Masculine locution Pl: Tambores de Crioula

An Afro-Brazilian cultural manifestation in honour of Saint Benedict which involves drums, chants and a circular dance performed by women.

Where: In the northeastern state of Maranhão

When: Throughout the year, but especially during *carnaval* in the Northeastern state of Maranhão and during *bumba-meu-boi*.

Important Information: *Tambor de Crioula* has been granted the title of “Brazilian Cultural Heritage” by IPHAN (Institute of Brazilian Historical and Artistic Heritage).

Credit: maranhaomeu.wordpress.com

The circle of dancers surrounds an ever-changing soloist in the *Tambor de Crioula* performance.

Tambor de Crioula performances

<https://www.youtube.com/watch?v=RcGSkX5MjEk&list=RDRcGSkX5MjEk&index=1>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo propor um vocabulário bilíngue de festas populares brasileiras para tradutores e autores de textos turísticos em língua inglesa.

Recorrendo à Linguística de *Corpus* como aparato metodológico, compilamos um *corpus* paralelo composto por textos turísticos sobre o Brasil em português – e suas respectivas traduções para o inglês – e um *corpus* comparável com textos turísticos também sobre o país, escritos originalmente em ambas as línguas.

Com o *subcorpus* em português, extraímos os referentes culturais relativos a festas populares brasileiras, os quais deveriam compor o vocabulário proposto. Uma vez selecionados, recorremos ao *corpus* paralelo a fim de analisar quais estratégias os tradutores dos textos turísticos que o compõem empregaram para verter esses termos para o TM. Para tanto, nos baseamos na lista de estratégias de tradução de referentes culturais proposta por Marco (2002). Para investigarmos se as soluções encontradas pelos tradutores favoreciam o cumprimento da função do TM na cultura-meta, nos apoiamos nos preceitos da Teoria Funcionalista da Tradução. O intuito de conduzir essa análise foi o de identificar elementos que nos auxiliassem na elaboração de um vocabulário bilíngue que pudesse ir ao encontro das necessidades dos tradutores de textos turísticos sobre o Brasil.

Com o *corpus* comparável, estudamos como os referentes culturais selecionados são tratados nos textos turísticos escritos originalmente em inglês. Essa etapa tinha o objetivo inicial de nos auxiliar nas escolhas lexicais para a redação das definições dos termos no vocabulário. No entanto, o estudo do *corpus* revelou informações equivocadas trazidas pelos guias estrangeiros sobre as festas populares brasileiras, o que nos indicou quais informações deveriam constar dos verbetes. Consequentemente, o vocabulário proposto, que inicialmente visava atender principalmente às necessidades de tradutores de guias turísticos sobre o Brasil para o inglês, foi direcionado para um segundo público-alvo: autores estrangeiros de guias turísticos sobre o Brasil que devem escrever sobre nossas complexas festas populares.

Análises das estratégias de tradução e Funcionalismo

A análise das estratégias utilizadas nas traduções dos referentes culturais em textos turísticos com base na Teoria Funcionalista da Tradução nos faz refletir sobre aquelas que são mais adequadas para o propósito do TM. O tradutor, primeiramente, precisa ter em mente as funções primárias e secundárias desses textos e considerá-las no momento da tradução. No caso dos textos turísticos, a função informativa é secundária e não deve atrapalhar a apelativa. Isso significa, como visto em 1.2, que é necessário que a quantidade de informação oferecida no TM seja balanceada pelo tradutor, o qual disponibilizará aquilo que auxilie o leitor do TM a entender o referente cultural, sem que haja uma sobrecarga de informação ou falta dela. Reiss e Vermeer (1996), como já mencionado na referida seção, explicam que as informações no TF devem ser modificadas ao serem dirigidas a outro público, já que a quantidade de informação que os leitores do TF e os do TM necessitam é distinta. Depreende-se daí que o TF é fonte primária de informações para que o tradutor, com base nelas e na função do TM, produza um outro texto para a cultura-meta. Consequentemente, determinadas estratégias serão mais ou menos apropriadas para a versão de referentes culturais para o TM.

Faremos a seguir algumas considerações sobre as principais estratégias de tradução de referentes culturais encontradas em nosso *corpus* tendo como base a Teoria Funcionalista da Tradução.

Um dos fatores que procuramos analisar primeiramente foi o de padronização no emprego dessas estratégias. O estudo do *corpus* paralelo revelou que não existe consenso sobre as estratégias de tradução a serem adotadas para um referente cultural, nem ao menos no mesmo material. Em muitos casos, houve utilização de estratégias diferentes para o mesmo referente cultural em um único parágrafo, como foi o caso do termo “escola de samba” no *Guia de Cidades*, no qual, em uma passagem, ora temos a estratégia de neutralização (“groups”), ora temos a combinação da transferência com a adição de informação (“escolas de samba (samba schools)”), o que, como observado na análise no termo, não parece ter sido uma escolha pautada em uma reflexão aprofundada. A padronização de estratégias em um mesmo material uniformiza o texto e contribui para a sua fluidez, além de contribuir para o cumprimento de sua função de chamar a atenção do leitor do TM e aguçar a sua curiosidade com relação ao referente cultural mencionado. Imagens são recursos importantes para que um texto turístico cumpra a sua função apelativa, mas a não-padronização das estratégias empregadas para o termo “quadrilha” na revista *Cores e Sabores* no corpo do texto e na foto que ilustra a dança pode ter sido uma oportunidade perdida de realçar para o leitor a tipicidade do referente cultural.

Com relação à frequência da utilização das estratégias, a mais utilizada foi a transferência, com 39% de ocorrências, seguida da estratégia de tradução literal, com 30%.

Aqui consideramos essas estratégias empregadas isoladamente, sem estarem em conjunto com nenhuma outra.

A utilização da estratégia de transferência favorece a manutenção da brasilidade e exotividade do referente cultural, mas, como observado na análise de “boi-bumbá” e “bumba meu boi”, é necessária uma reflexão sobre a real necessidade da transferência dos termos para que não se corra o risco de sobrecarregar o leitor-meta com conceitos que desconhece, caso não seja possível alguma adição de informação. Sobre esta, salientamos que é imprescindível que o tradutor tenha um conhecimento sólido sobre o referente cultural com o qual está lidando, para que não forneça uma informação equivocada, como verificado na análise de “Bumbódromo”, cuja adição de explicação informa erroneamente ser esse o local das festas de “Bumba meu boi”.

No que tange à segunda estratégia mais utilizada, a tradução literal, não nos parece uma solução acertada aplicá-la isoladamente a referentes culturais em textos turísticos, já que se perde totalmente a brasilidade do termo. É interessante que esta seja mantida já que a exotividade do referente é um elemento que atrai turistas. Ademais, se essa estratégia é aplicada a nomes de festas, como vimos na análise de “arraial”, em que “Arraial de Belô” foi traduzido para “Belô Fair”, o texto pode deixar de auxiliar o turista a chegar ao local desejado, já que a festa não é conhecida pelo nome fornecido no TM.

Uma outra estratégia que contribui para a perda da brasilidade dos referentes culturais é a de equivalência cultural, com 5% de ocorrência no *corpus*. Verter “quentão” para “punch”, “cachaça” para “rum” e “trio elétrico” para “bandwagon” em textos turísticos é, para usarmos as palavras de Nord (vide seção 1.2), “enganar” o leitor, que, ao chegar a uma Festa Junina, não irá beber “punch”; ao tomar “quentão” notará que a bebida não é feita com “rum” e ao participar do carnaval de Salvador, não deparará com “bandwagons”. Trazemos de volta, portanto, o conceito de lealdade que Nord trouxe para o Funcionalismo no final dos anos 80, já mencionado em 1.2. Essa lealdade não se deve apenas para com o leitor do TM, que não deve ser “enganado” pelo texto, mas também para com o autor do TF, que confia que o TM será bem-sucedido na sua função de atrair o turista para conferir os referentes culturais divulgados, em toda a sua brasilidade.

Vimos que a neutralização empregada isoladamente, com 3% de ocorrência no *corpus*, foi utilizada muitas vezes ou como referente anafórico ou para generalizar referentes culturais quando não havia espaço para adição de informação.

O estudo das traduções com base na lista de estratégias para referentes culturais de Marco (2002), revelou duas estratégias que não constam da lista do autor: 1) o uso de outro

termo da LF (seções 3.12, 3.14 e 3.22) e 2) uso de qualificador (3.24). Observamos ainda, na análise de Procissão do Fogaréu (seção 3.30), um caso de correção de informação, o qual constitui-se como manipulação do texto por parte do tradutor, mas não podemos dizer que se trata de estratégia de tradução. Considerações sobre essas ocorrências foram feitas durante as análises, no entanto, vale acrescentar aqui que as estratégias 1 e 2 evidenciam a variedade de soluções das quais um tradutor pode lançar mão para verter referentes culturais para o TM. Cabe ao tradutor, de acordo com o trabalho que tem em mãos, considerando a função do TM, os problemas de tradução e as limitações que encontrar, lançar mão das estratégias mais apropriadas para que possa oferecer um texto de qualidade.

Com relação ao *corpus* composto pelos guias escritos originalmente em inglês, calculamos 90% de ocorrências em que os referentes culturais foram mantidos em sua forma original em português. Havia no contexto sempre uma explicação sobre o que era o referente cultural mencionado, por exemplo, se era uma festa ou uma dança. Vale destacar a diferença entre a maneira como os referentes culturais foram tratados nas traduções (39% de transferência em português para o TM) e como foram tratados nos textos originais escritos em inglês (90% de manutenção em português). Investigar o porquê dessa diferença fugiria ao escopo desta pesquisa, no entanto, nos parece um tema interessante para estudos futuros.

Análises e proposta do Vocabulário Bílingue de Festas Populares Brasileiras

A análise do *corpus* comparável nos revelou, como visto acima, o tratamento dado aos referentes culturais em textos turísticos estrangeiros. Como em 90% das ocorrências os termos eram mantidos em português, a maneira como os autores explicavam os referentes culturais contribuiu para suas definições no vocabulário proposto. Nord (2014), em uma entrevista para a revista *Cadernos de Tradução*, explica que uma maneira eficaz de verter um referente cultural brasileiro para um texto em outro idioma é investigar como os autores nativos daquela cultura já trataram esses referentes culturais. A sugestão da autora só corroborou a nossa escolha de analisar os textos turísticos escritos originalmente em inglês para elaborar as definições dos verbetes. Além disso, como mencionado anteriormente, a análise desse *corpus* também revelou uma grande quantidade de informações equivocadas sobre as festas populares brasileiras trazidas por esses guias, o que nos ajudou a estabelecer quais campos os verbetes deveriam trazer, enriquecendo ainda mais nosso trabalho.

Com relação à análise do *corpus* paralelo, este nos revelou que, em muitos casos, as escolhas por determinadas estratégias de tradução e certas escolhas lexicais na língua-meta deixavam confusa ou antinatural a passagem na qual o referente cultural estava inserido. Uma obra terminográfica como a proposta nesta pesquisa poderá auxiliar o tradutor na escolha de um vocabulário que deixe seu texto mais fluido e natural, uma vez que o léxico presente nas definições dos termos foi retirado de textos escritos originalmente em inglês. Além disso, nossa obra terminográfica traz informações enciclopédicas que não apenas auxiliam autores estrangeiros a compreenderem melhor o referente cultural sobre o qual estão escrevendo, mas também auxiliam os tradutores na inclusão de informações sobre os referentes culturais, caso julguem necessário. Com todas as informações em um só local, o profissional economiza o tempo que despenderia em pesquisas na *internet*.

Salientamos que os recursos oferecidos pela LC fizeram-se indispensáveis na elaboração de uma obra que procurasse alcançar o objetivo proposto, uma vez que, de acordo com Bevilacqua (2013) – e como já mencionado na seção 2.1 – eles auxiliam as várias etapas do fazer terminográfico: a compilação de um *corpus* específico da área para a qual a obra terminográfica pretende contribuir, a identificação dos candidatos a termo e, por fim, a extração de dados que contribuirão para a elaboração das definições. Além disso, uma obra terminográfica baseada em um estudo de *corpus*, revela detalhes que passariam despercebidos se empregada outra metodologia. Um exemplo é o termo “boi-bumbá” que, além da dança folclórica, também designa os grupos que a executam. Essa última acepção do termo não consta de nenhum dicionário de língua portuguesa, tendo sido evidenciada durante o estudo do nosso *corpus*.

Acrescentamos que a LC poderia ser igualmente aplicada para a confecção de obras terminográficas de outros domínios em que os referentes culturais são importantes, como, por exemplo, religiões afro-brasileiras, artesanato, música e folclore brasileiros.

Esperamos que este trabalho seja o primeiro passo para a elaboração de um vocabulário bilíngue de festas populares brasileiras completo, que contenha mais festas e mais termos pertencentes a seus campos temáticos, para que, futuramente, possa ser disponibilizado ao seu público-alvo, auxiliando tradutores e autores de textos turísticos em inglês na complexa tarefa de lidar com referentes culturais nesses textos.

Textos turísticos nos cursos de formação de tradutores

Esta pesquisa procurou oferecer uma contribuição para um setor em constante expansão e com um papel cada vez mais importante na economia do Brasil: o turismo. Um vocabulário bilíngue como o proposto pode favorecer uma melhor comunicação entre o setor e os turistas que objetiva atrair. Essa comunicação poderia ser ainda mais eficaz se os cursos de formação de tradutores, reconhecendo a importância dos textos turísticos para o setor e a complexa tarefa de traduzi-los, os incluíssem em seus programas. Esta dissertação apresentou muitas situações em que as traduções dos textos turísticos deixaram a desejar, correndo o risco de exportar uma imagem de amadorismo do Brasil, além de dificultar o cumprimento do propósito desses textos na cultura-meta. Como já comentado neste trabalho, a má qualidade das traduções dos textos do setor já foi alvo de críticas de vários autores (vide introdução). A julgar por algumas passagens analisadas, podemos concluir que pouca coisa tenha mudado. A publicação de materiais de qualidade voltados para tradutores e autores de textos turísticos em inglês e a inclusão desses textos como objeto de estudo nos programas de tradução tem muito a colaborar para que a indústria do turismo atraia cada vez mais estrangeiros para o Brasil, contribuindo, conseqüentemente, para o crescimento desse setor de nossa economia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDRIGUE, Natália de Souza; ESPÍNDOLA, Lucienne. Expressões linguísticas metafóricas como recurso argumentativo em folderes turísticos. **Vereadas**, Juiz de Fora, p.190-201, fev. 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/artigo-152.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2018.
- ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. O percurso da Terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. **Tradterm**, São Paulo, v. 9, p.211-222, 2003.
- ANTHONY, Lawrence. Developing AntConc for a new generation of corpus linguists. In: CORPUS LINGUISTICS CONFERENCE, 2013, Lancaster. **Proceedings**. Lancaster: Lancaster University, 2013. p. 14 - 16. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/research/20130722_26_cl_2013/cl_2013_paper_final.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- BERBER SARDINHA, Tony. A influência do tamanho do corpus de referência na obtenção de palavras chave. **Direct Papers**, São Paulo, n. 38, p.1-18, 1999. Disponível em: <http://www2.lael.pucsp.br/direct/direct_papers.htm>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- _____. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole, 2004.
- BEVILACQUA, Cleci Regina. Por que e para que a Linguística de Corpus na Terminologia. In: TAGNIN, Stella; BEVILACQUA, Cleci Regina (Org.). **Corpora na Terminologia**. São Paulo: Hub Editorial, 2013. p. 11-27.
- _____; TAGNIN, Stella. **Introdução**. In: TAGNIN, Stella; BEVILACQUA, Cleci Regina (Org.). **Corpora na Terminologia**. São Paulo: Hub Editorial, 2013. p. 11-27.
- CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología: representación y comunicación**. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999. 369 p.
- CALVI, Maria Vittoria. Los géneros discursivos en la lengua del turismo: una propuesta de clasificación. **Ibérica**, Castellón, v. 19, p.09-31, 2010.
- CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. **Cambridge Dictionary**. 2018. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org>>. Acesso em: 19 jul. 2018.
- CAPONERO, Maria Cristina; LEITE, Edson. Inter-relações entre festas populares, políticas públicas, patrimônio imaterial e turismo. **Patrimônio: lazer & turismo**, Santos, v. 07, n. 10, p.99-113, abr. 2010. Disponível em: <www.unisantos.br>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O Boi-bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, v. 6, p.1019-1031, set. 2000.
- CHESTERMAN, Andrew. **Memes of translation: the spread of ideas in translation theory**. Amsterdam/philadelphia: J Benjamins, 1997. 225 p.

COLLINS Dictionary. Disponível em: <<http://www.collinsdictionary.com/>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

COSTA, Ana Teresa Perez. **Brasil mostrando a sua cara: estratégias de tradução no material de divulgação cultural: um estudo baseado em corpus**. 2006. 233 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística Aplicada, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

CRUCES COLADO, Susana. El origen de los errores en traducción. In: DOMINGO Pujante; GONZÁLEZ, Elena Real Ramos; DOLORES, Jiménez Plaza (coord.), **Écrire, traduire et représenter la fête**. Valencia: Universitat de València. 2001 p. 813-822.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Priberam**. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

DUFF, Alan. **The third language: recurrent problems of translation into English**. California: Pergamon Press, 1981. 138 p.

EDITORA MELHORAMENTOS. **Michaelis: dicionário brasileiro da língua portuguesa**. 2015. Disponível em: <michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 16 jul. 2018

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 3, 1995.

FERREIRA, Maria Nazareth. **As festas populares na expansão do turismo: a experiência italiana**, São Paulo: Arte & Ciência, 2005. 264 p.

FERREIRA, Maria Nazareth. **As festas populares na expansão do turismo**. São Paulo: Arte & Ciência, 2001. 112 p.

FLORIN, Sider. Realia in translation. In: ZLATEVA, Palma (Ed.). **Translation as social action: Russian and Bulgarian Perspectives**. London: Routledge, 1993. p. 122-128.

GIFFONI, Maria Amália. **Danças folclóricas brasileiras e suas aplicações educativas**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

HAMÍLCAR DE GARCIA. Lexicon Editora Digital Ltda. **IDicionário Caldas Aulete**. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

KELLY, Dorothy. The translations of texts from the tourist sector: textual conventions, cultural distance and other constraints. **Trans: Revista de Traductología**, Málaga, v. 2, p.33-42, 1997.

KOSHAR, Rudy. 'What ought to be seen': tourists' guidebooks and national identities in modern Germany and Europe. **Journal of Contemporary History**, Thousand Oaks, v. 33, n. 3, p.323-340, jun. 1998.

LEAL, Alice. Funcionalismo e tradução literária: o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos. **Scientia Translationis**, Florianópolis, p.01-09, 2006.

LEECH, Geoffrey. Corpora and theories of linguistic performance. In: J. SVARTVIK (org.). **Directions in Corpus Linguistics**: proceedings of Nobel Symposium 82, Stockholm, 4-8 August 1992. Berlin, New York: De Gruyter.

LEPPIHALME, Ritva. **Culture Bumps**: An Empirical Approach to the Translation of Allusions. Cleverdon: Multilingual Matters, 1997.

LUCAS, Lucía Clara Serrano. **Traducción para el turismo y el ocio**. Murcia: Universidad de Murcia, 2012. Color.

MARCO, Josep. **El fil d'Ariadna**: Anàlisi Estilística i Traducció literària. Vic: Eumo Editorial, 2002. 331 p.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Gêneros Textuais**: constituição e práticas sociodiscursivas. São Paulo: Cortez, 2009. p. 1-18

MARQUEZE, Giovana Martins de Castro. Proposta de um vocabulário bilíngue de festas populares brasileiras baseada em um estudo de corpus. In: FINATTO, Maria José Bocorny et al (Org.). **Linguística de corpus**: perspectivas. Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRS, 2018. p. 155-182. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/elc-ebralc2017/livro-ebralc-elc2017/Linguisticadecorpus_NOVO_FINAL_09mai2018.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2018.

MARTINS, Luís Saldanha. Os guias de viagem, a cartografia e os fundamentos do turismo. In: IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 4, 2011, Porto. Anais. Porto: Universidade do Porto, 2011. p. 1 – 17

MERKAJ, Ledina. Tourist communication: a specialized discourse with difficulties in translation. **European Scientific Journal**, Açores, v. 2, p.321-325, dez. 2013.

MACMILLAN Dictionary. Disponível em: <<http://www.macmillandictionary.com/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

MUÑOZ, Isabel Durán. Analysing common mistakes in translations of tourist texts (Spanish, English and German). **Onomázein**, Málaga, v. 2, n. 23, p.335-349, 2012.

NEWMARK, Peter. **A textbook of translation**. Hertfordshire: Prentice Hall International, 1988. 311 p.

NORD, Christiane. Scopos, Loyalty, and Translational Conventions. **Target International Journal of Translation Studies**, [s.l.], v. 3, n. 1, p.91-109, 1 jan. 1991. John Benjamins Publishing Company. <http://dx.doi.org/10.1075/target.3.1.06nor>.

_____. **Translating as a Purposeful Activity**: Functionalist Approaches Explained. Amsterdam: St. Jerome Publishing, 1997. 154 p

_____. **Text analysis in Translation**: theory, methodology, and didactic application. 2. ed. Amsterdam: Rodopi, 2005. 274 p. Tradução de Christiane Nord e Penelope Sparrow do livro em alemão de 1988.

_____. Function plus loyalty: ethics in Professional Translation. **Génesis: Revista Científica do ISAG**, Porto, p.7-17, 2007.

OXFORD Dictionaries. Disponível em: <<http://www.oxforddictionaries.com/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

REBECHI, Rozane Rodrigues. **A tradução da culinária típica brasileira para o inglês: um estudo sob o enfoque da Linguística de Corpus**. 2015. 393 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês, Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans J. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción**. Madrid: Ediciones Akal, 1996. 206 p. Tradução de Sandra García Reina e Celia Martín de León da edição em alemão de 1991.

REISS, Katharina. Type, kind and individuality of text: decision making in translation, 1971. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). **The translation studies reader**. London: Routledge, 2000. Cap. 12. p. 160-171.

SIRRIYYA, Sawsan Saleh. Editing source text errors in translation. **Translation Journal**, Palatine, v. 19, n. 1, jan. 2016. Disponível em: <<http://translationjournal.net/January-2016/editing-source-text-errors-in-translation.html>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

SNELL-HORNBY, Mary. The ultimate comfort: word, text and the translation of tourist brochures. In: ANDERMAN, Gunilla; ROGERS, Margaret (Ed.). **Word, text, translation**. Clevedon: Multilingual Matters, 1999a. p. 95-103.

SNELL-HORNBY, Mary. Communicating in the Global Village: on language, translation and cultural identity. **Current Issues in Language And Society**, [s.l.], v. 6, n. 2, p.103-120, abr. 1999b. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13520529909615539>.

TAGNIN, Stella E. O. A Linguística de Corpus na e para a Tradução. In: TAGNIN, Stella E. O.; VIANA, Vander (Org.). **Corpora na Tradução**. São Paulo: Hub Editorial, 2015. p. 19-56